

Principais desafios para a Juventude no Brasil e impactos sobre a renda e a produtividade

Outubro de 2023

Paulo Tafner, Sergio Guimarães Ferreira e Leandro Rocha (Imds) e Samuel Franco e Débora Leandro (Oppen Social)

Objetivos

- 1) Apresentar uma visão panorâmica do Brasil e do Mundo
- 2) Apresentar a dinâmica demográfica da população jovem e em idade ativa em perspectiva comparada;
- 3) Identificar a situação da produtividade do Brasil, com olhar específico para a juventude;
- 4) Identificar características sociodemográficas que determinam a inserção produtiva;
- 5) Verificar a relação entre o uso do tempo dos jovens em diferentes grupos sociodemográficos;
- 6) Calcular a produtividade perdida pela baixa capacitação da juventude (exercício contrafactual)

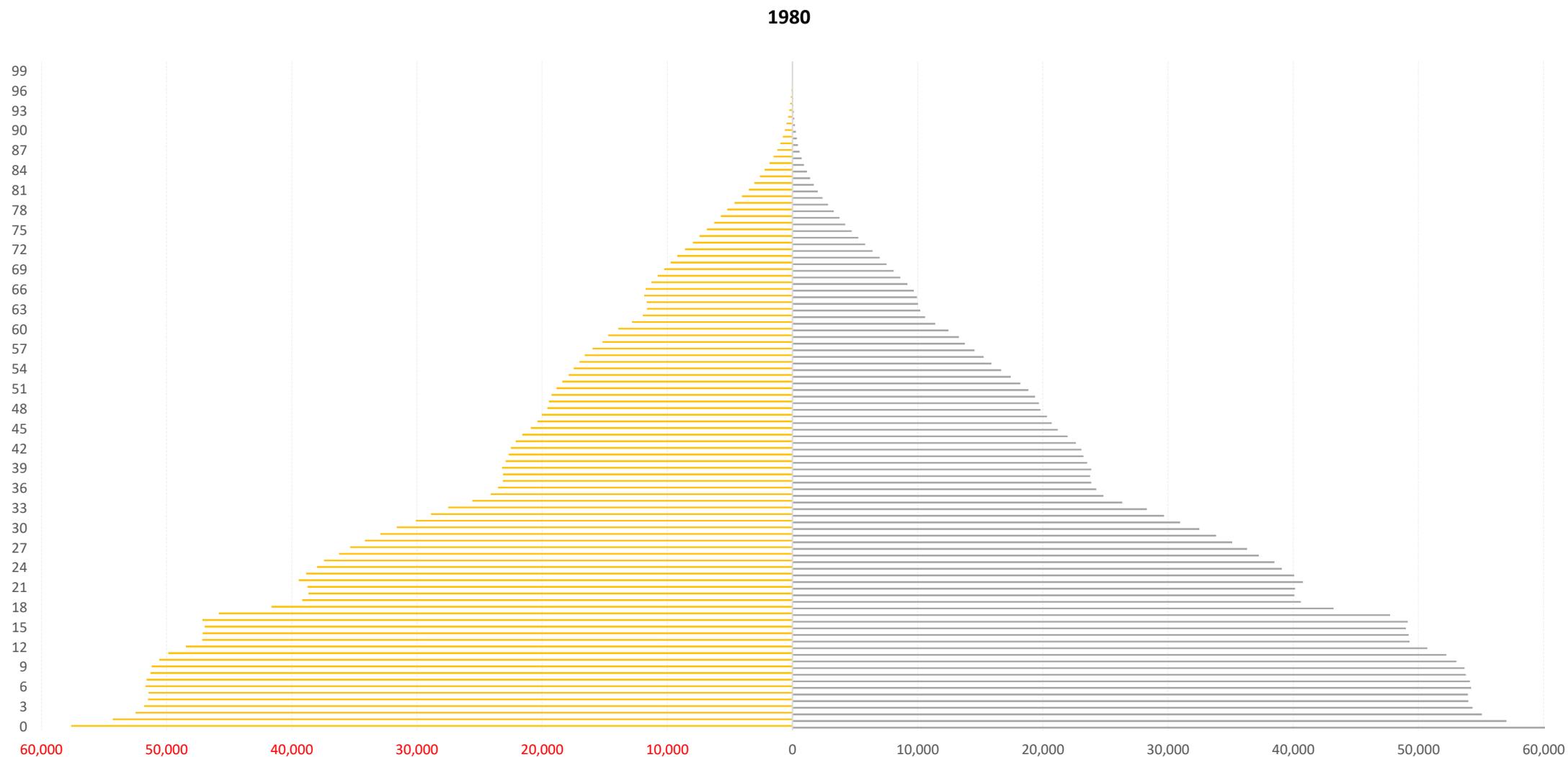
Fonte de dados

- IBGE: Estimativas da População; Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Anual Visita 1 (2012 a 2019) e Visita 5 (2020 a 2022);
- United Nations: Population Division, Department of Economic and Social Affairs: World Population Prospects 2022, July 2022

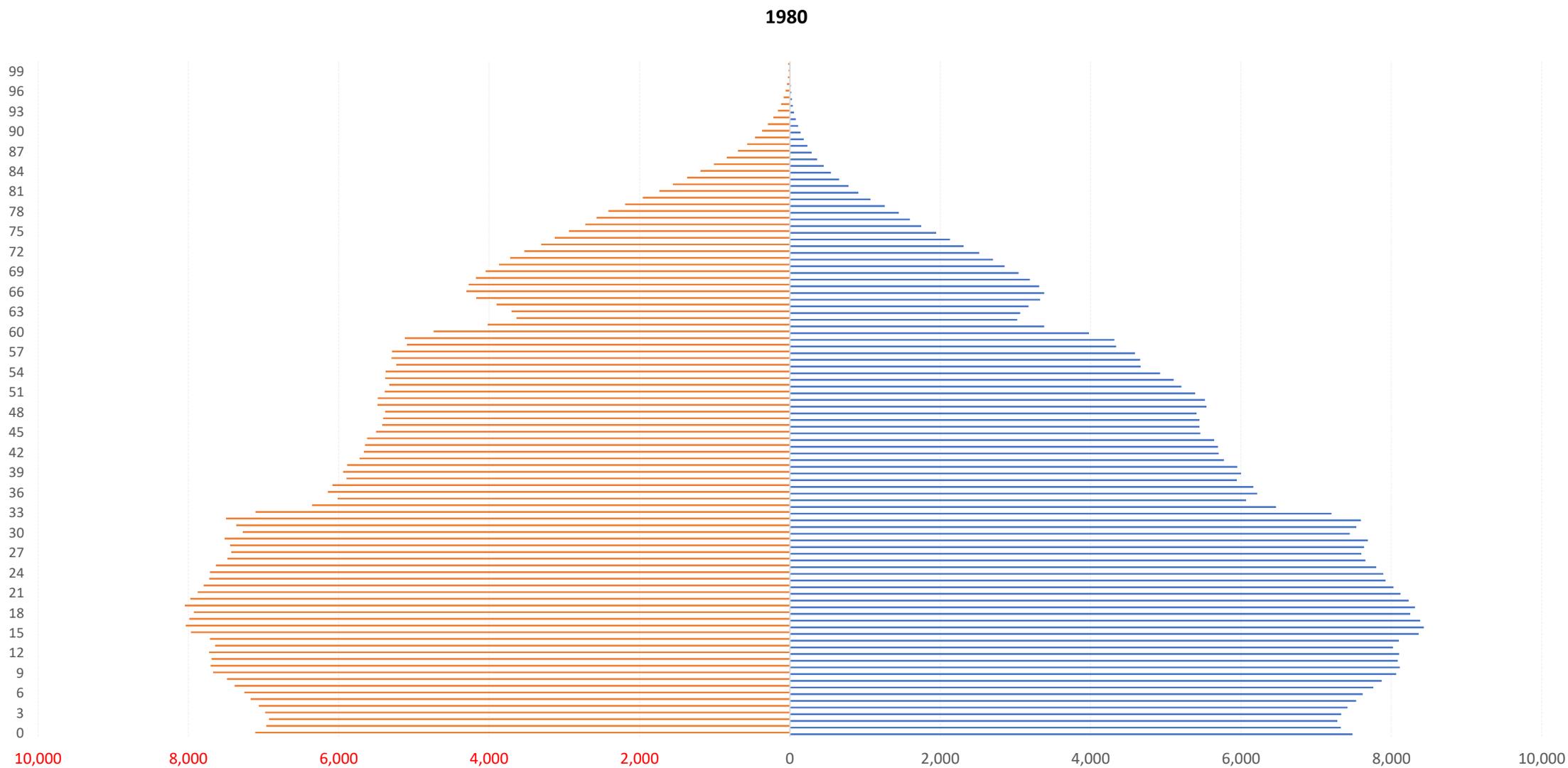
1. Movimento Demográfico no Brasil e no Mundo

Uma breve visão panorâmica

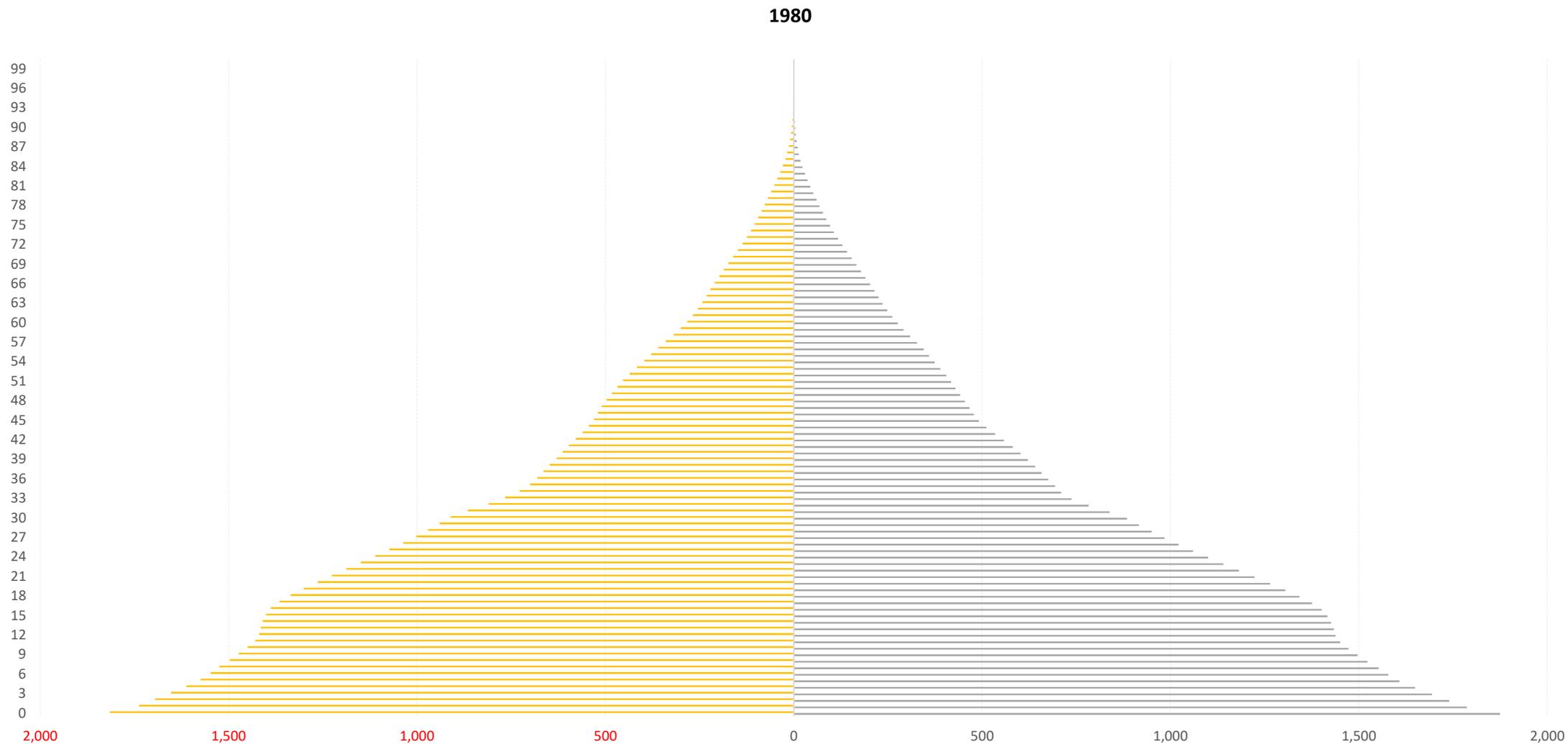
Pirâmide Etária - Mundo: 1980



Pirâmide Etária – Países de Alta renda: 1980



Pirâmide Etária – Brasil: 1980



Trinta anos depois e ...

Já estávamos no terceiro milênio

O mundo dava os primeiros sinais de arrefecimento da expansão demográfica

Nos países ricos as coortes etárias mais numerosas tinham entre 40 e 50 anos. O número de crianças era pelo menos 20% menor do que as coortes com indivíduos entre 40 e 50 anos

Os países de renda média iniciavam o mesmo processo vivido pelos ricos 30 anos antes

Somente os países pobres é que continuavam com ritmo acelerado de crescimento demográfico

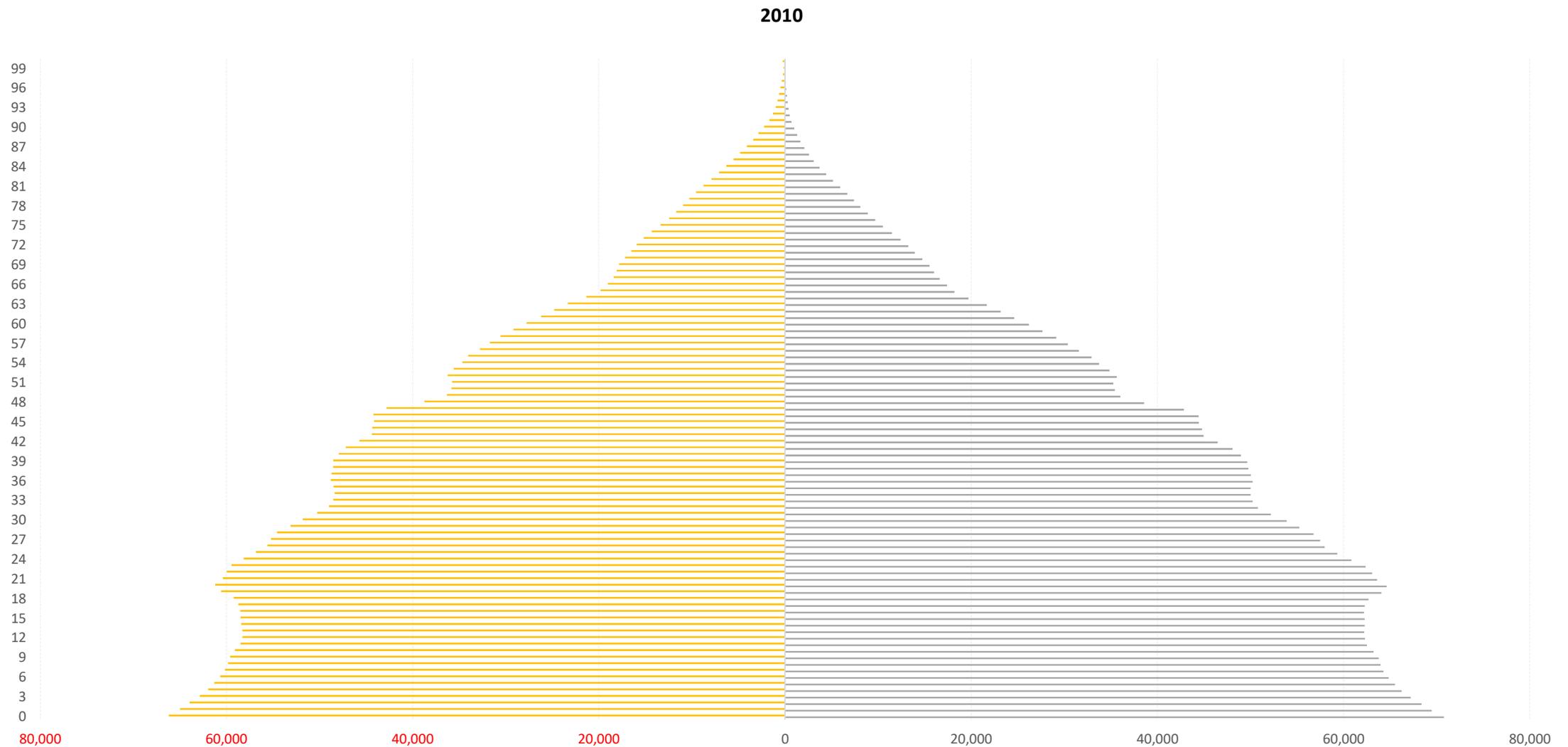
E o Brasil ...

Era um país destoante.

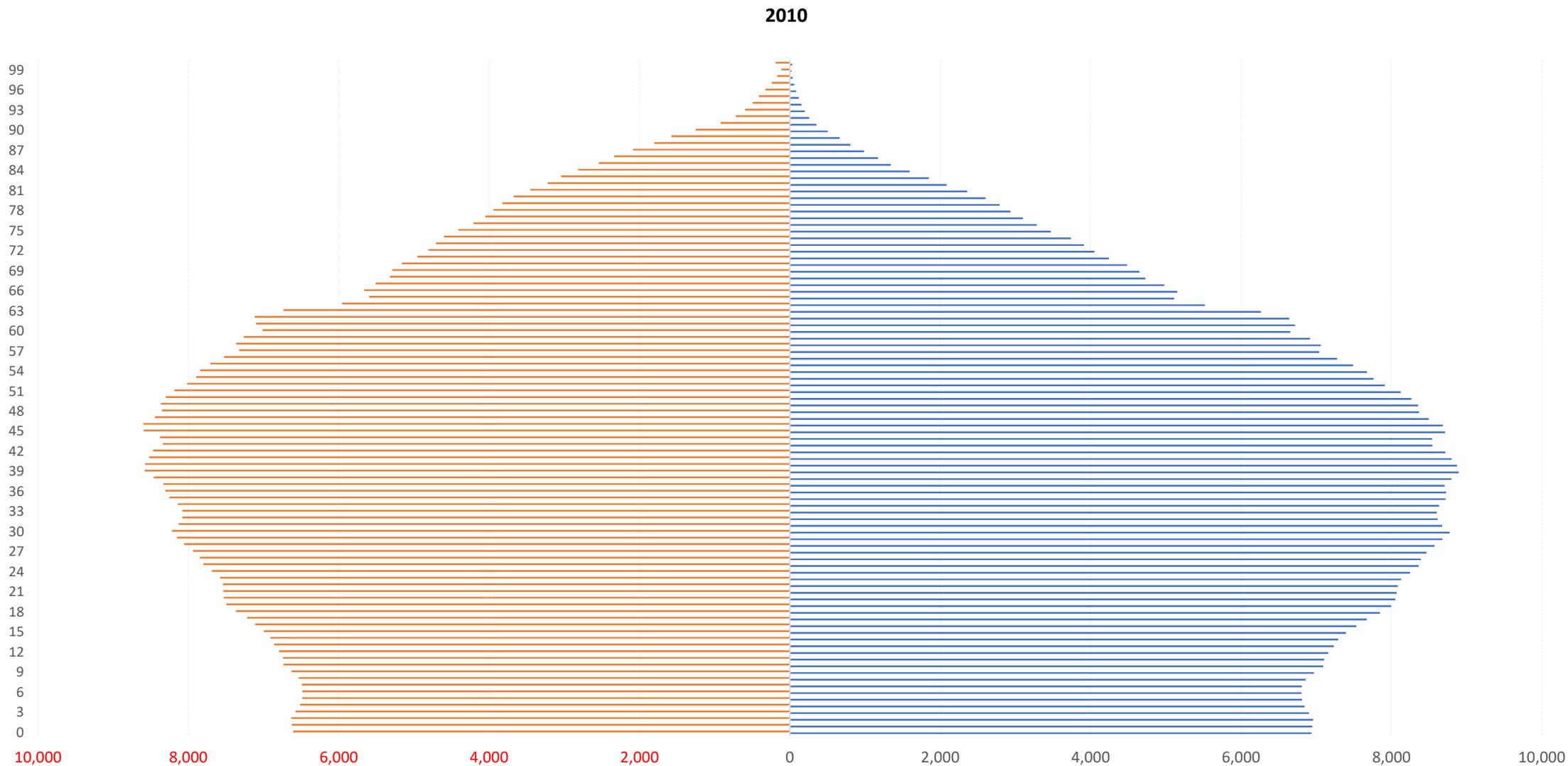
País de renda média baixa – com baixíssimo crescimento econômico, desde os anos 1980 – passava a ter comportamento demográfico de país rico, vivia o bônus demográfico, mas não dava sinais de que iria enriquecer.

Crescimento econômico pífio desde 1980 e rápido processo de envelhecimento, ganha força uma dúvida crucial: **ficaremos velhos antes de enriquecermos?**

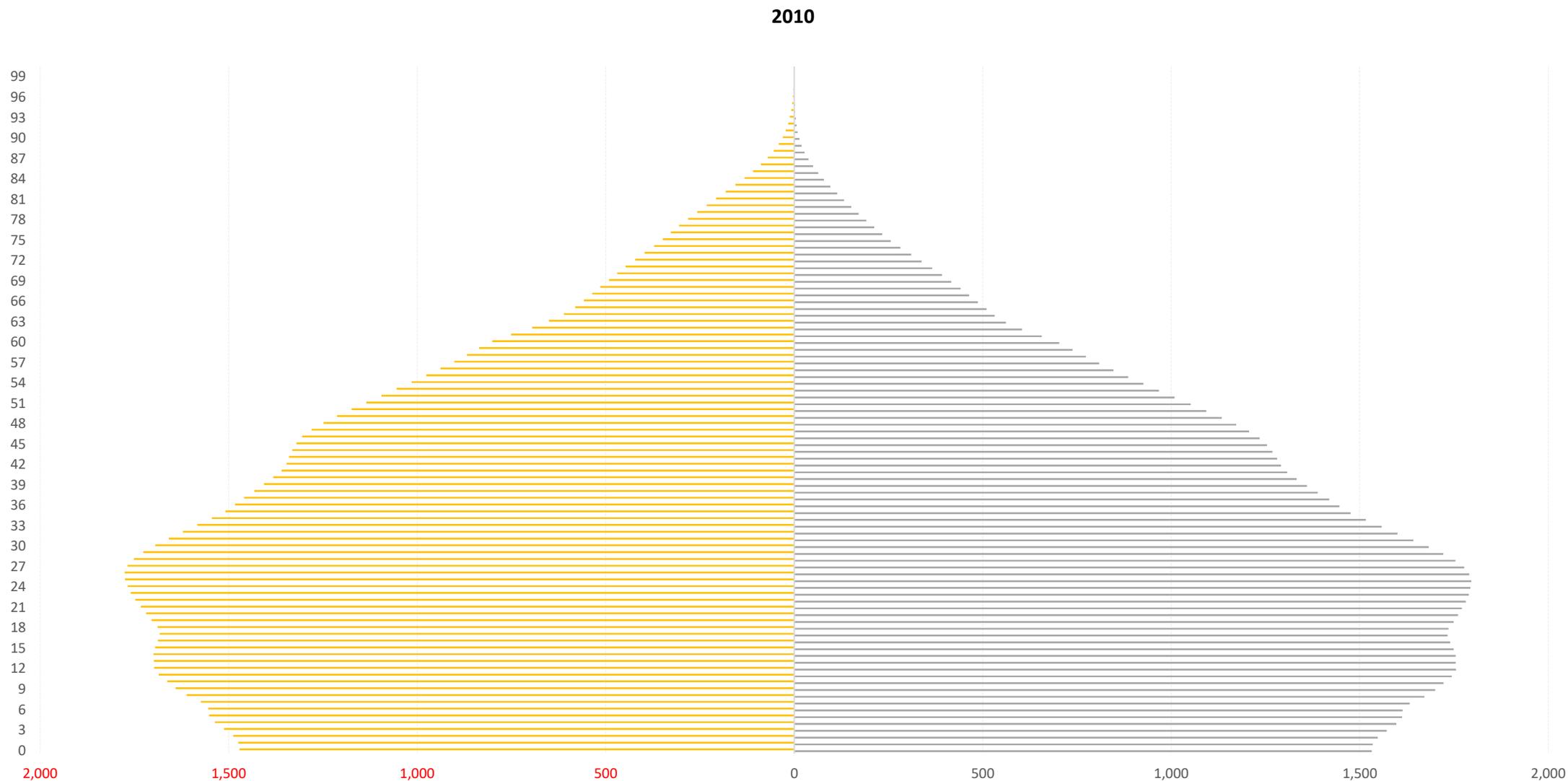
Pirâmide Etária - Mundo: 2010



Pirâmide Etária – Países de Alta Renda: 2010



Pirâmide Etária – Brasil: 2010



Olhando um pouquinho à frente...

Rumo à convergência demográfica

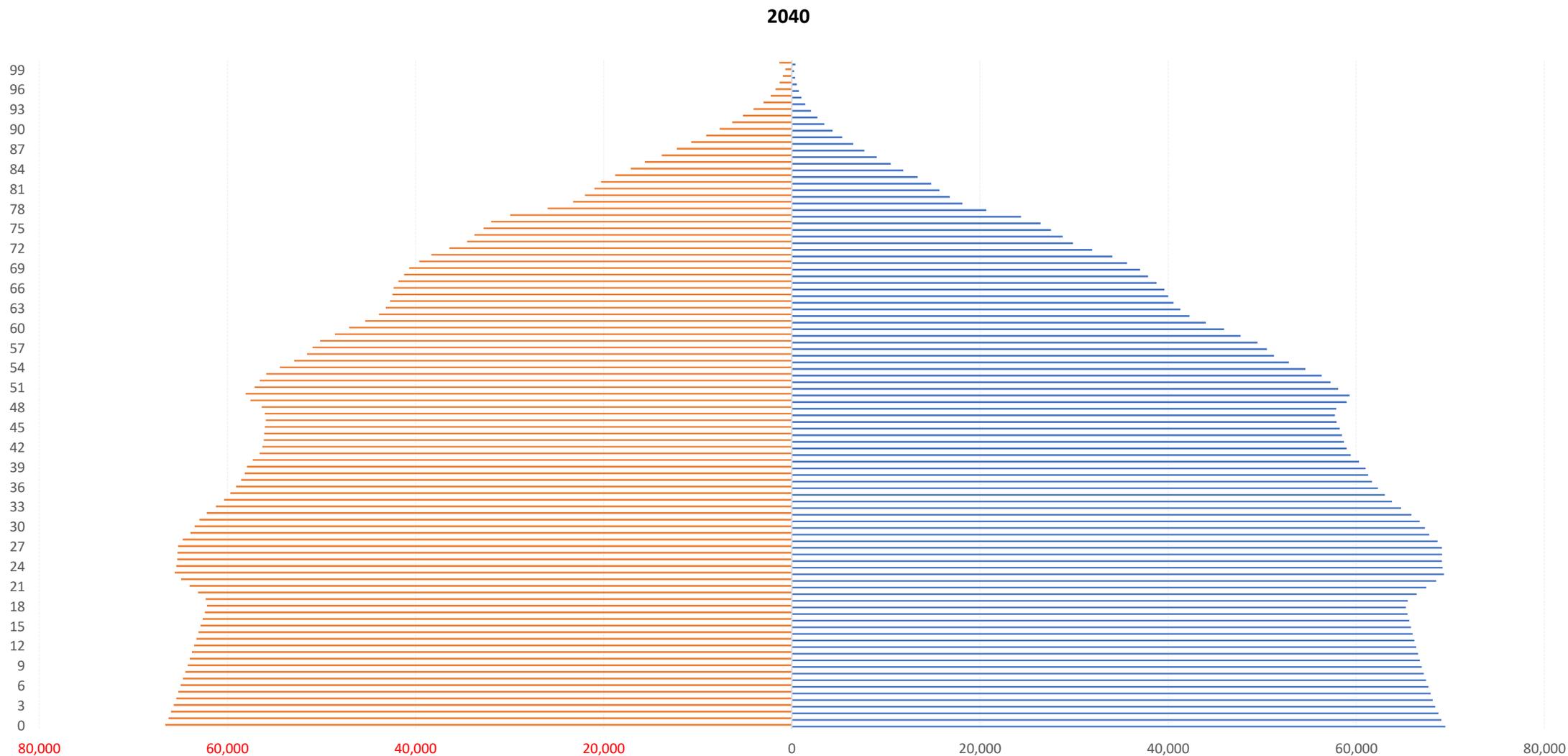
O mundo começará a envelhecer em praticamente todos os países – as poucas exceções estarão em alguns países da África.

Pela primeira vez na história o número de crianças de 0-9 anos no mundo será igual ao número de jovens de 20-29 anos

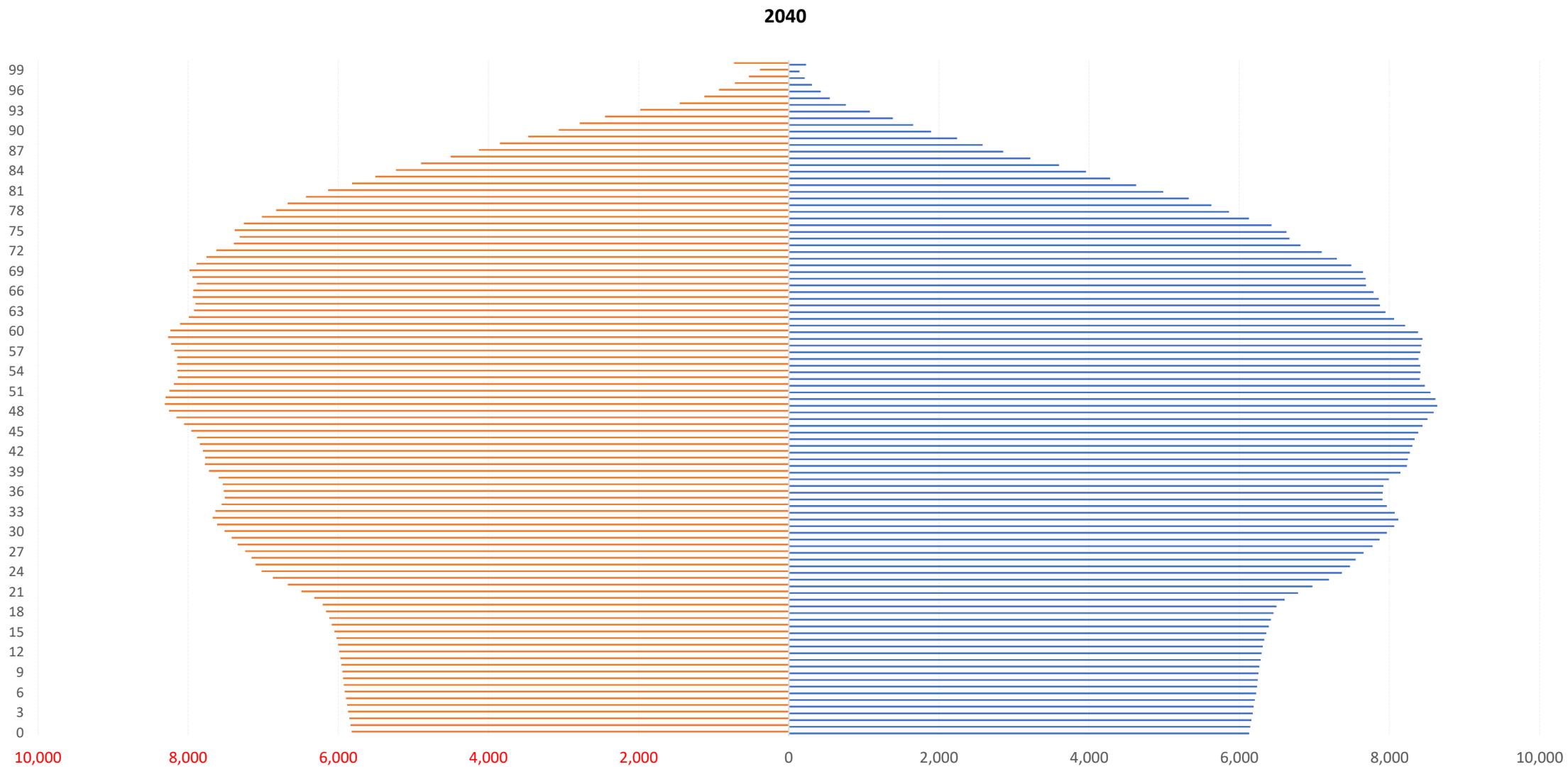
Apenas a África ainda continua a produzir aumento da população. Mas a taxas flagrantemente decrescentes

Países ricos terão mais indivíduos acima de 50 anos do que entre 0-39 anos e os centenários ultrapassarão a marca de 500 mil

Pirâmide Etária - Mundo: 2040



Pirâmide Etária – Países de Alta Renda: 2040



E o Brasil ?

O Brasil estará mais envelhecido que a média mundial e próximo dos países ricos.

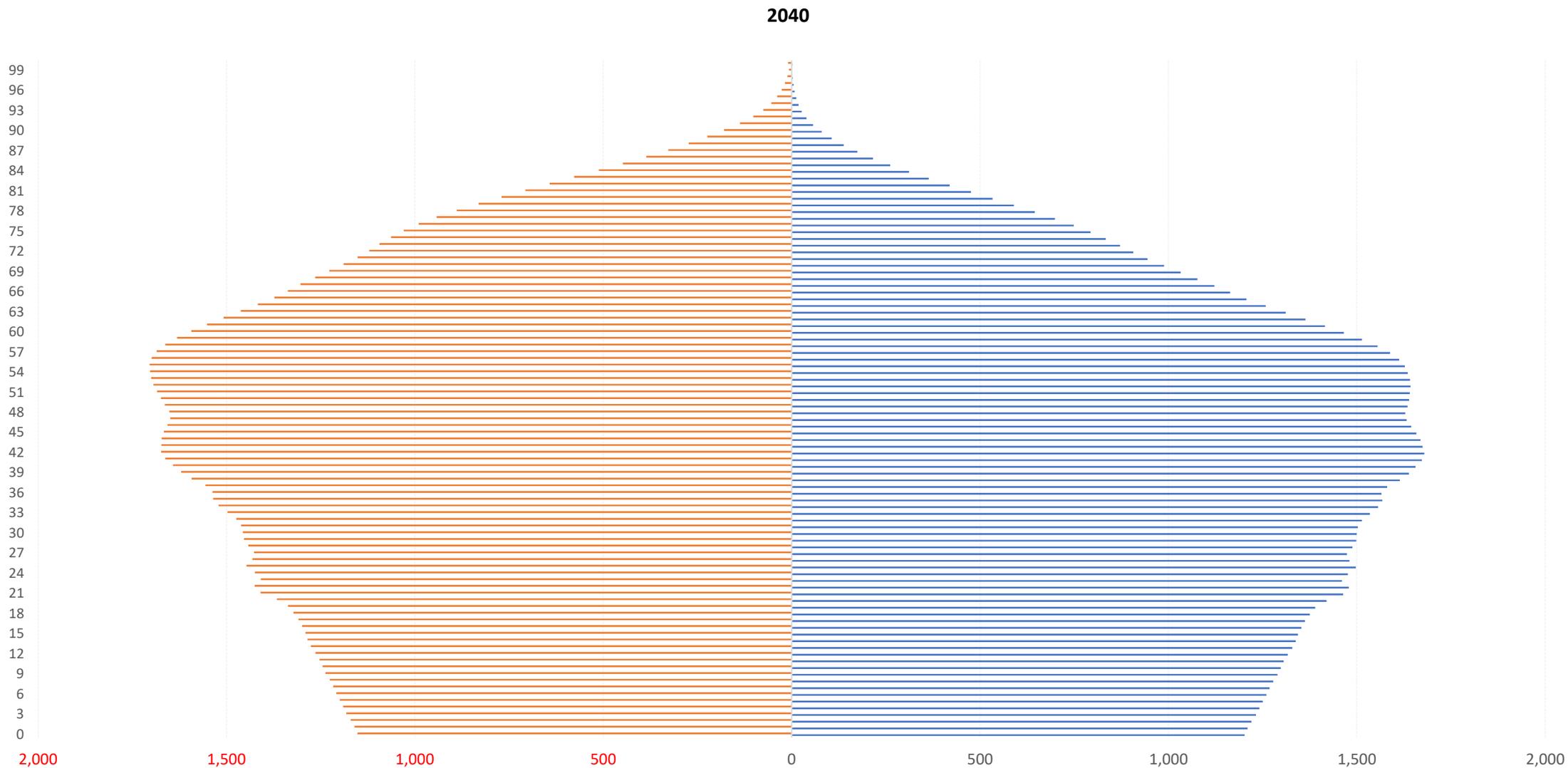
A população estará em declínio (número absoluto) e o envelhecimento passará a ser o movimento predominante da demografia brasileira

A idade média do brasileiro será de 40,6 anos.

Na média mundial 36,6 e entre os países ricos, 45,0

Estaremos caminhando céleres para a terceira idade....

Pirâmide Etária - Brasil: 2040



Em 2060, o que teremos?

O mundo será de meia idade rumo ao envelhecimento. A idade média de um humano será 39,4 anos. Entre os mais ricos será 47,1 anos.

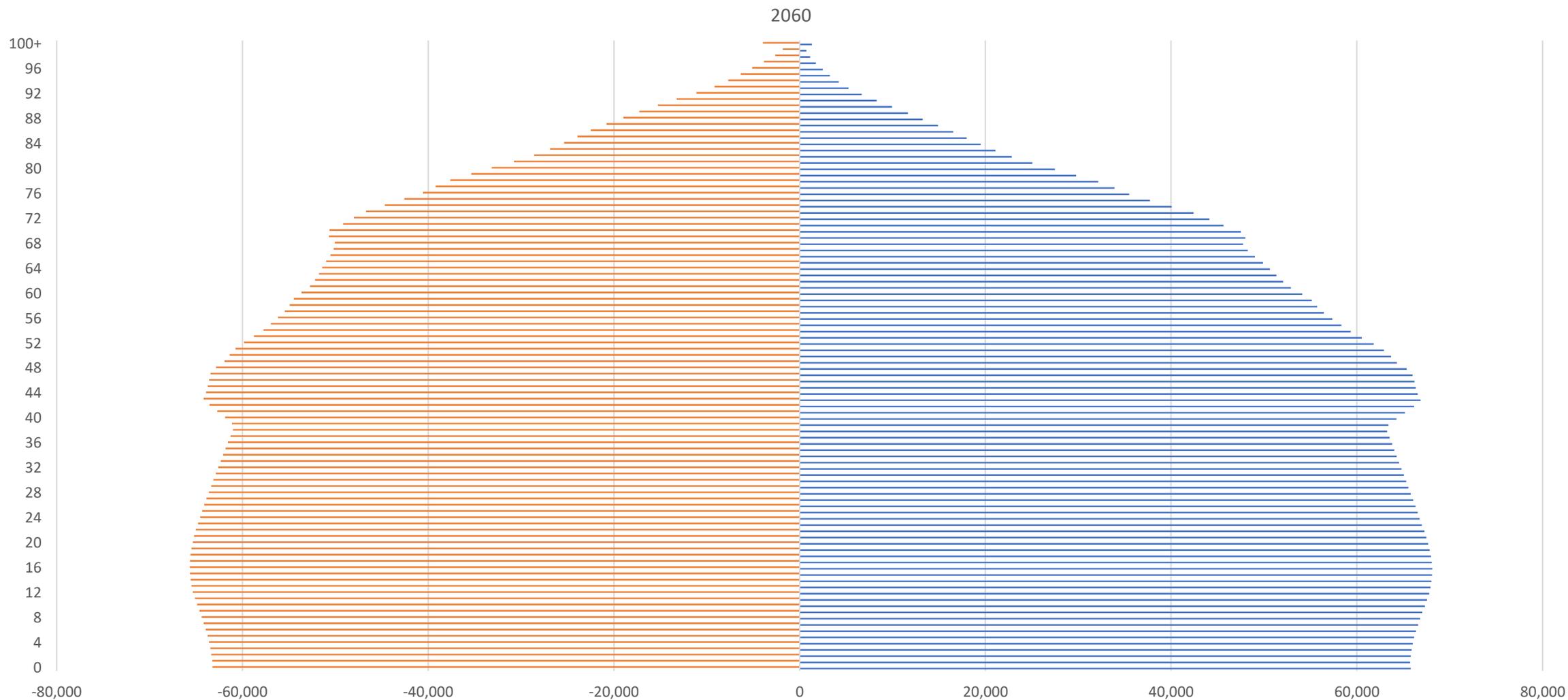
Serão 10,67 bilhões de habitantes e mais de 5,2 milhões de centenários. Haverá tantos indivíduos acima de 60 anos quanto os menores de 20 anos.

O número de nonagenários será de aproximadamente 125 milhões.

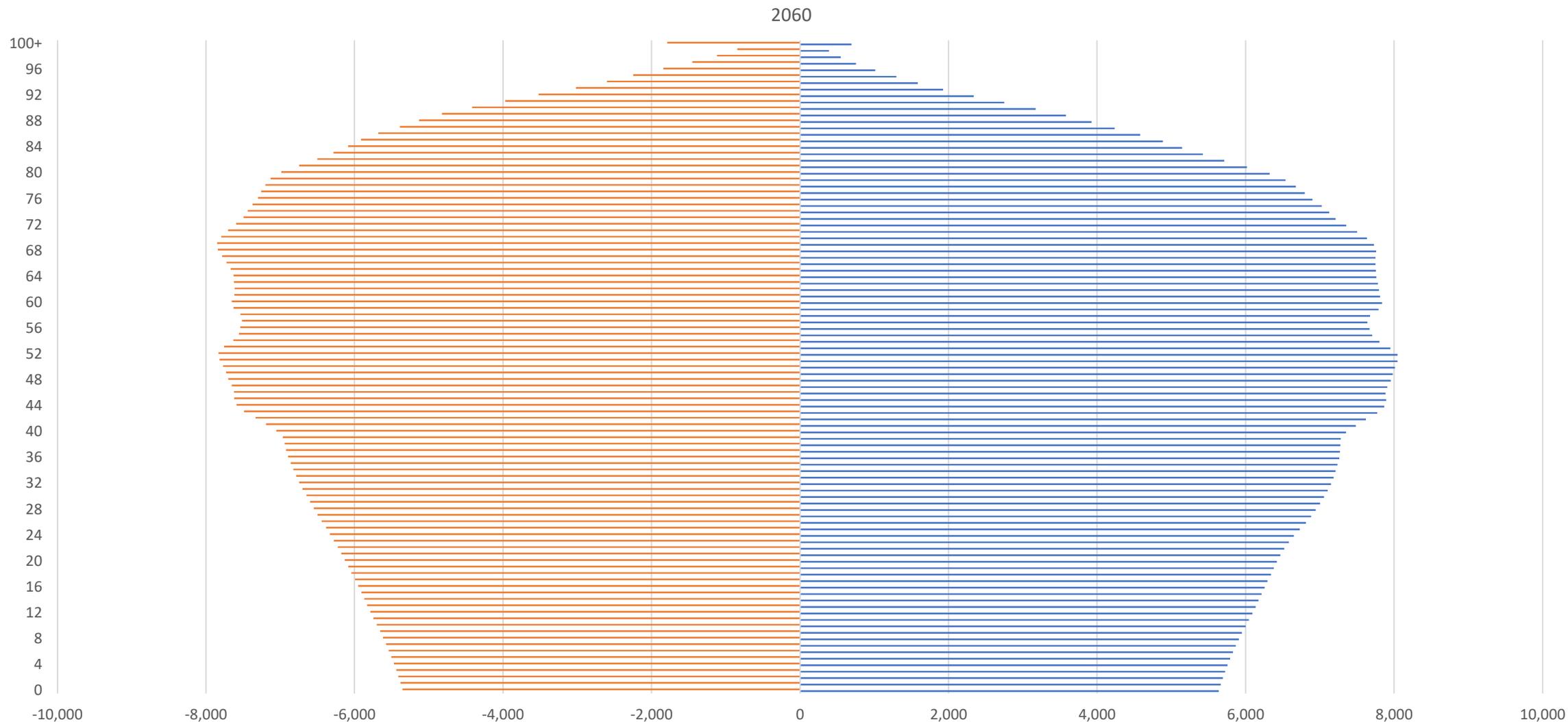
Com exceção da África (em realidade parte da África), em todos os demais lugares a idade média será superior a 40 anos

A idade média do brasileiro será 45,3 anos

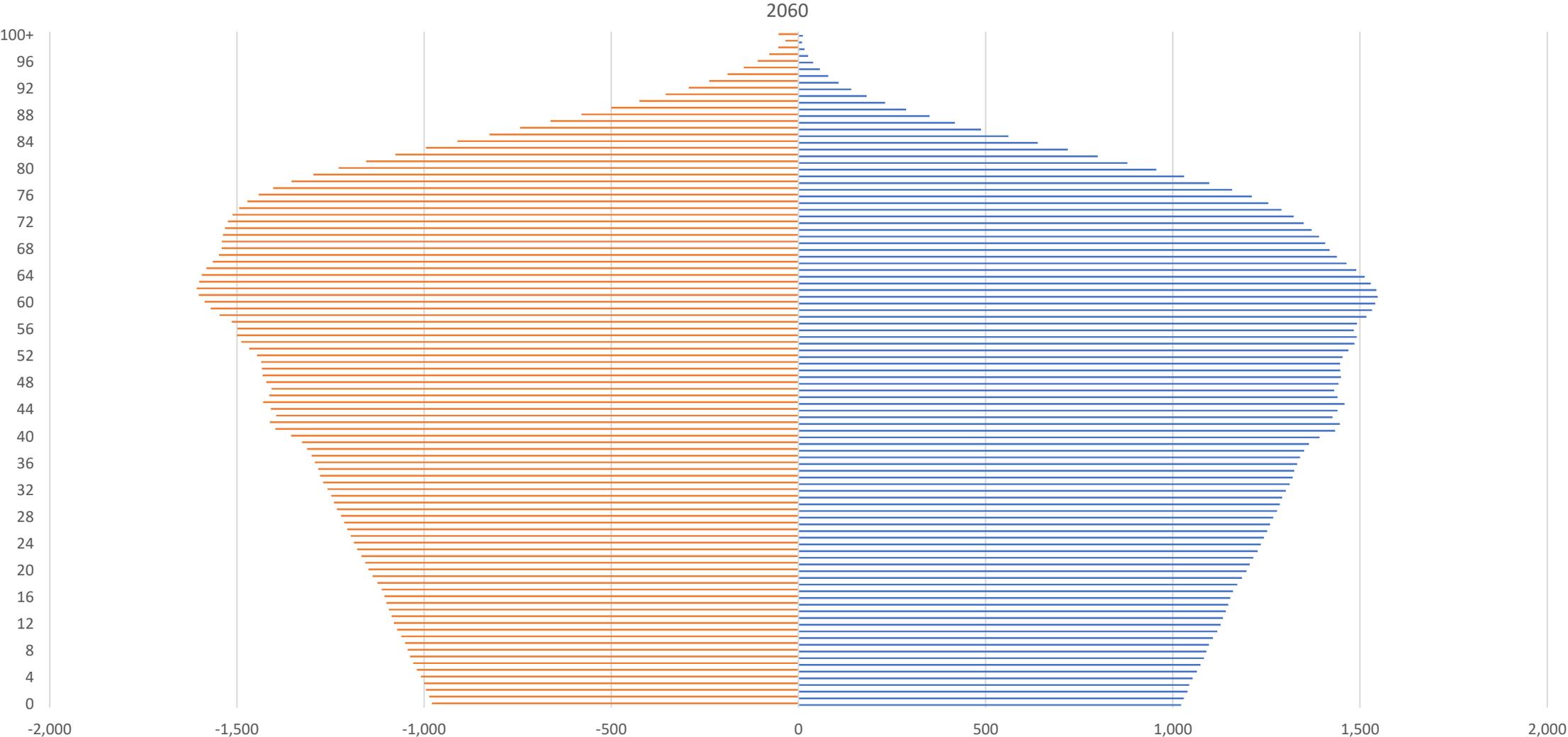
Pirâmide Etária - Mundo: 2060



Pirâmide Etária – Países de Alta Renda: 2060

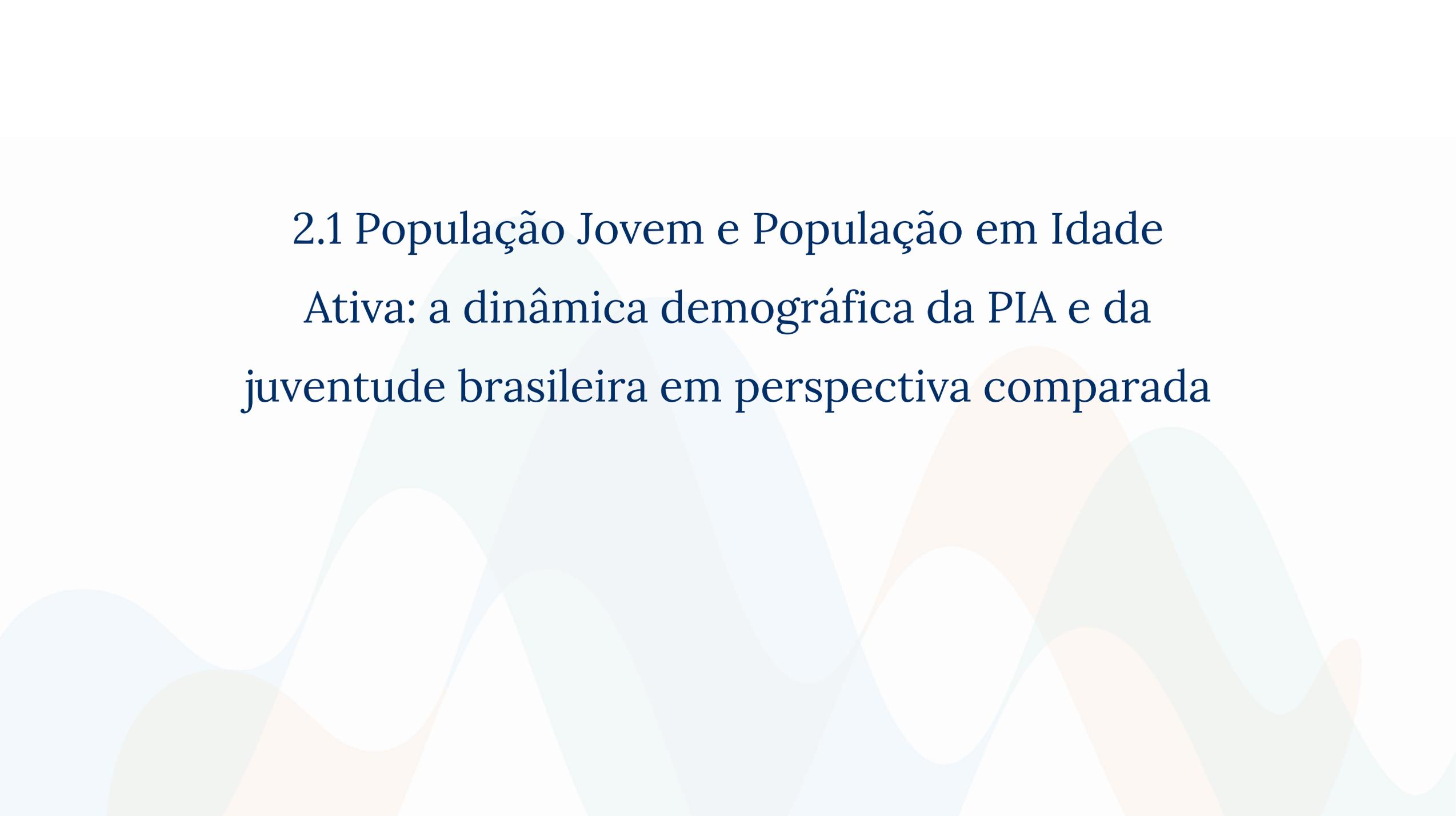


Pirâmide Etária – Brasil: 2100



2. População Jovem e em Idade Ativa

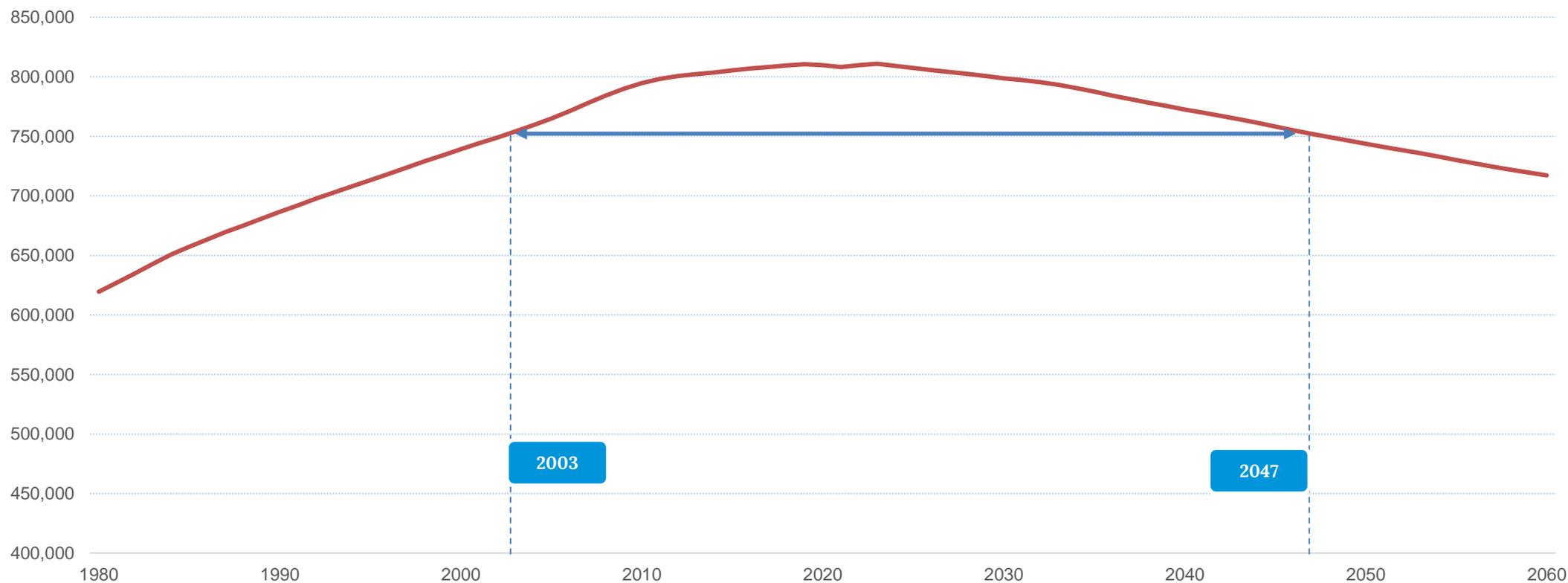
Como estamos quando olhamos à nossa volta



2.1 População Jovem e População em Idade Ativa: a dinâmica demográfica da PIA e da juventude brasileira em perspectiva comparada

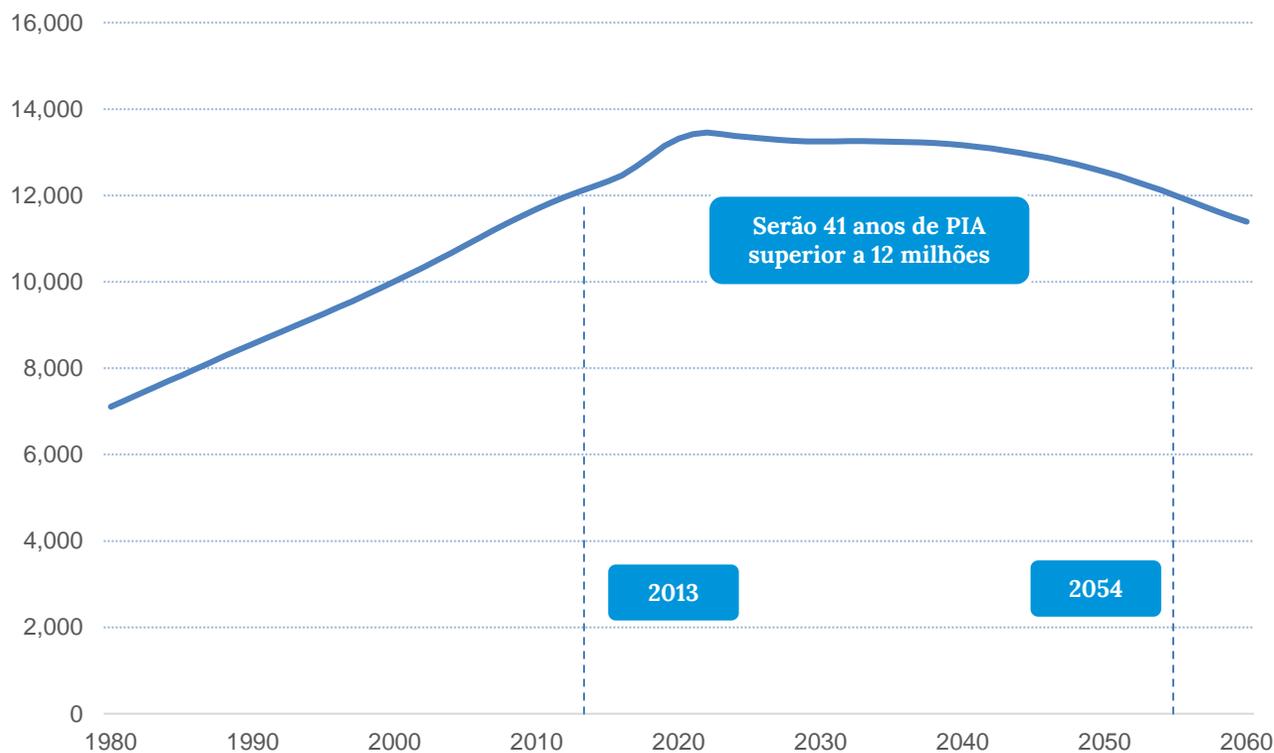
- O mundo rico terá 45 anos de uma população em idade ativa superior a 750 milhões de indivíduos
- O período de bonança será o dobro do brasileiro e o contingente 5 vezes maior.
- Esse grupo etário atingirá seu máximo entre 2019 e 2024

Projeções Demográficas – Países de Alta Renda: 15 a 64 anos

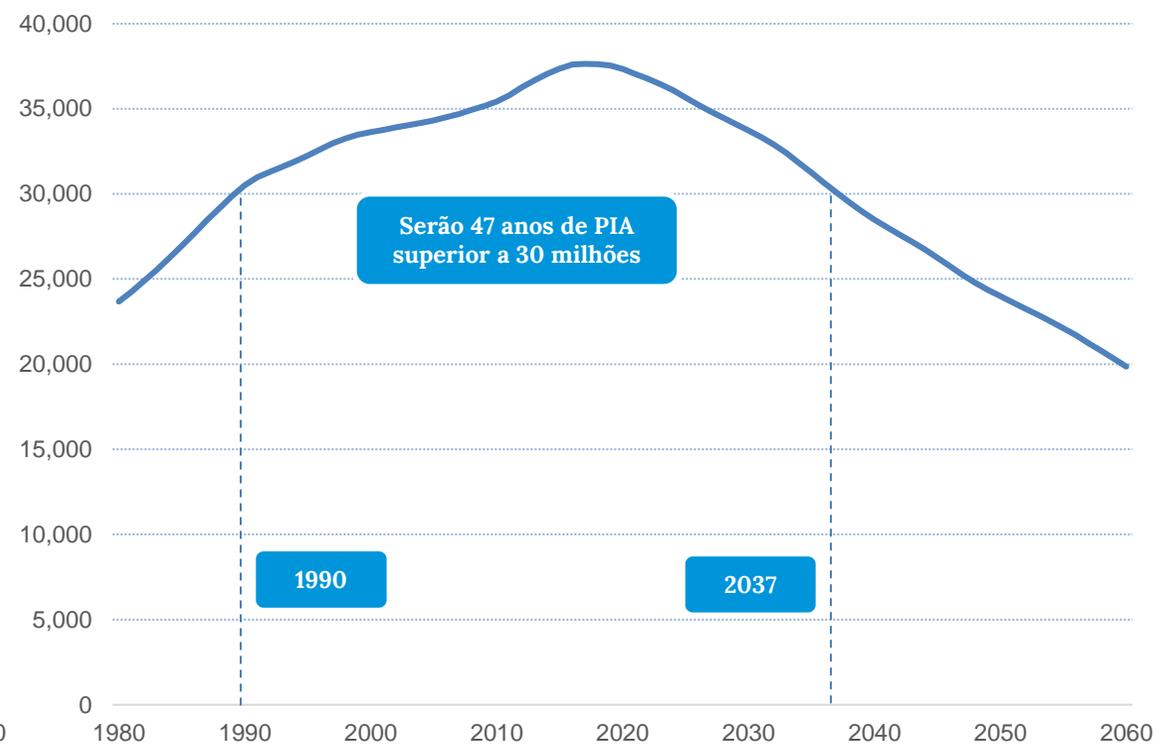


- **Chile e Coreia terão um longo período de apogeu da População em Idade Ativa**
- **No caso do Chile serão 41 anos com sua PIA superior a 12 milhões, sendo a PIA, em média 65,3% da população**
- **No caso da Coreia serão 47 anos com sua PIA superior a 25 milhões, com participação média de 69,9% da população**

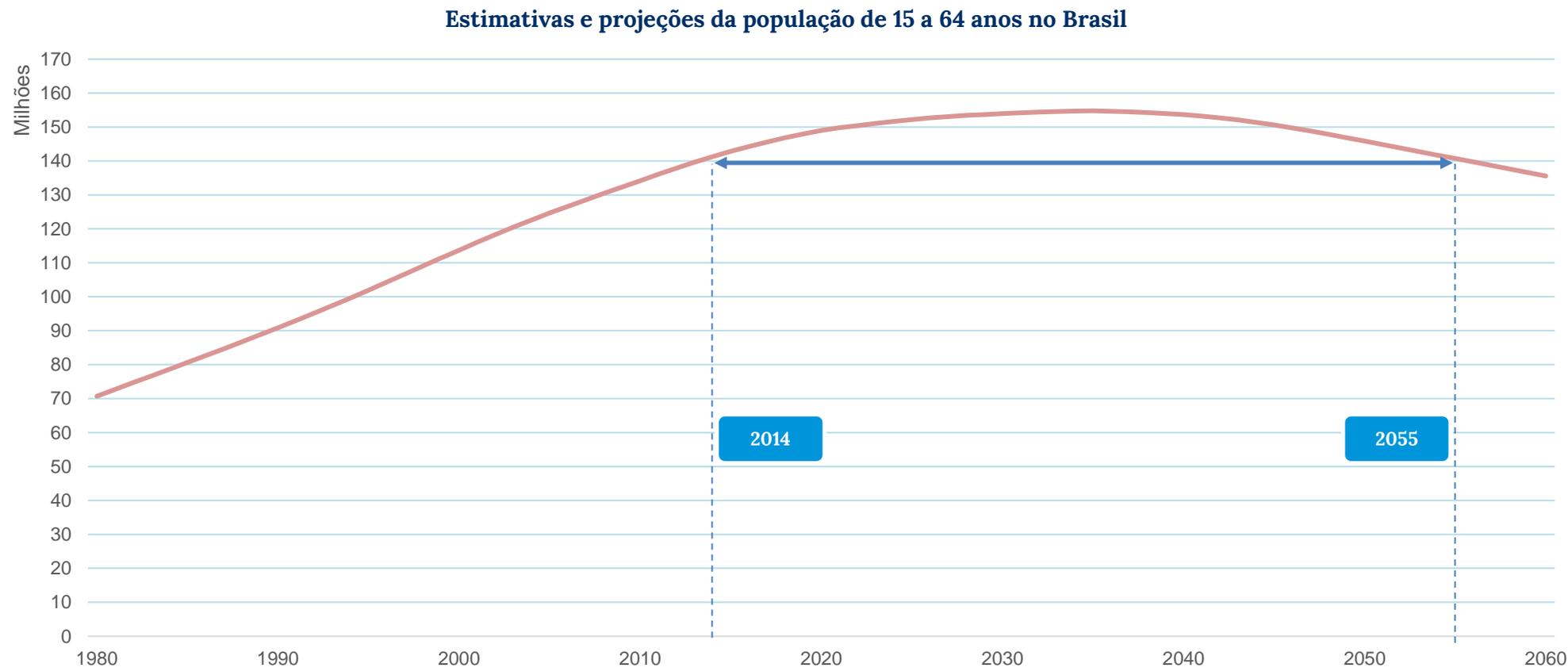
Projeções Demográficas - Chile: 15 a 64 anos

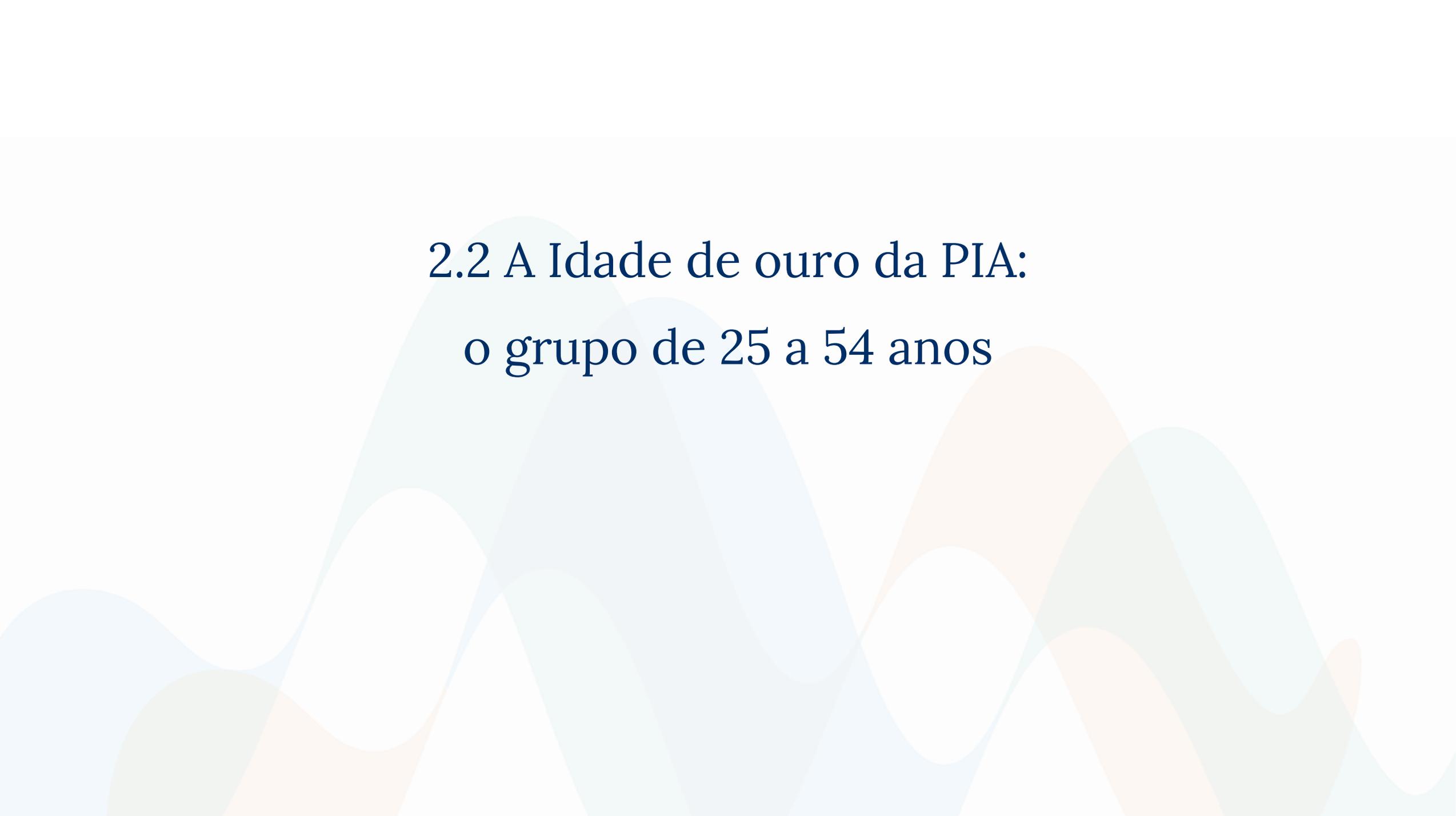


Projeções Demográficas – Coreia do Sul: 15 a 64 anos



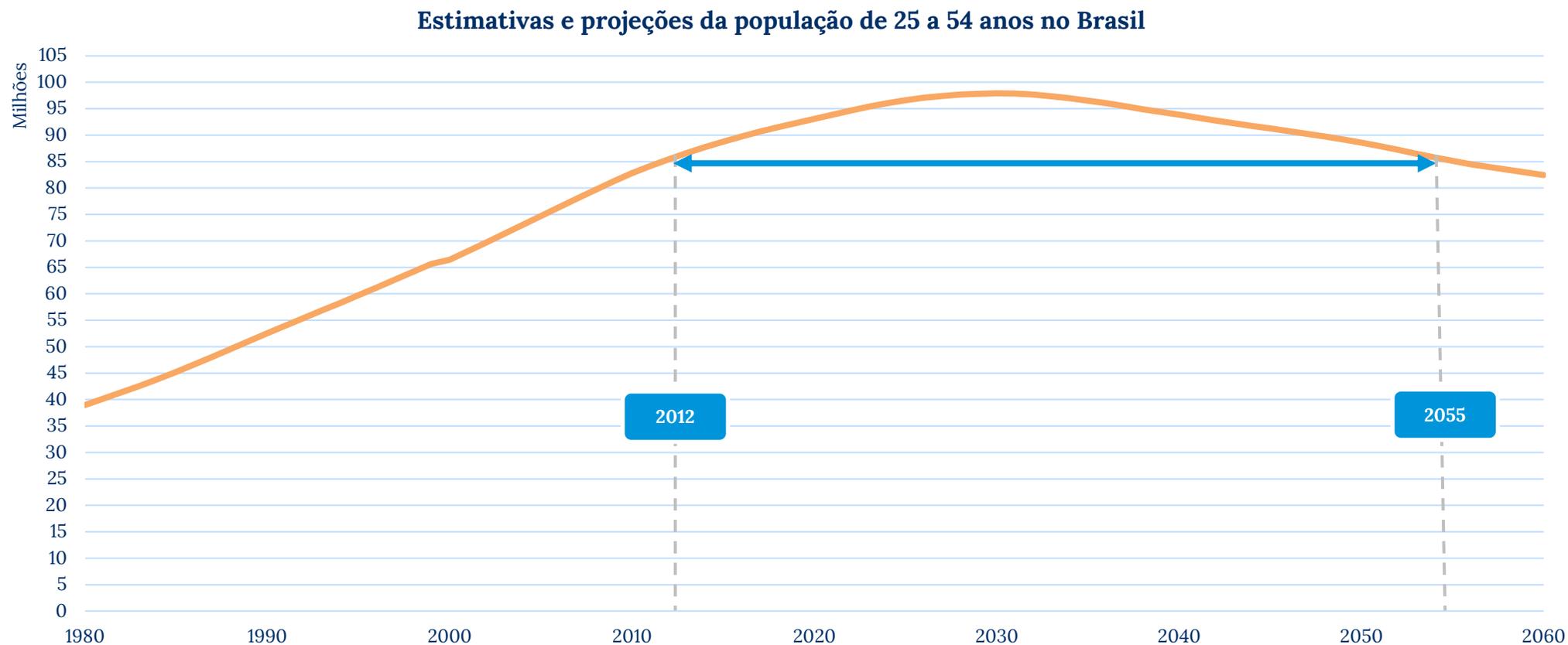
- **Entre 2014 a 2055, a População em Idade Ativa atingirá seu apogeu. Serão mais de 140 milhões de brasileiros compondo a força de trabalho. A participação média da PIA será 67,3%.**
- **Em termos demográficos o Brasil atingirá o máximo potencial de crescimento.**
- **É a condição demográfica que permite que os países enriqueçam.**





2.2 A Idade de ouro da PIA: o grupo de 25 a 54 anos

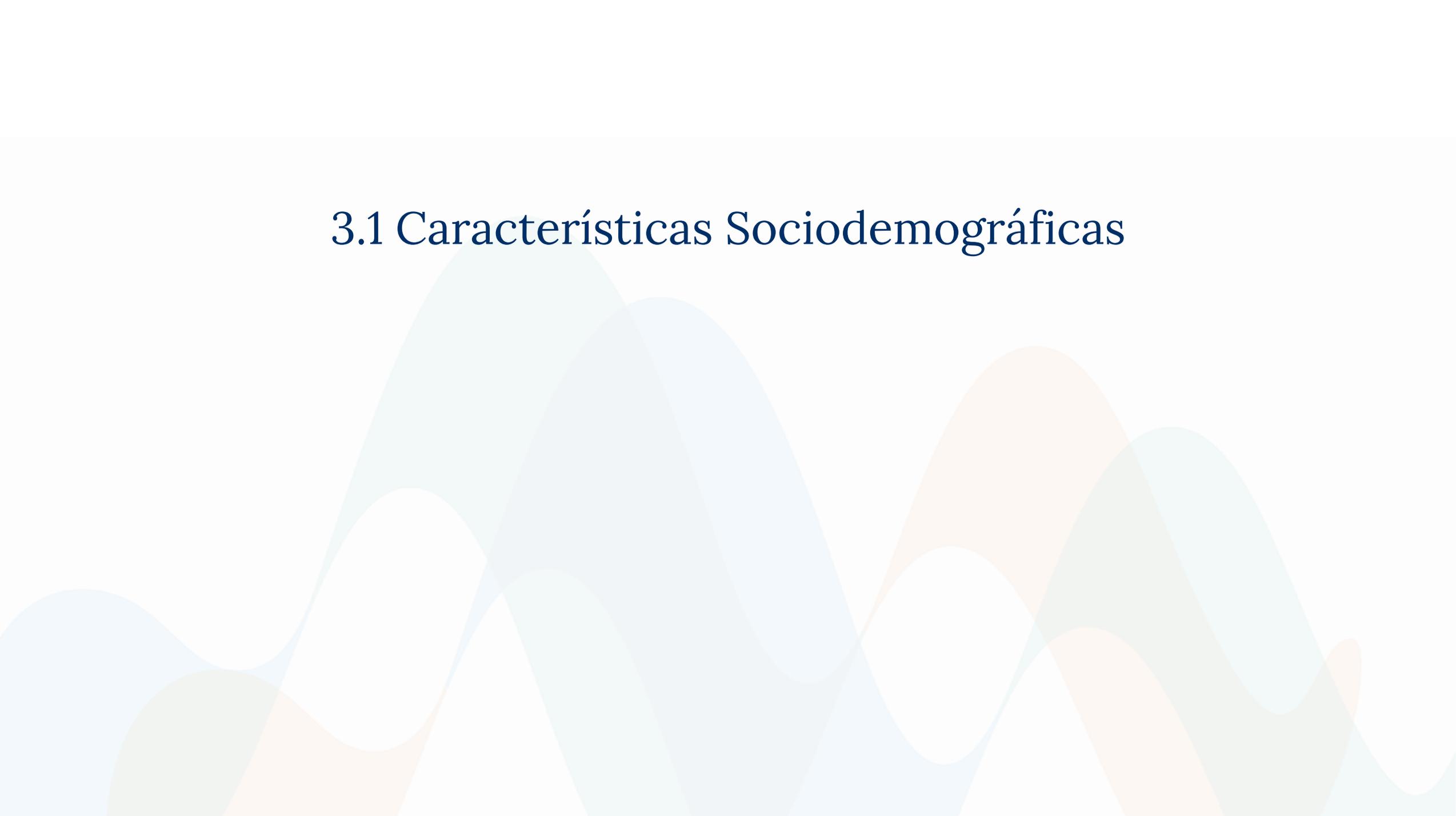
- De 2012 a 2055, a população de 25 a 54 anos, considerada por muitos a faixa etária que concentra o auge de capacidade de trabalho e contribuição para a economia, permanece acima de 85 milhões (57% da PIA).
- O Brasil passará pelo pico populacional desse grupo etário na próxima década.



3. Entendendo o potencial produtivo da Juventude

Juventude e os fatores relevantes

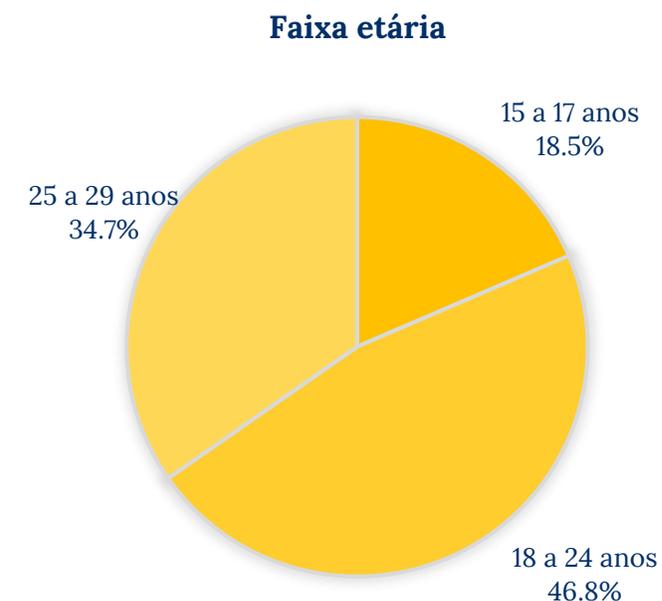
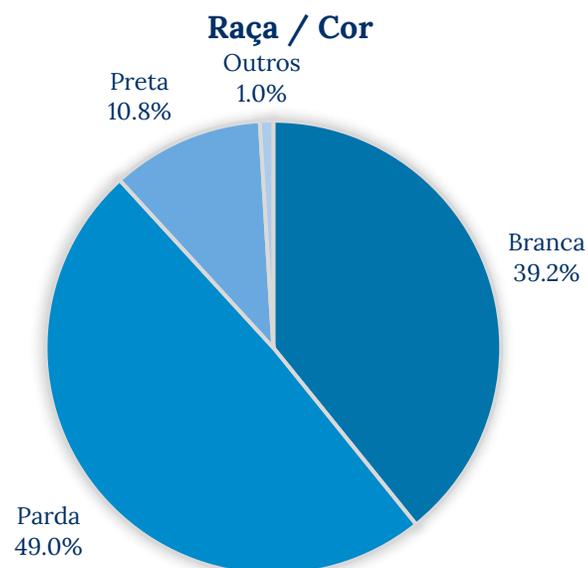
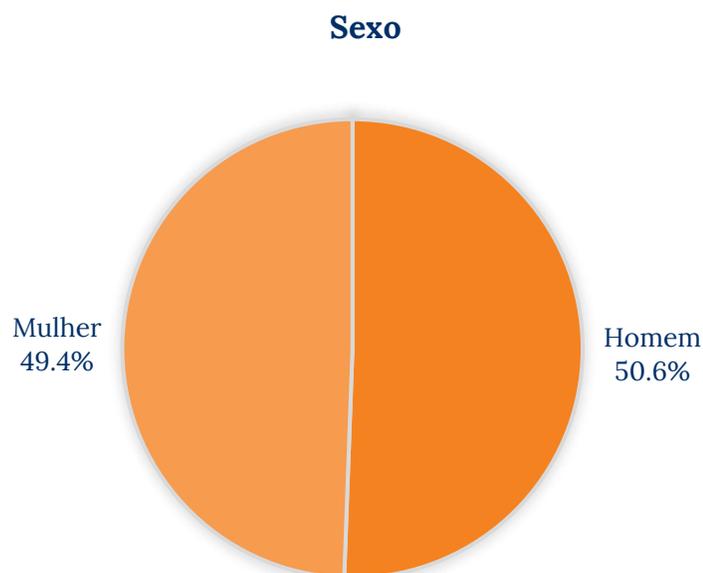
3.1 Características Sociodemográficas



- **Jovens de 15 a 29 correspondem a quase ¼ da população brasileira (22,9%).**
- **Metade destes são mulheres.**
- **A maioria é composta por pretos e pardos (59.8%)**

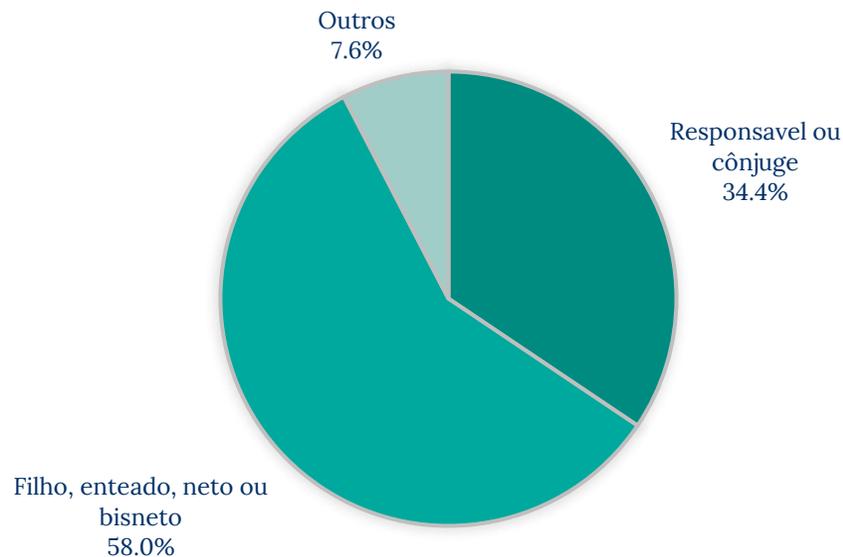
Jovens de 15 a 29 anos (Brasil - 2022)

Amostra	80.266 pessoas
População	48.968.154 pessoas

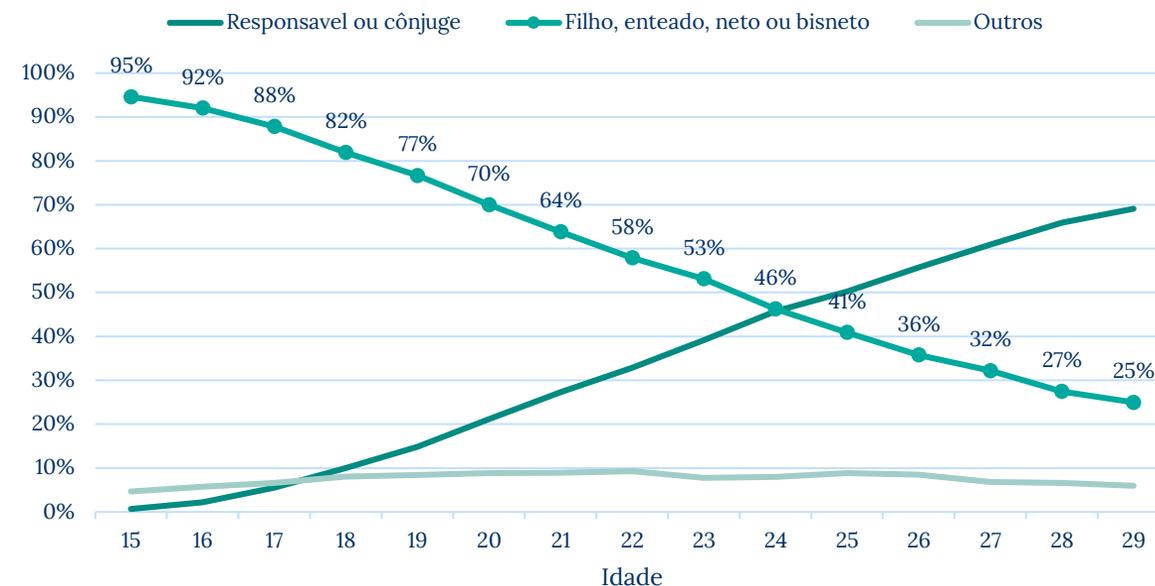


- Jovens de 15 a 17 anos são amplamente enquadrados como dependentes no domicílio.
- Entre 18 e 24 anos passam por um processo de "emancipação".
- O ponto de inflexão é aos 24 anos onde passam a ser majoritariamente responsáveis pelo domicílio.

Situação no domicílio

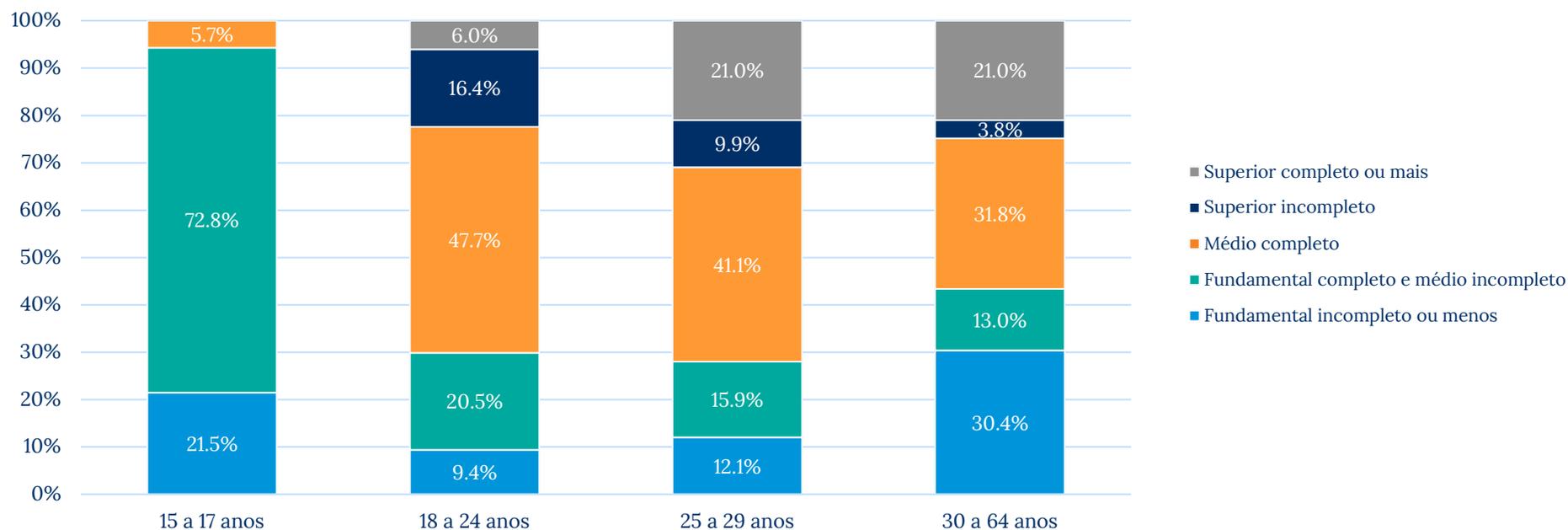


Situação no domicílio por idade



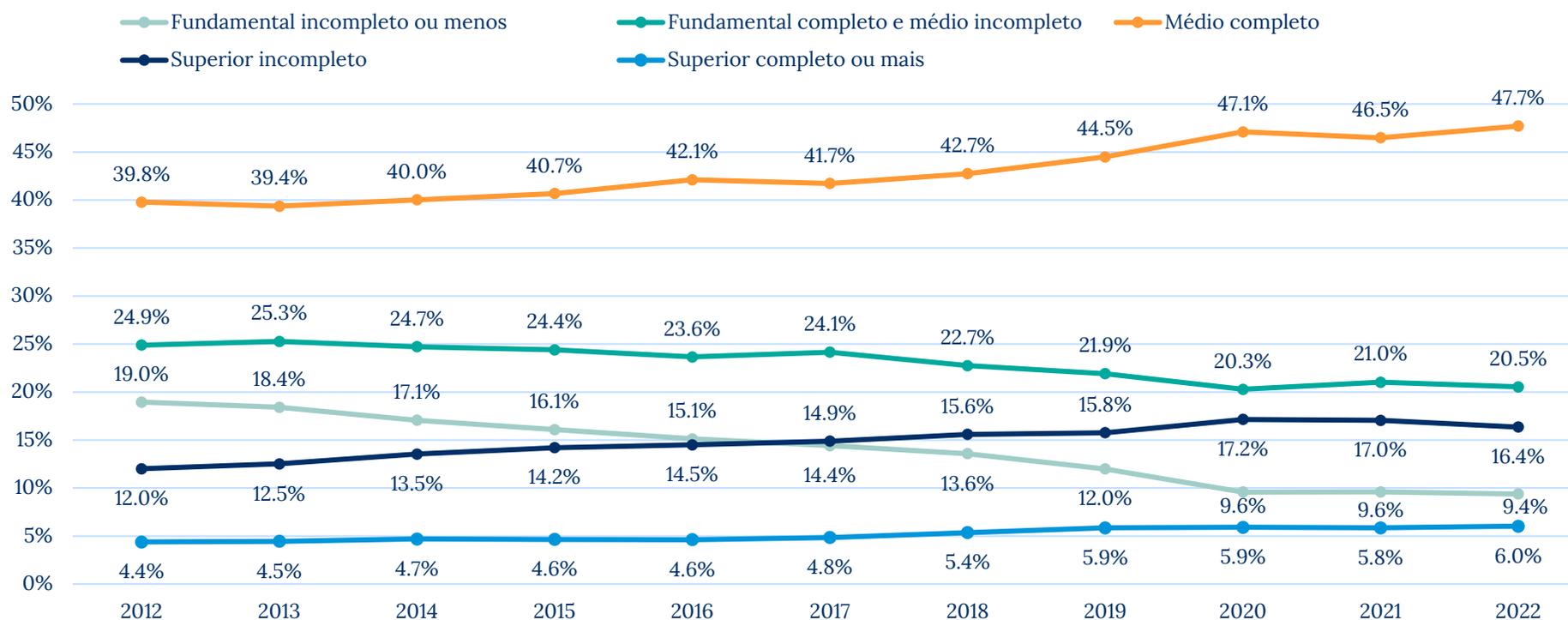
- **80% dos jovens de 15 a 17 já completaram o Fundamental e 70% entre 18 a 24 anos completaram o Ensino Médio.**
- **As coortes mais jovens estão mais escolarizadas.**

Nível de escolarização mais elevado por faixa etária, 2022



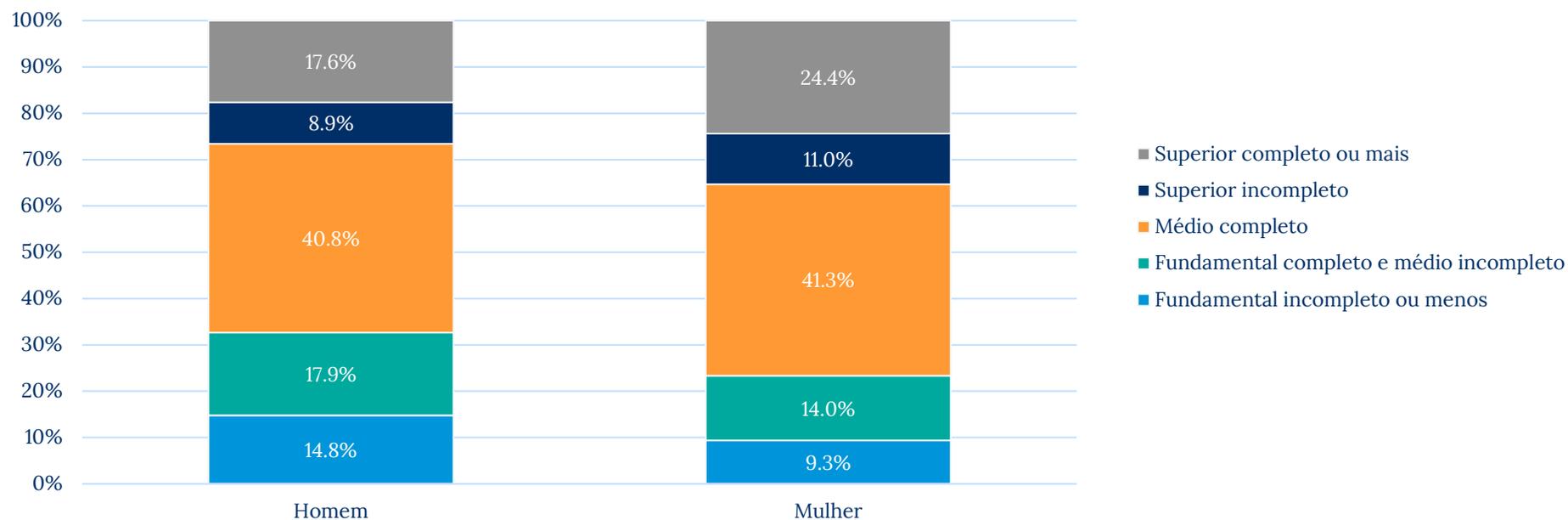
- Na última década, cresceu o percentual de jovens entre 18 e 24 anos que terminam o Ensino Médio e que acessam o Ensino Superior.
- Houve uma forte redução de jovens com Ensino Fundamental Incompleto (-10 pontos percentuais).

Nível de escolarização mais elevado de jovens de 18 a 24 anos



- **As mulheres de 25 a 29 anos são mais escolarizadas que os homens na mesma faixa etária.**
- **É maior o percentual de homens que deixam a escola antes de terminar o Ensino Médio.**

Distribuição de jovens de 25 a 29 anos por nível de escolaridade mais elevado alcançado, por sexo 2022

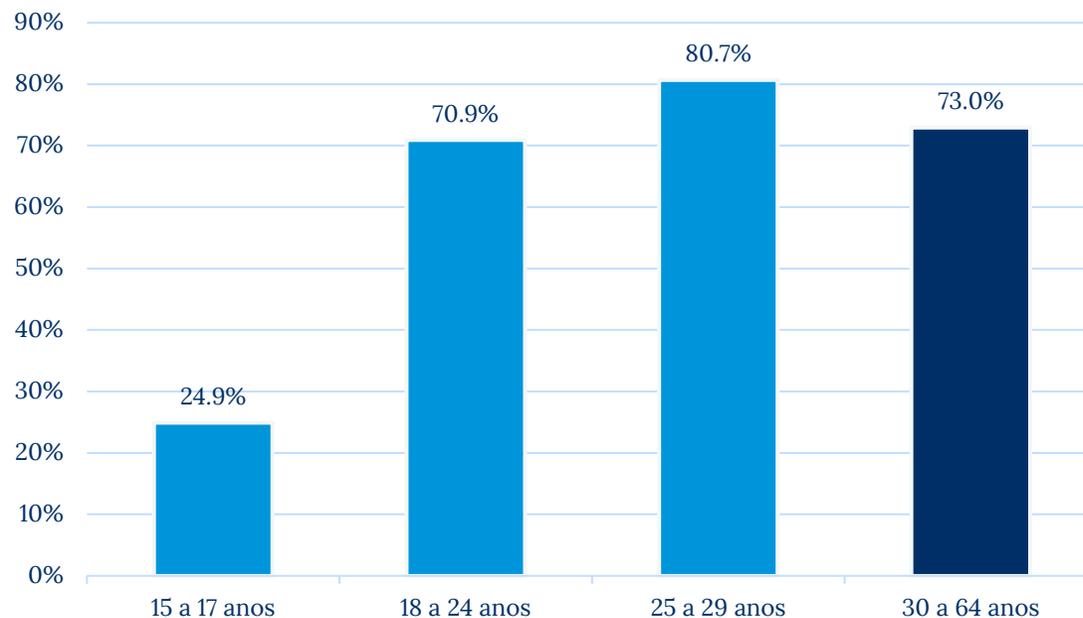


3.2 Inserção Produtiva

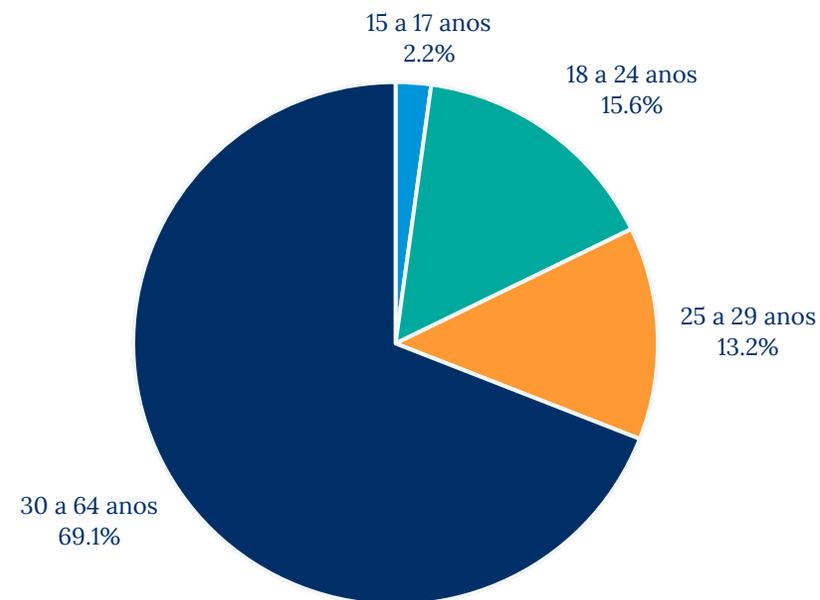
Evolução dos indicadores de mercado de trabalho

- $\frac{1}{4}$ dos jovens de 15 a 17 anos ingressaram no mercado de trabalho.
- 80% dos jovens de 25 a 29 anos estão na força de trabalho.

Taxa de participação na força de trabalho por faixa etária, 2022



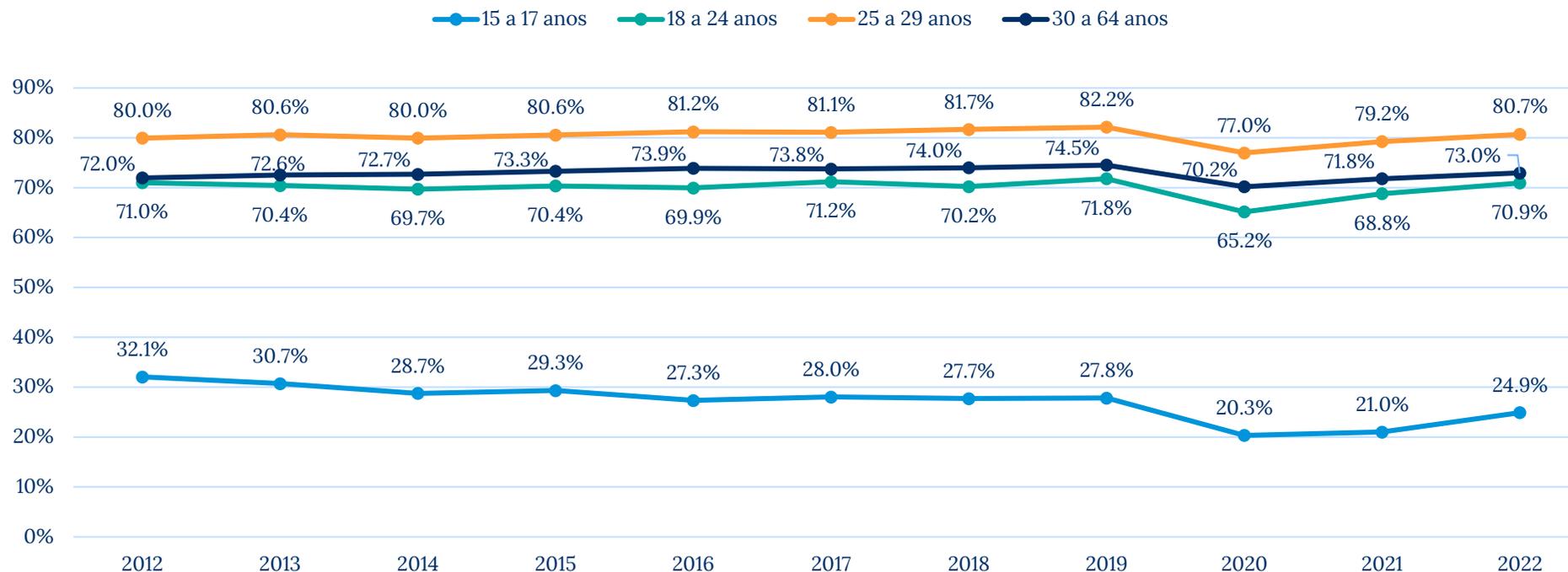
Composição da força de trabalho, 2022



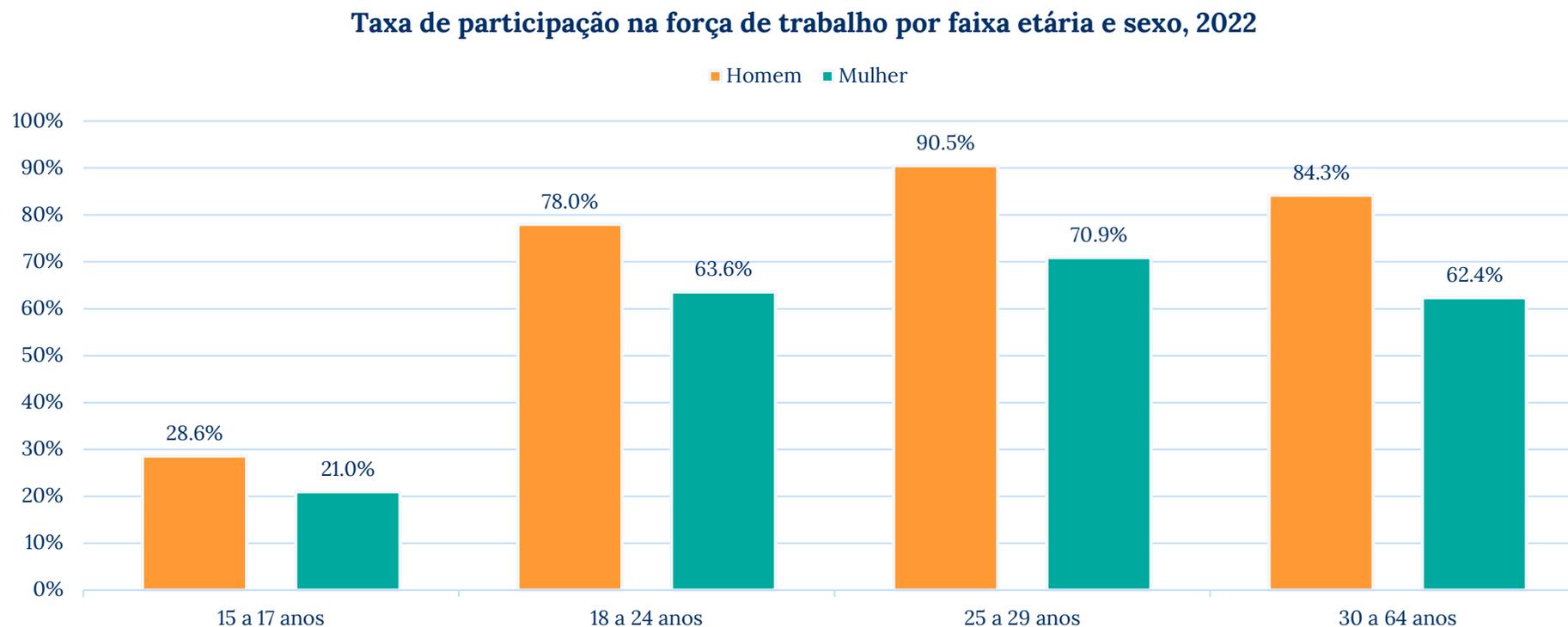
Nota: A força de trabalho é formada pela população de ocupados e desocupados (não estão trabalhando, porém tomaram alguma providência efetiva para encontrar trabalho e estão disponíveis para assumi-lo, caso encontrem).

- Jovens de 18 a 29 anos se mantiveram muito ativos no mercado de trabalho, principalmente aqueles entre 25 e 29.
- Jovens de 15 a 17 anos estão mais escolarizados e participam cada vez menos da força de trabalho.

Taxa de participação na força de trabalho por faixa etária

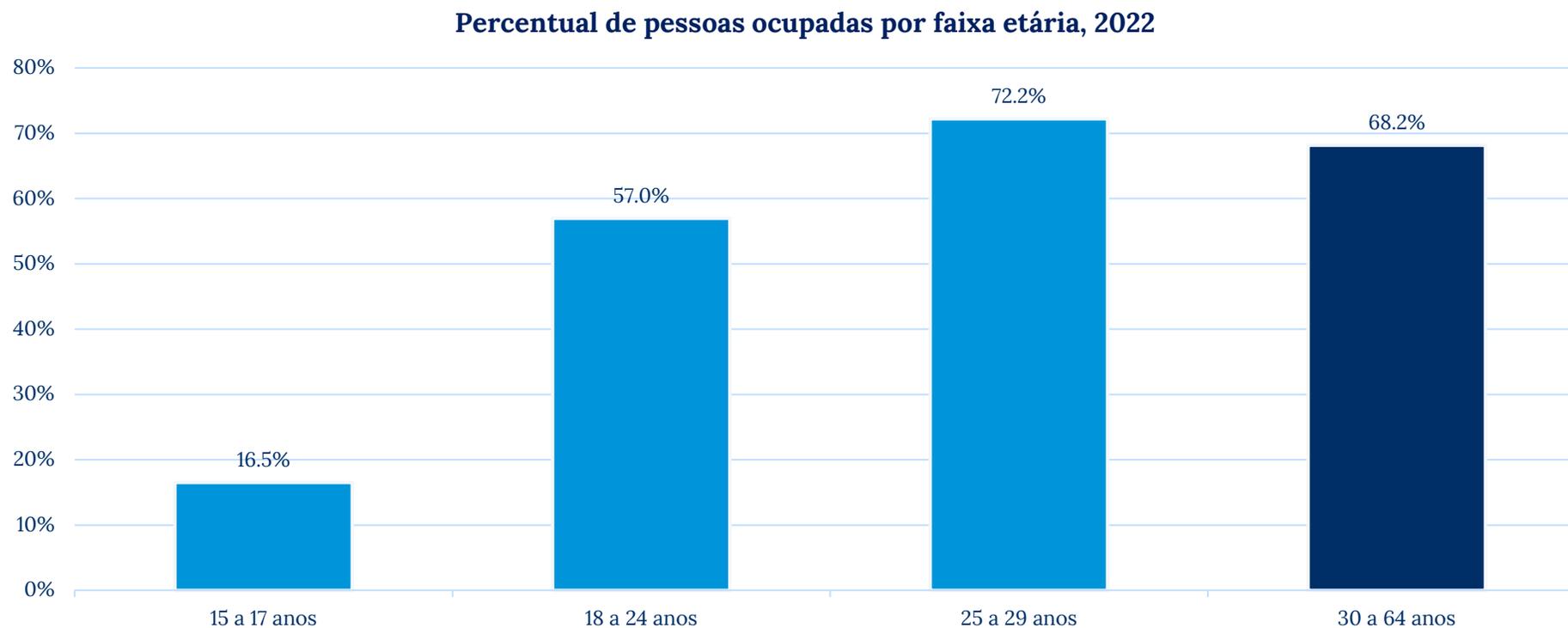


- A taxa de participação de homens no mercado de trabalho é maior que a das mulheres em todas as faixas etárias.



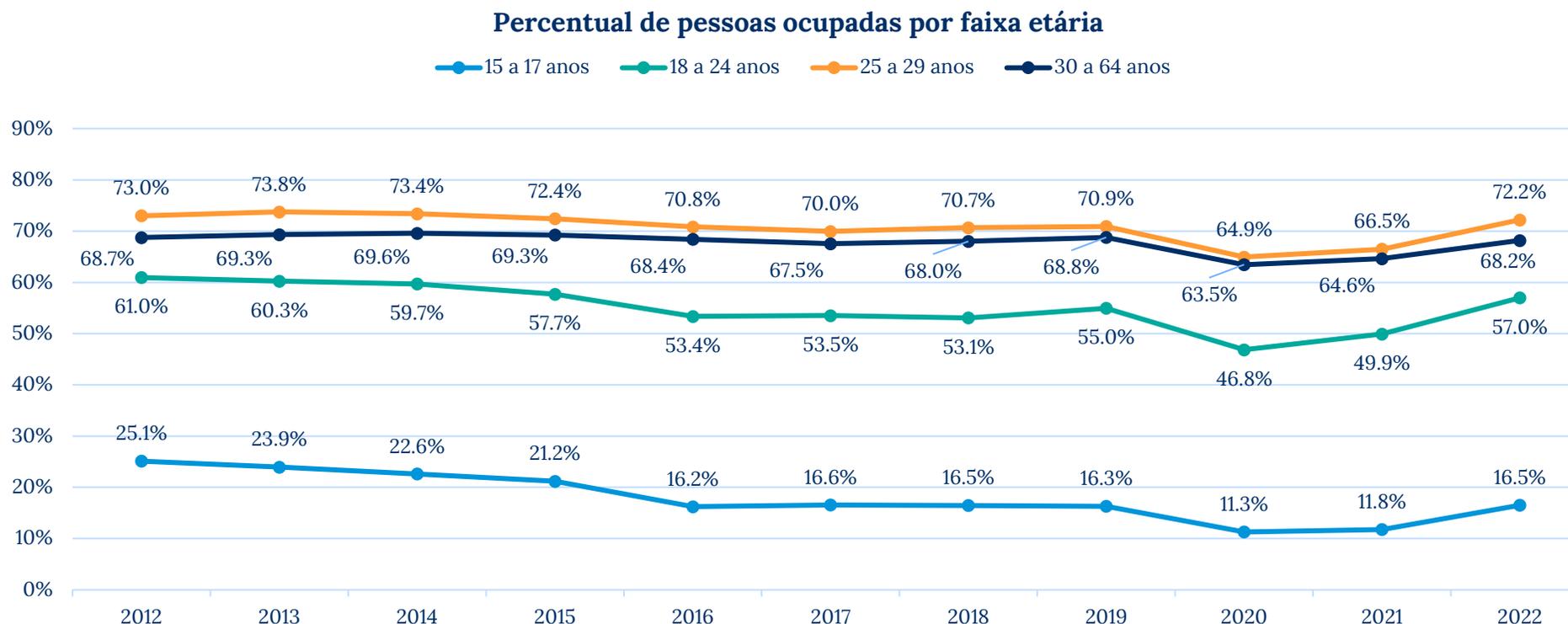
Nota: A força de trabalho é formada pela população de ocupados e desocupados (não estão trabalhando, porém tomaram alguma providência efetiva para encontrar trabalho e estão disponíveis para assumi-lo, caso encontrem).

- **A transição dos jovens para o mercado de trabalho se concretiza entre 25 e 29 anos, onde mais de 70% destes estão ocupados.**



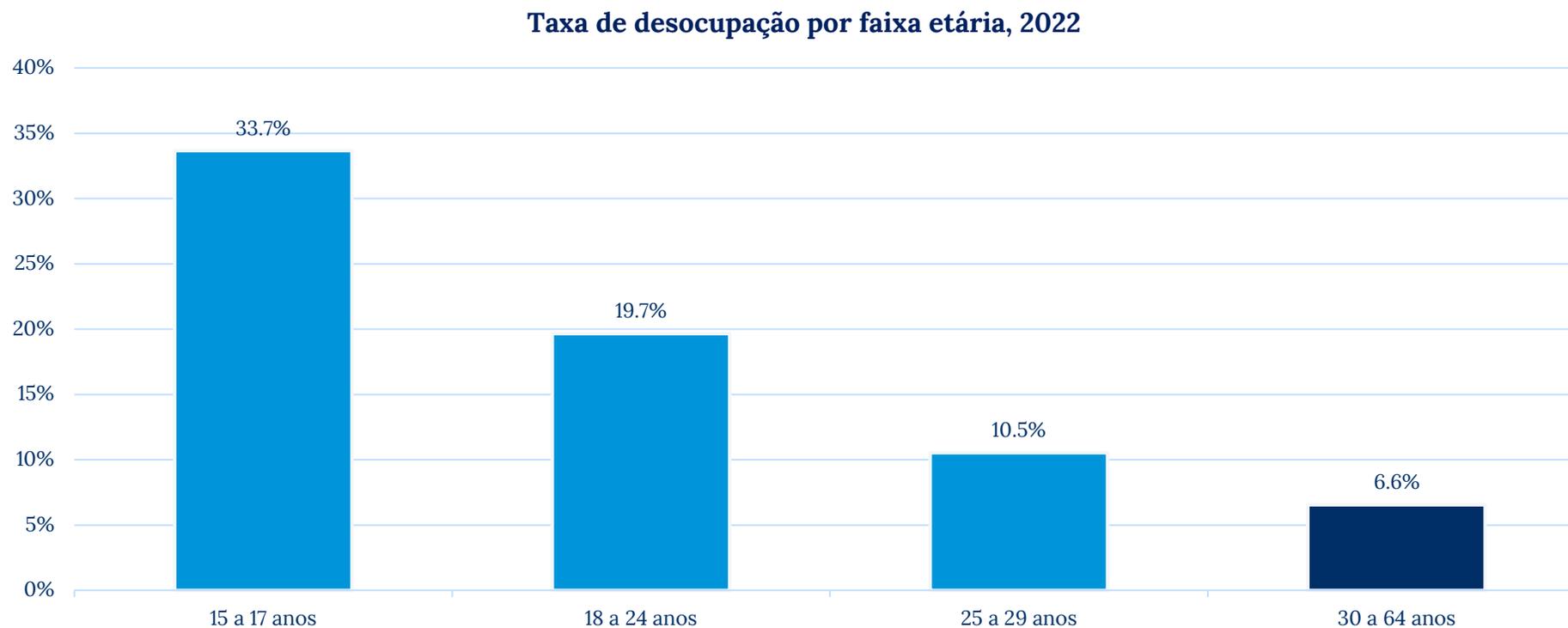
Nota: O percentual de pessoas ocupadas é equivalente ao nível de ocupação do IBGE e representa o percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

- O ano de 2022 marca a retomada dos níveis de ocupação dos jovens após o período de pandemia.



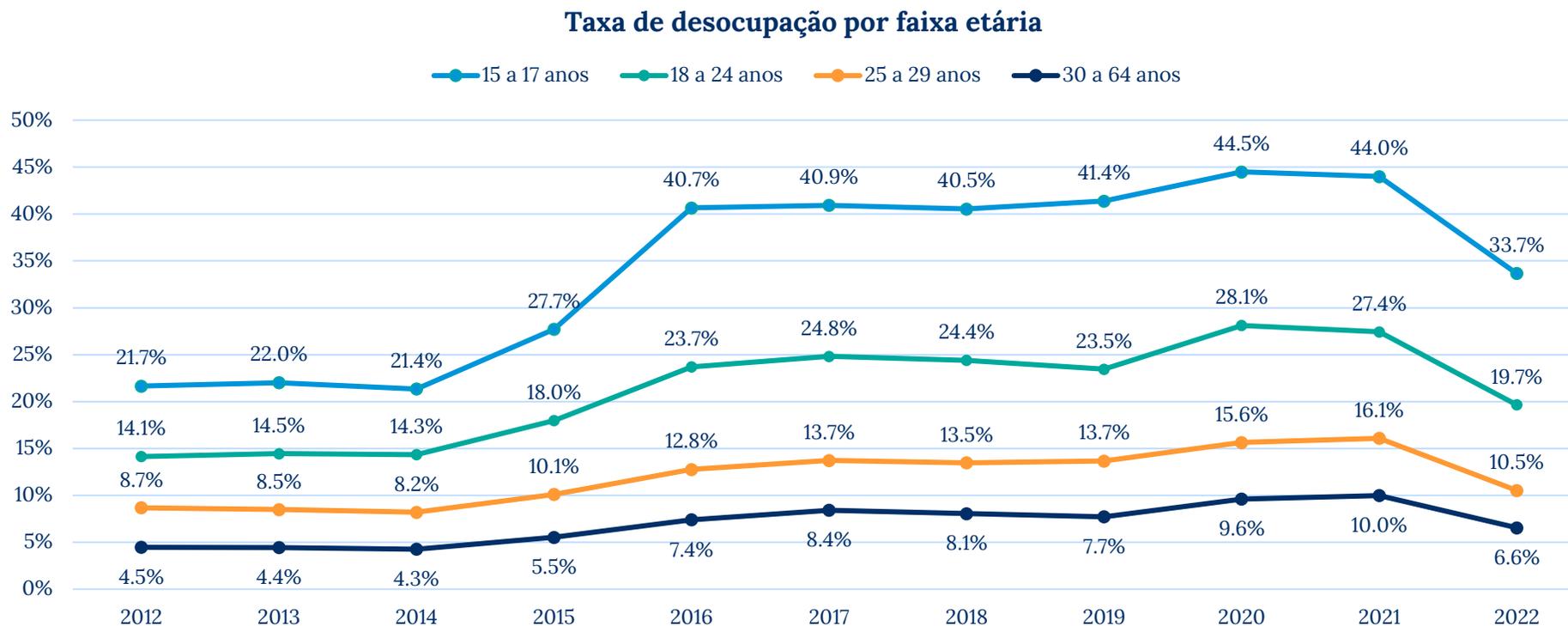
Nota: O percentual de pessoas ocupadas é equivalente ao nível de ocupação do IBGE e representa o percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

- **A taxa de desocupação entre jovens é maior que a dos adultos, mesmo entre aqueles de 25 a 29 anos (mais ativos no mercado de trabalho).**

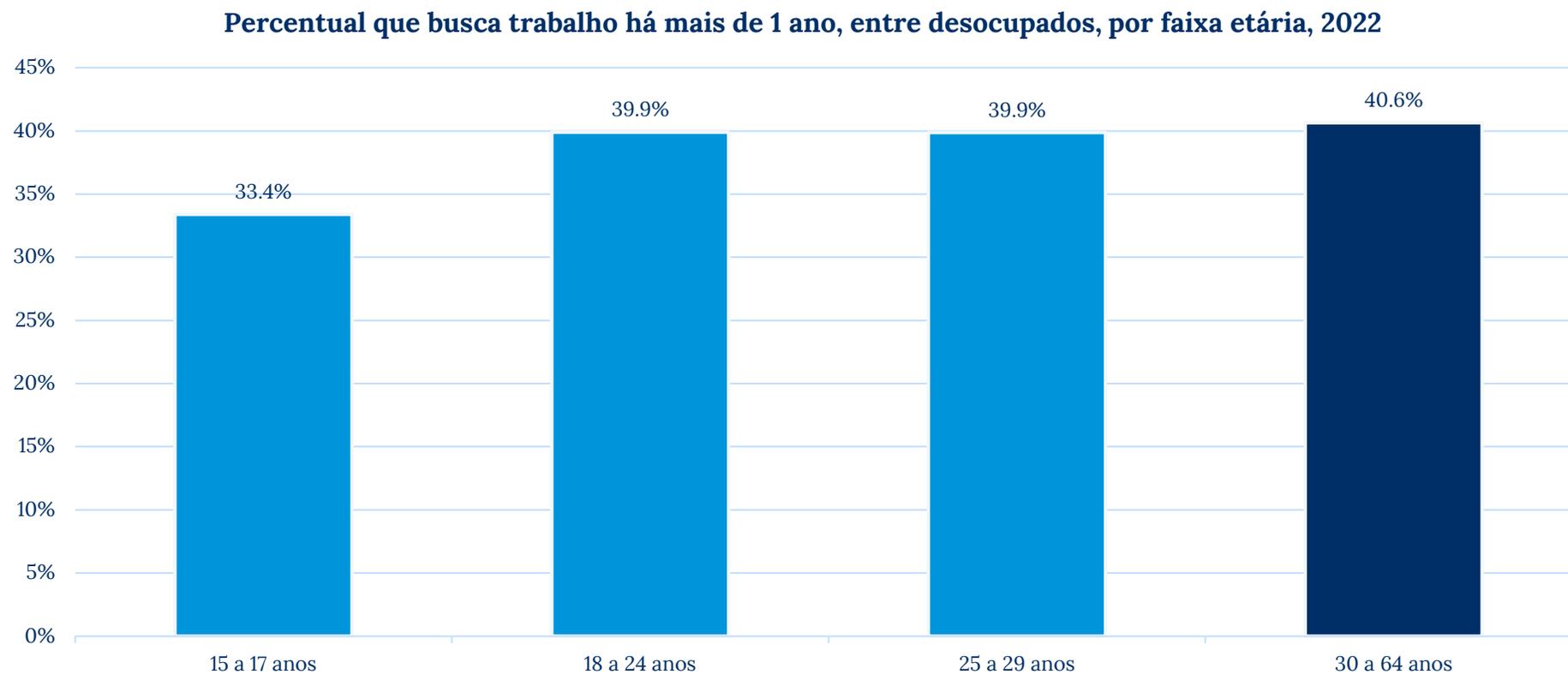


Nota: A taxa de desocupação representa o percentual de desocupados em relação às pessoas na força de trabalho. Desocupados são pessoas que não estão trabalhando, porém empreenderam alguma medida concreta para buscar trabalho e estão prontas para assumi-lo, caso surjam oportunidades.

- A entrada no mercado de trabalho é mais difícil para os jovens que, historicamente, enfrentam maiores taxas de desocupação.

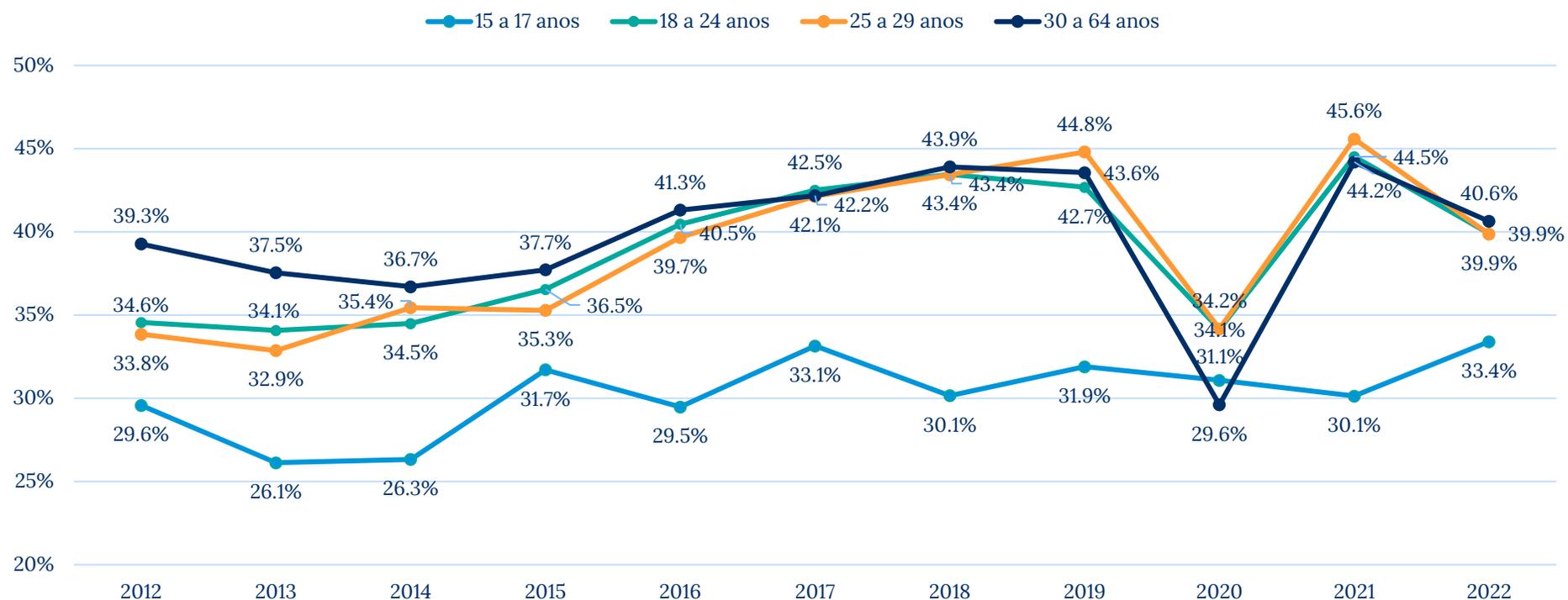


- **40% dos jovens de 18 a 29 anos procuram trabalho há mais de 1 ano.**

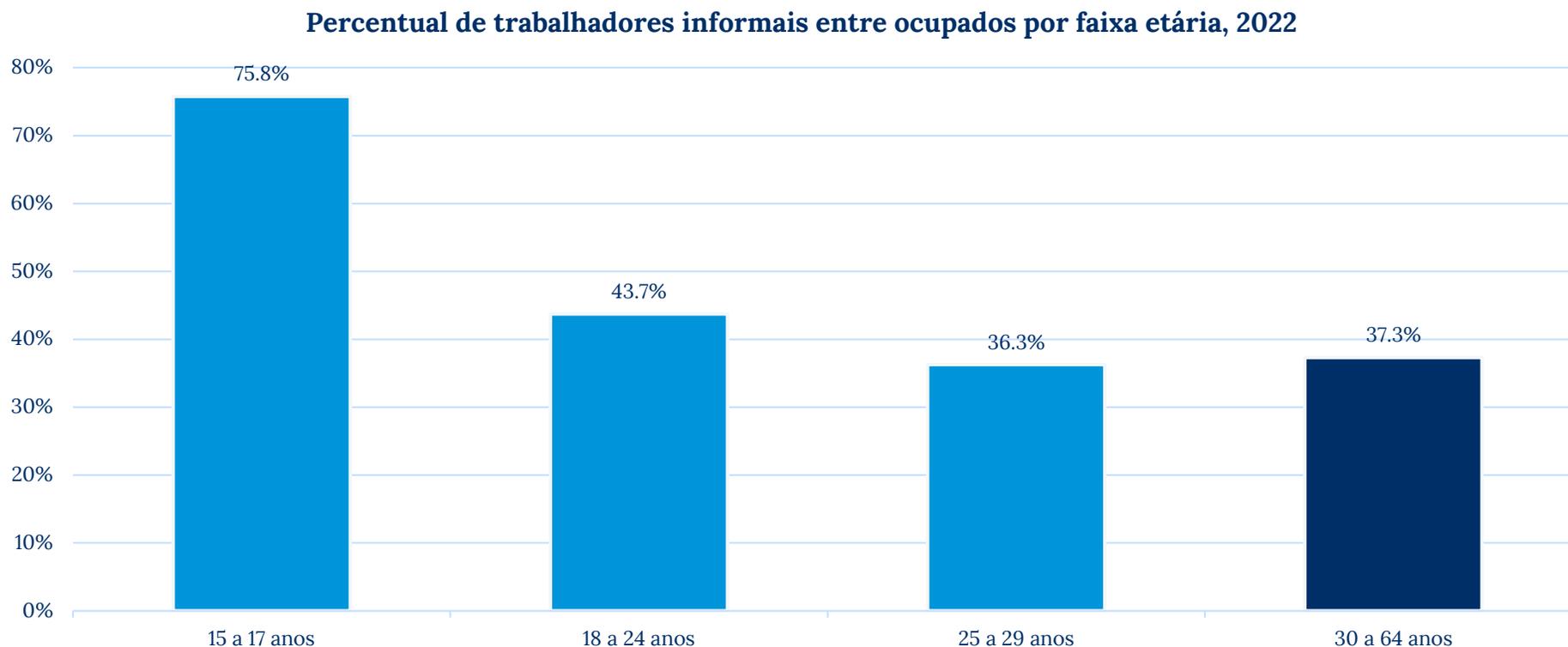


- De 2012 para 2022, subiu o percentual de jovens que buscam emprego a mais de 1 anos.
- Houve uma redução deste percentual entre 2021 e 2022, mas mantendo-se em patamar elevado.

Percentual que busca trabalho há mais de 1 ano, entre desocupados, por faixa etária



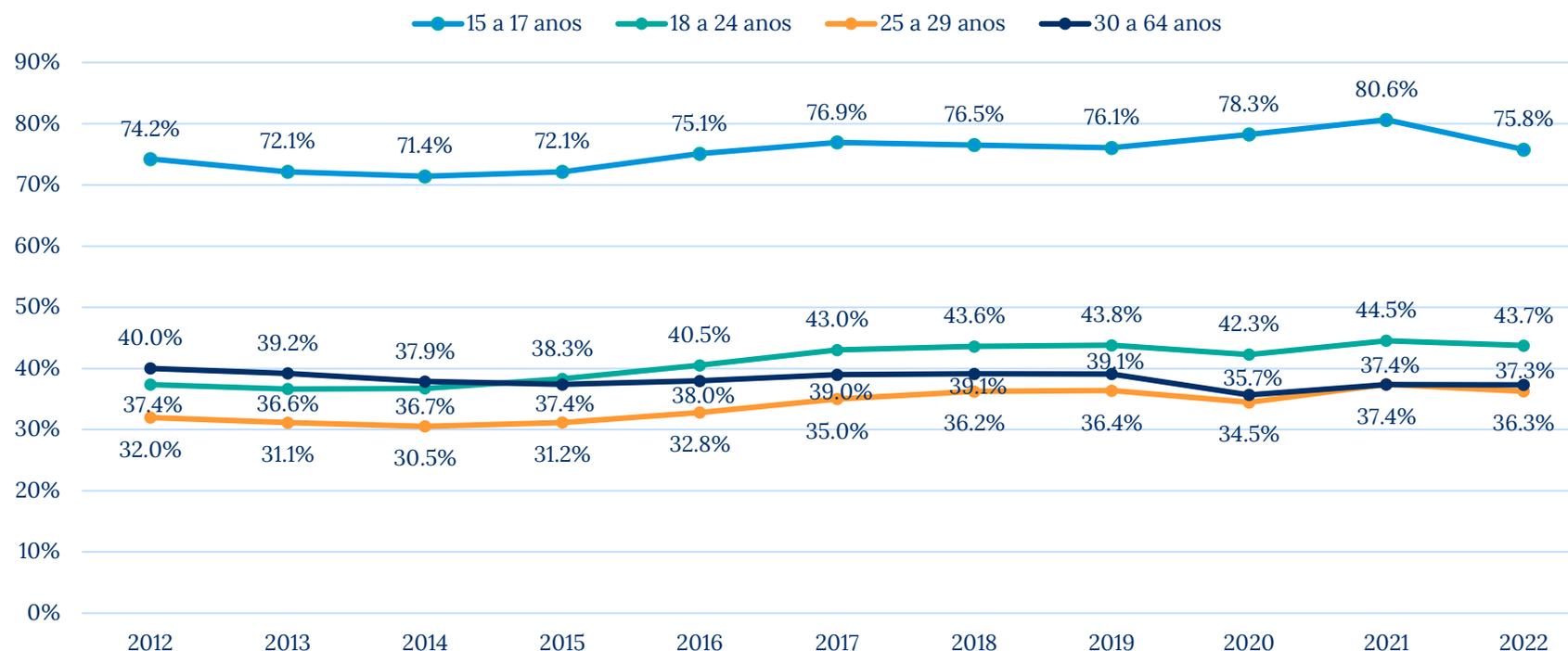
- Para jovens entre 15 e 17 anos, a entrada no mercado de trabalho é majoritariamente (mais de 75%) via mercado informal.
- A alta informalidade na entrada gera efeitos negativos para o futuro dos jovens.



Nota: Conforme IBGE, foram consideradas no setor informal pessoas cuja posição na ocupação fosse: Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador familiar auxiliar; e Empregador e Conta-própria sem CNPJ.

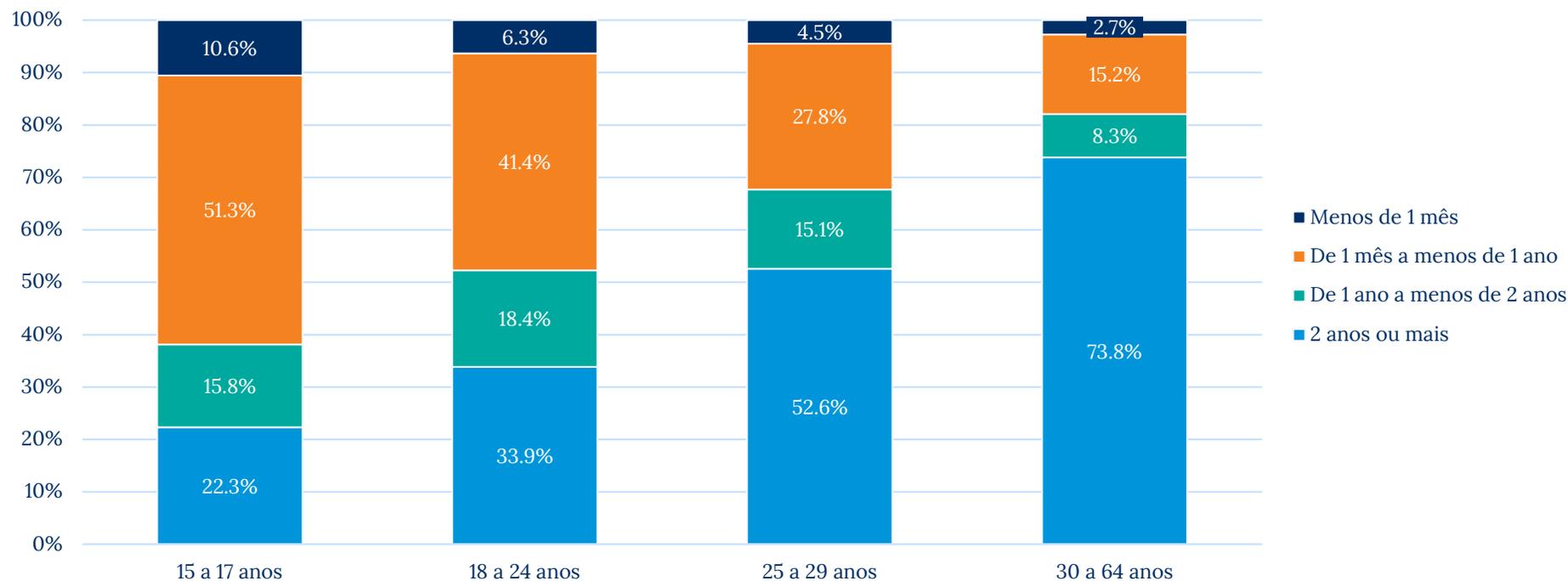
- Historicamente, a informalidade entre jovens de 15 a 17 anos é muito alta.
- A partir de 2015, a informalidade entre jovens de 18 a 24 anos passa a ser mais alta que a de adultos.

Percentual de trabalhadores informais entre ocupados por faixa etária



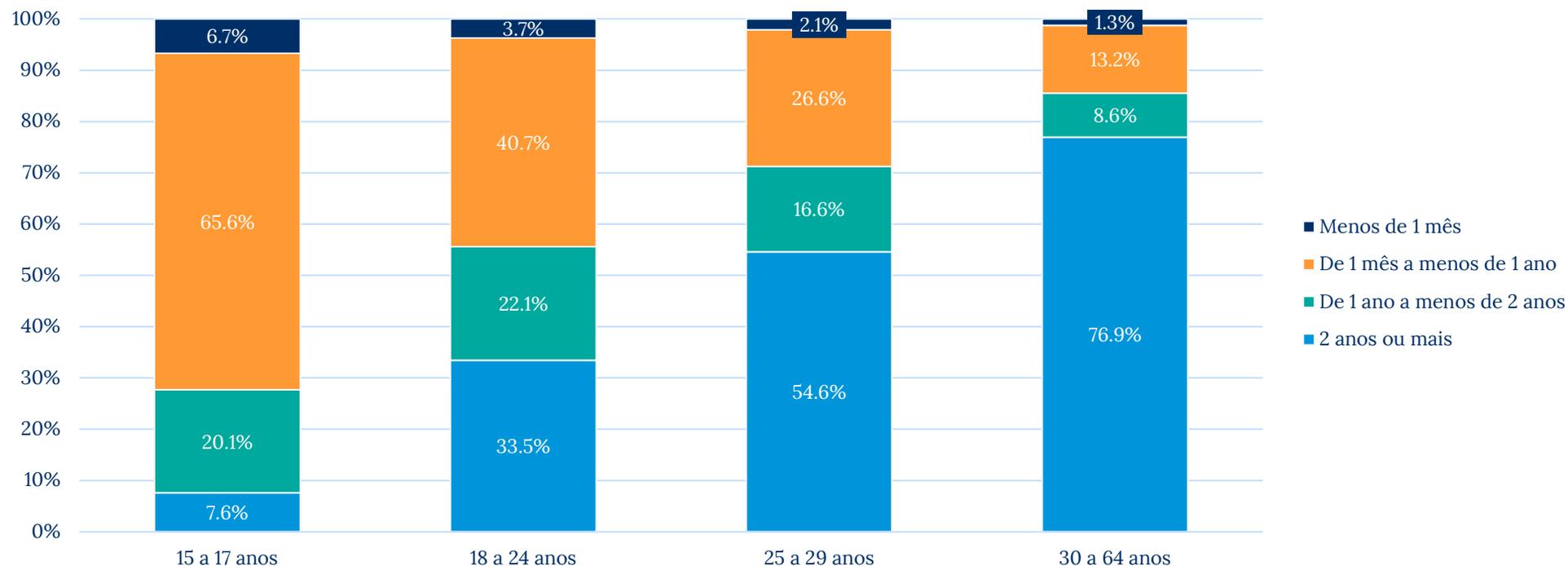
- A rotatividade entre jovens de 15 a 24 anos é alta.
- Entre 25 e 29 anos, os jovens passam a ter vínculos mais estáveis. Porém a permanência por mais de 2 anos no mesmo emprego é menor que a daqueles entre 30 e 64 anos..

Tempo na ocupação por faixa etária, 2022



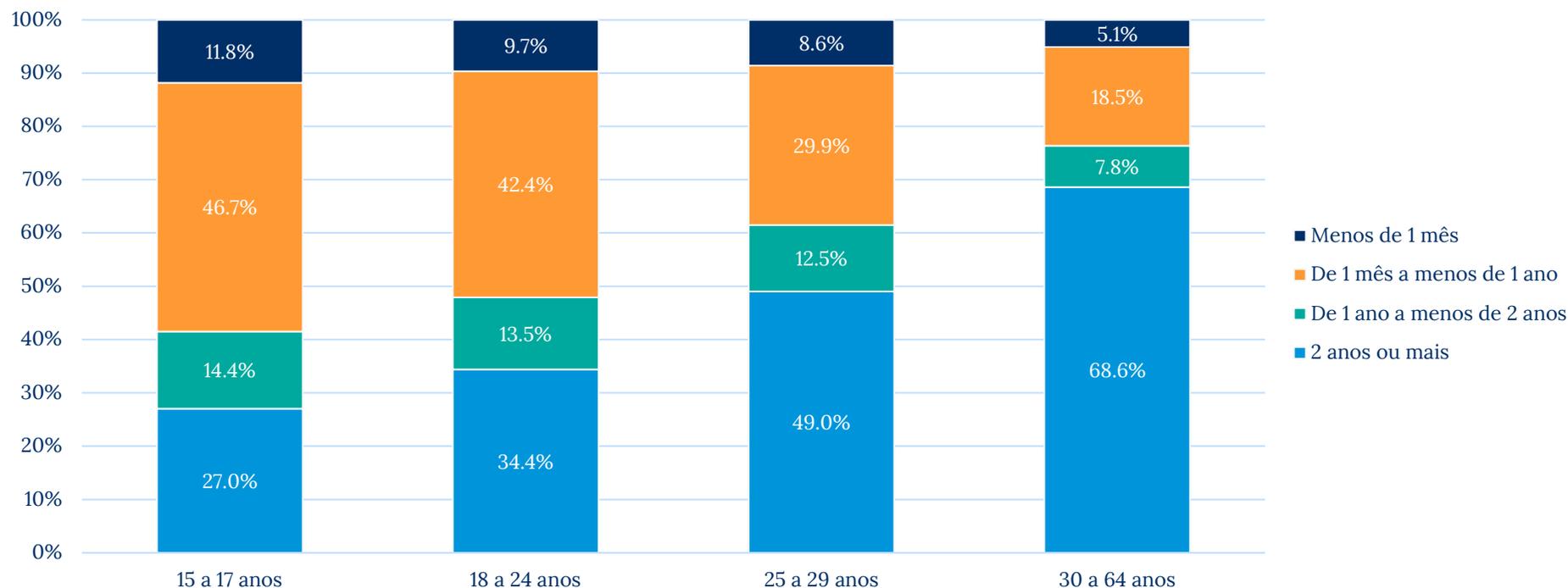
- Mesmo em vínculos formais de trabalho, a rotatividade é maior entre os mais jovens.

Tempo na ocupação entre formais por faixa etária, 2022



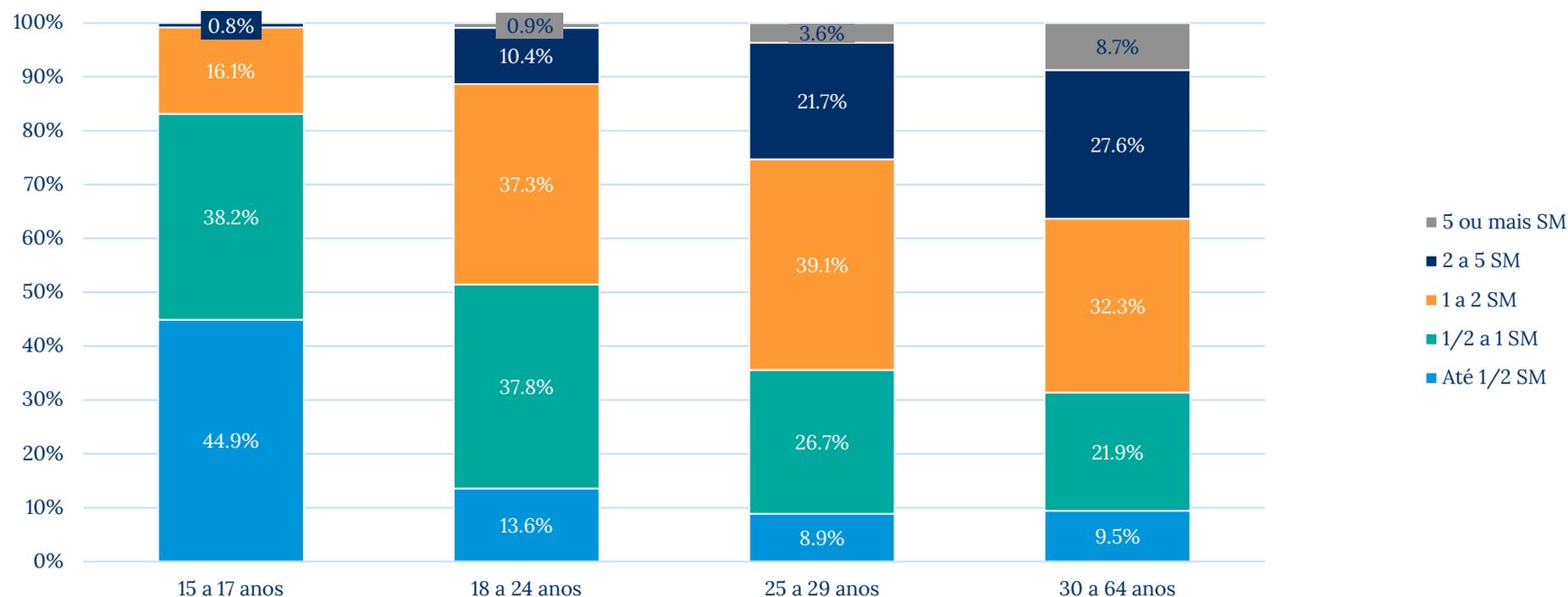
- É alta a permanência de jovens em vínculos informais, principalmente para aqueles entre 15 e 17 anos que entram no mercado de trabalho majoritariamente por esta via.

Tempo na ocupação entre informais por faixa etária, 2022



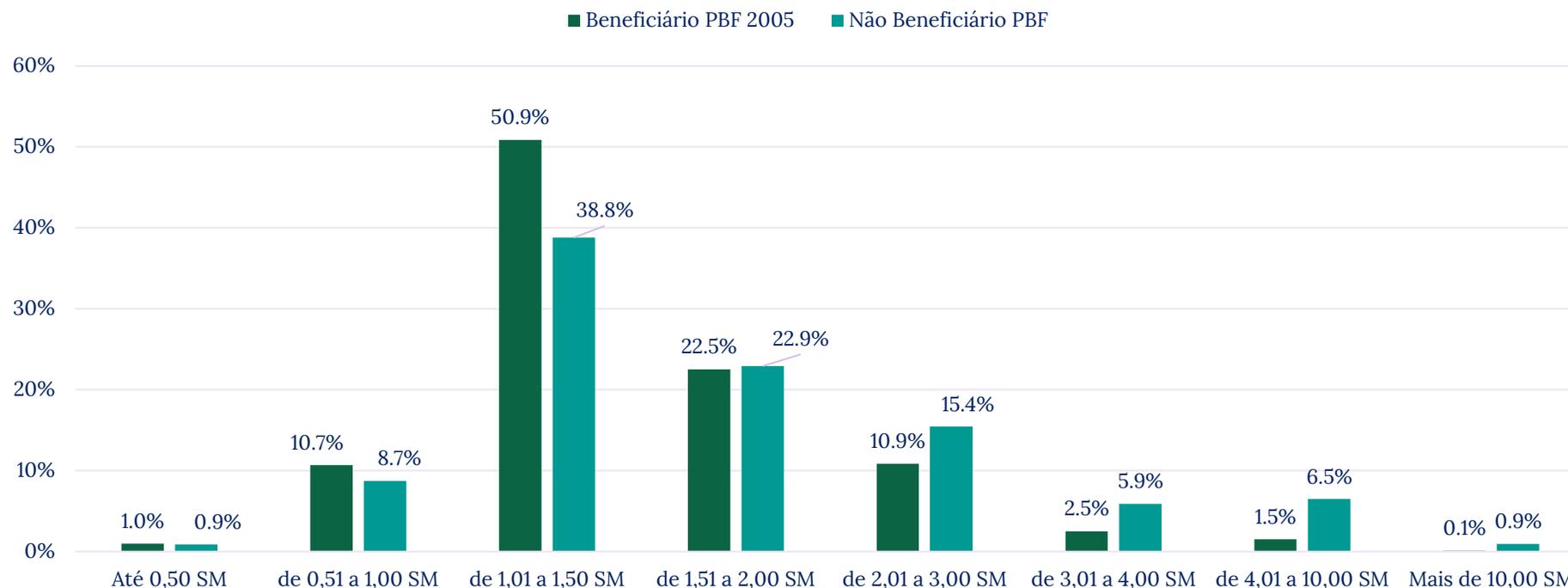
- A maior dificuldade de entrada no mercado de trabalho e a baixa experiência refletem em níveis salariais mais baixos para os jovens.

Rendimento do trabalho por faixa etária, 2022



- Jovens que viveram em situação de pobreza quando crianças ganham em média menos do que jovens que não eram considerados em situação de pobreza.
- Enquanto pouco mais de 15% do primeiro grupo alcança remuneração maior que 2 salários mínimos, 28% do segundo grupo alcança essa faixa.

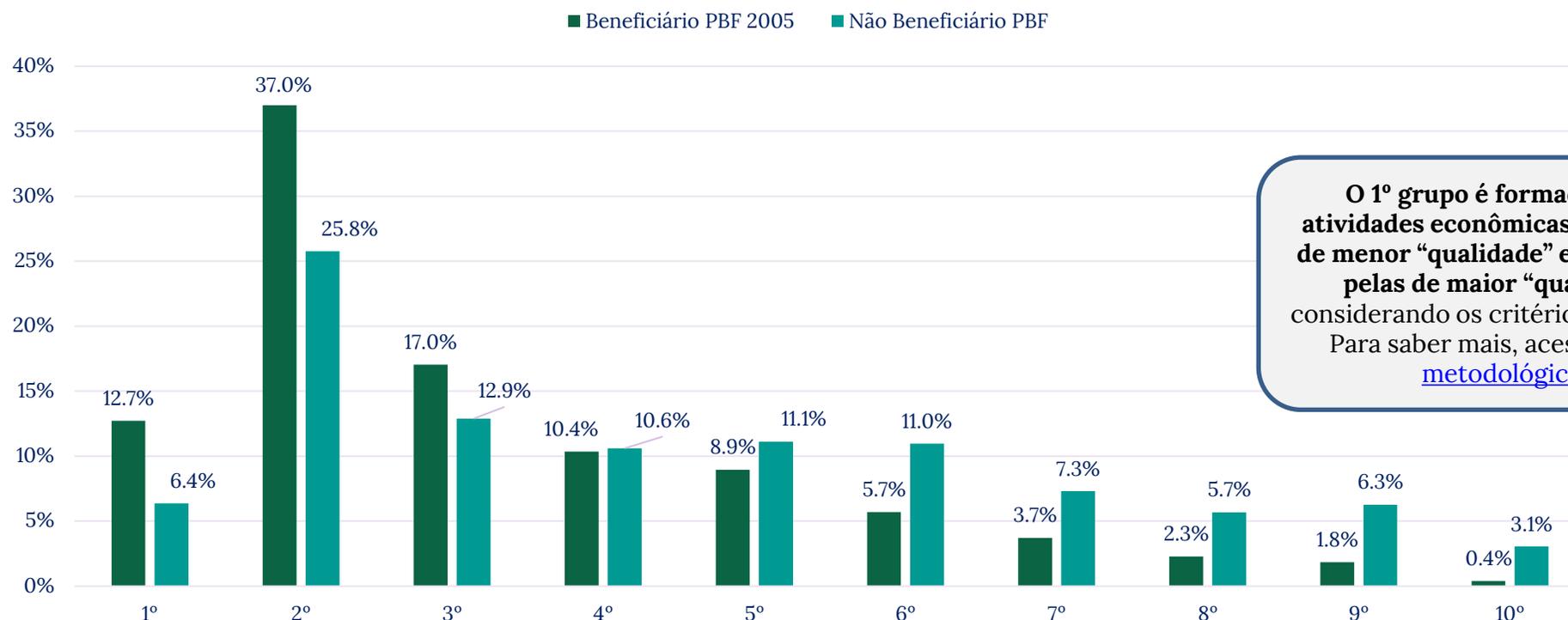
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal - Nível da remuneração em faixas de salário mínimo



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- Jovens fora de situação de pobreza na infância estão ocupados em ocupações mais bem remuneradas e que exigem maior escolaridade. 50% do grupo de jovens que foram pobres na infância (estavam em famílias com PBF) estão ocupados em ocupações níveis 1 e 2, comparado a 32% do grupo que não foi pobre.

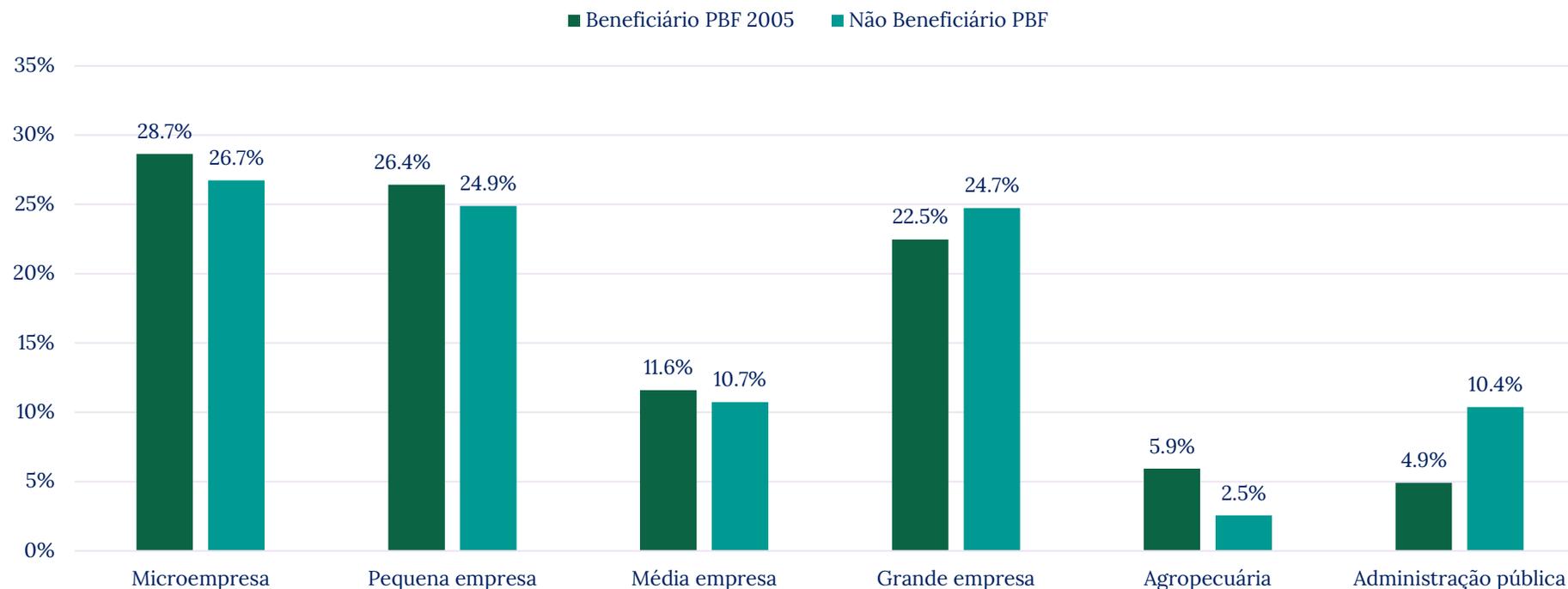
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal - Posição em grupos de qualidade do emprego



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- 10% dos jovens que não foram pobres na infância estão em empregos na administração pública, comparado a 5% dos jovens que foram pobres.
- A pobreza na infância tem correlação com a inserção produtiva de pior qualidade quando adulto. É válido ressaltar que o Bolsa Família teve provável efeito mitigador e não se sabe quão maior seria a discrepância sem o programa.

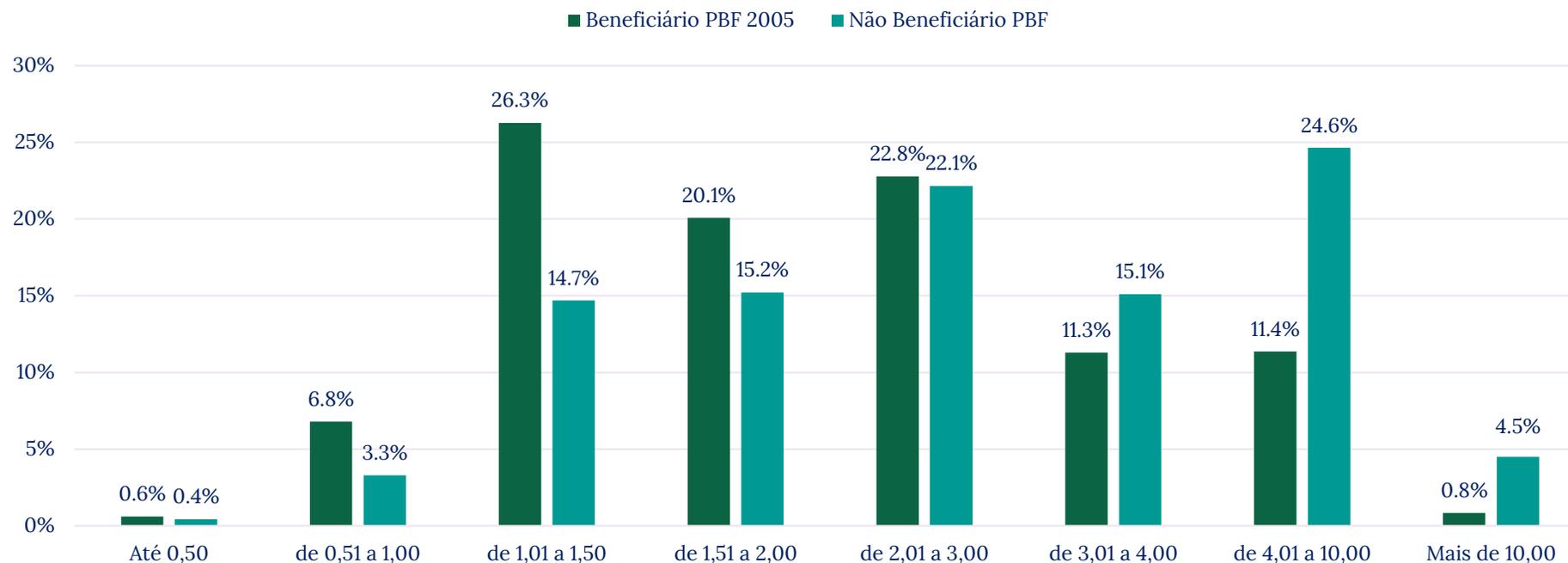
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal – Distribuição de acordo com o porte da empresa



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- Enquanto apenas 1,5% dos jovens que tiveram infância pobre ganham mais de 4 SM (6,5% para os demais jovens), esse cenário muda na medida em que adquirem mais escolaridade: se o jovem que teve infância pobre consegue completar o ensino superior, 11,4% ganham mais de 4SM (24,6% dos jovens que não tiveram infância pobre).

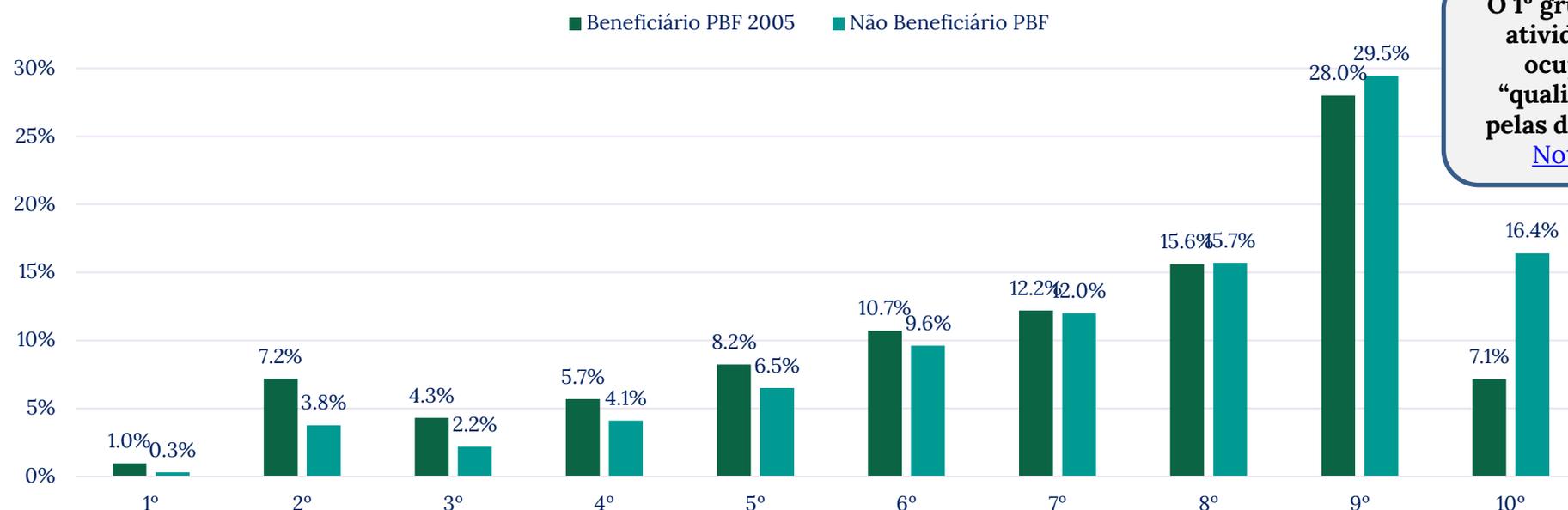
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal - Nível da remuneração em faixas de salário daqueles com Ensino Superior completo ou mais



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005 e possuíam Ensino Superior completo ou mais na declaração da RAIS. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- As perspectivas futuras desse jovem também dependem da escolaridade.
- Como visto anteriormente, 4,5% dos jovens com infância pobre acessam ocupações dentre os 3 grupos de maior qualidade do emprego, enquanto 15,1% dos jovens não pobres acessam esses grupos.
- Se o jovem tem ensino superior, 50,7% (se teve infância pobre) ocupa posto de trabalho nas profissões mais qualificadas. Ainda assim a infância pobre deixa marcas: 61,5% dos jovens com ensino superior mas que não foram pobres na infância, estão em profissões mais qualificadas.

Condições de acesso ao mercado de trabalho formal - Posição em grupos de qualidade do emprego daqueles com Ensino Superior completo ou mais

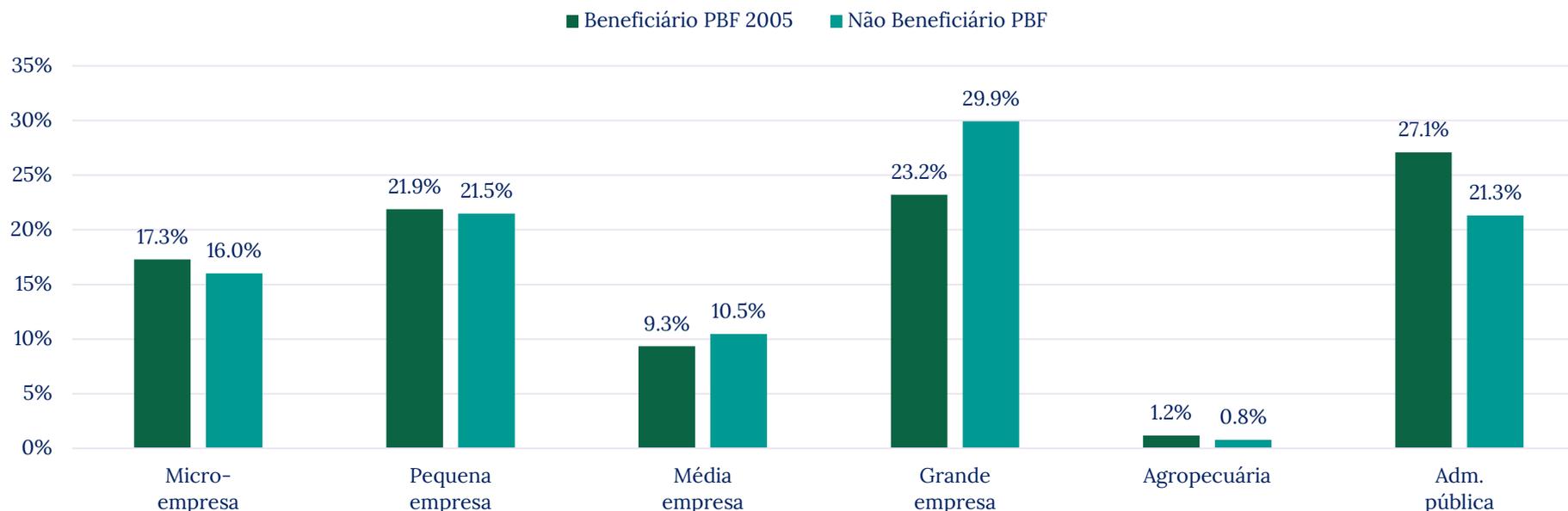


O 1º grupo é formado pelas atividades econômicas-ocupações de menor “qualidade” e o 10º grupo pelas de maior “qualidade”.
[Nota metodológica.](#)

Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005 e possuíam Ensino Superior completo ou mais na declaração da RAIS. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- O ensino superior permite acesso a empregos públicos ao jovem com infância pobre. Enquanto apenas 4,9% dos jovens com infância pobre trabalham na administração pública, isso é verdade para 27,1% daqueles nesse grupo que tem ensino superior.
- A opção pelo emprego público é a principal entre jovens que tiveram infância pobre e que tem ensino superior. Para os demais jovens, trabalhar em uma firma grande, privada, é a opção mais comum (29,9%).

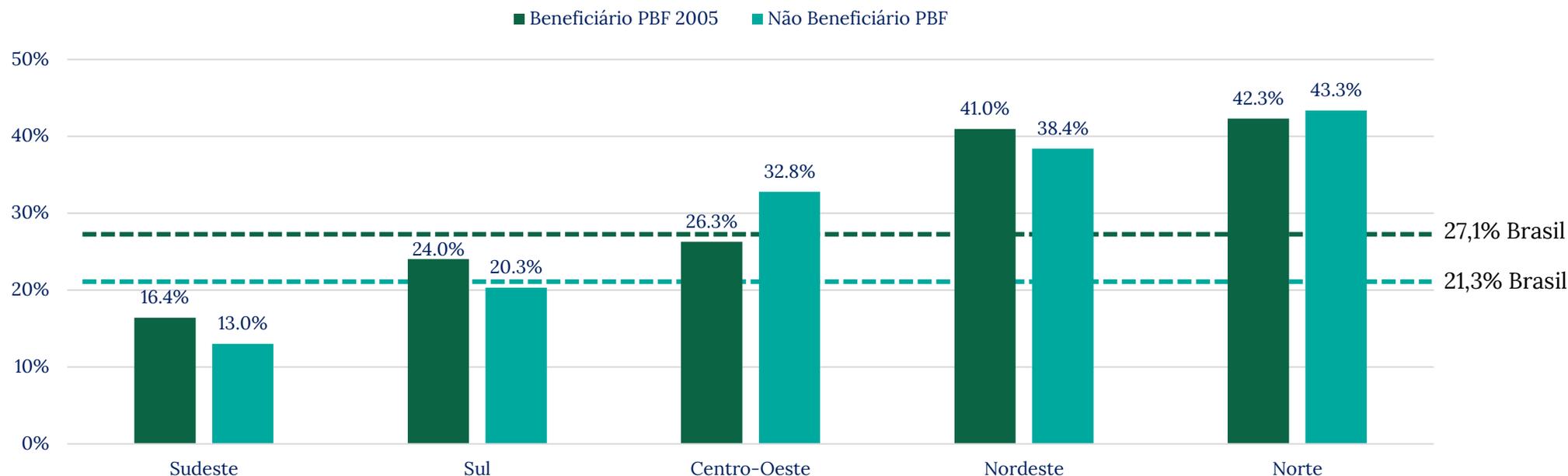
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal – Distribuição de acordo com o porte da empresa daqueles com Ensino Superior completo ou mais



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005 e possuíam Ensino Superior completo ou mais na declaração da RAIS. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- A importância da administração pública como fonte de emprego do jovem escolarizado (com ensino superior) varia muito por região. Quanto mais dinâmica a região, menor a relevância do emprego público. No sudeste, 16,4% dos jovens que tiveram infância pobre e 13% daqueles que não tiveram estão empregados na administração pública. No nordeste, respectivamente, 41% e 38,4%.

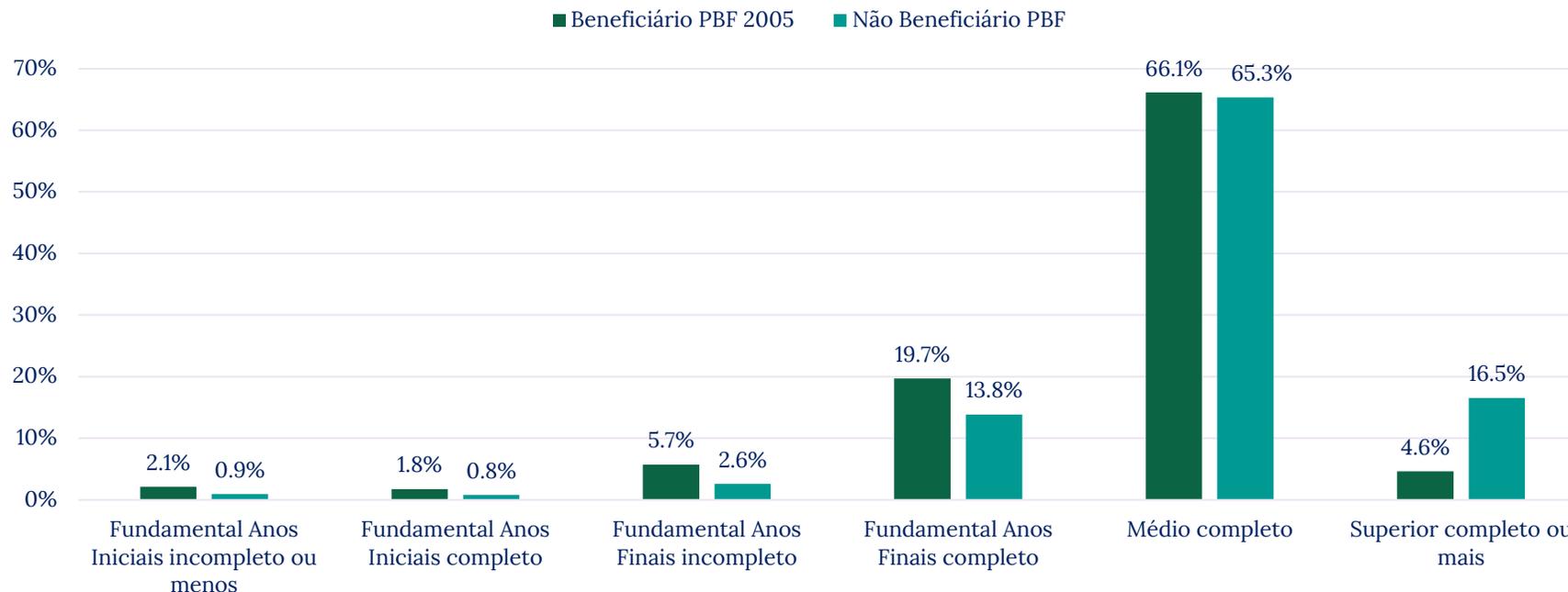
Condições de acesso ao mercado de trabalho formal – Percentual daqueles com Ensino Superior completo ou mais na Administração Pública



Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005 e possuíam Ensino Superior completo ou mais na declaração da RAIS. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

- Contudo, poucos são os jovens com infância pobre que conseguem chegar ao ensino superior

Condições de acesso aos níveis de escolaridade



População

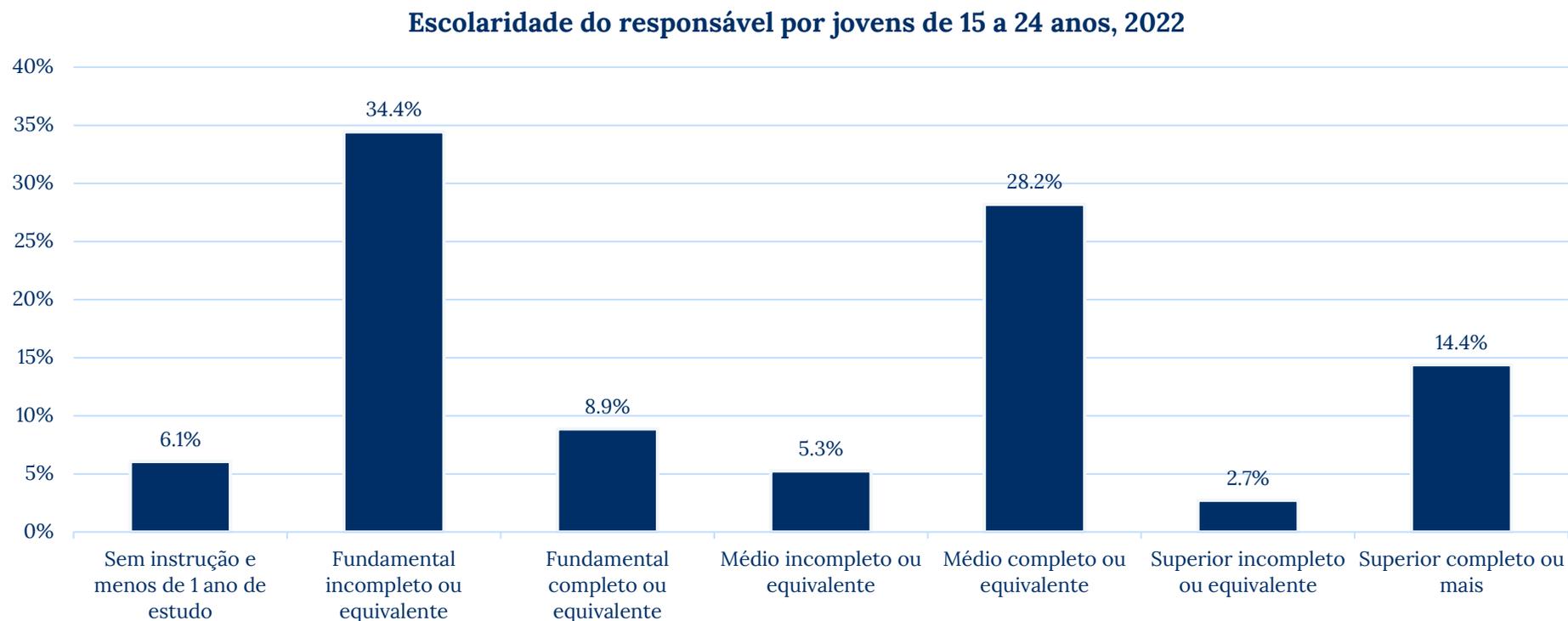
População	Fundamental Anos Iniciais incompleto ou menos	Fundamental Anos Iniciais completo	Fundamental Anos Finais incompleto	Fundamental Anos Finais completo	Médio completo	Superior completo ou mais
Beneficiário PBF 2005	109.909	91.013	296.389	1.022.690	3.435.569	239.633
Não Beneficiário PBF	124.234	104.547	337.265	1.822.868	8.607.645	2.178.029

Nota: (1) Considerando beneficiários dependentes de 7 a 16 anos do PBF em 2005 e não beneficiários do PBF entre 2005 e 2019 que tinham a mesma faixa etária em 2005. (2) São consideradas crianças em situação de pobreza em 2005 aquelas que tinham entre 7 e 16 anos em 2005 e eram beneficiárias dependentes do Programa Bolsa Família.

3.3. Desenvolvimento de Capacidades

Relações da Inserção Produtiva com escolaridade dos pais e com escolaridade do próprio jovem.

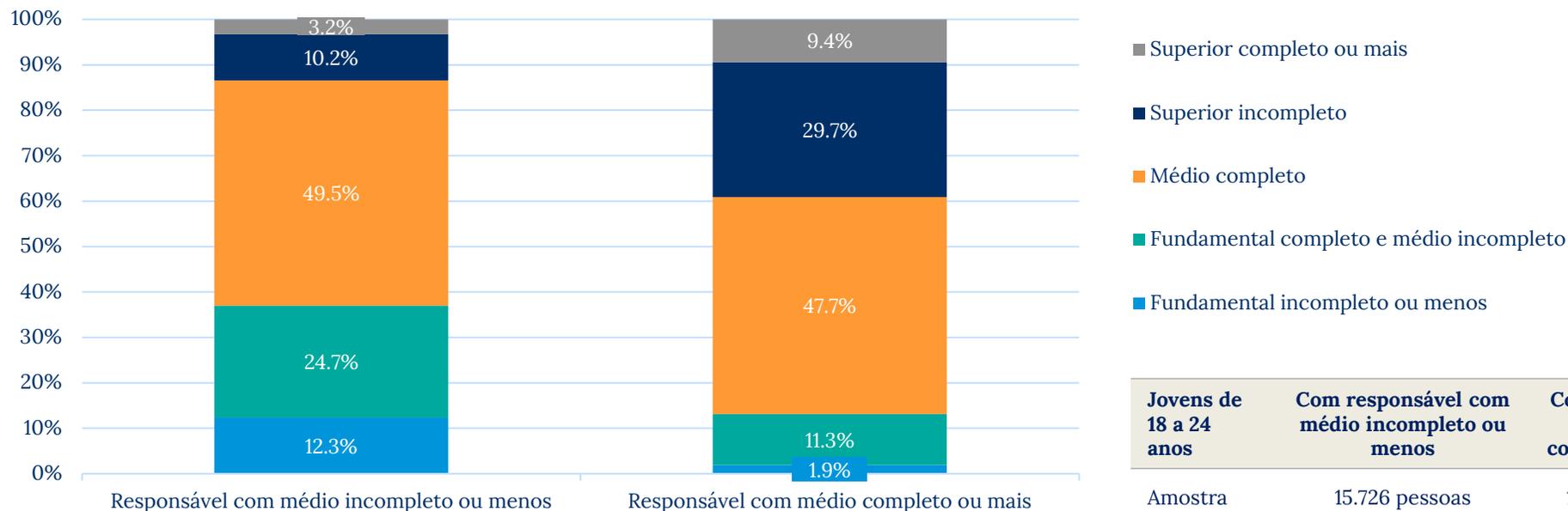
- **55% dos jovens de 15 a 24 anos possuem responsáveis com baixa escolaridade (menos que Ensino Médio)**



Nota: A escolaridade do responsável pelo domicílio é utilizada para representar a escolaridade do responsável pelo jovem que ocupa o domicílio na condição de filho, enteado, neto ou bisneto e está na faixa etária de 15 a 24 anos.

- A maior escolaridade dos pais reflete em maior escolaridade dos filhos.
- Entre jovens de 18 a 24 anos, apenas 13% alcançam o nível superior quando seus pais não completam o Ensino Médio.
- Esse percentual sobe para 40% para jovens cujos pais completaram esta etapa.

Percentual de jovens de 18 a 24 anos por nível de escolaridade mais elevado alcançado, por escolaridade dos responsáveis, 2022

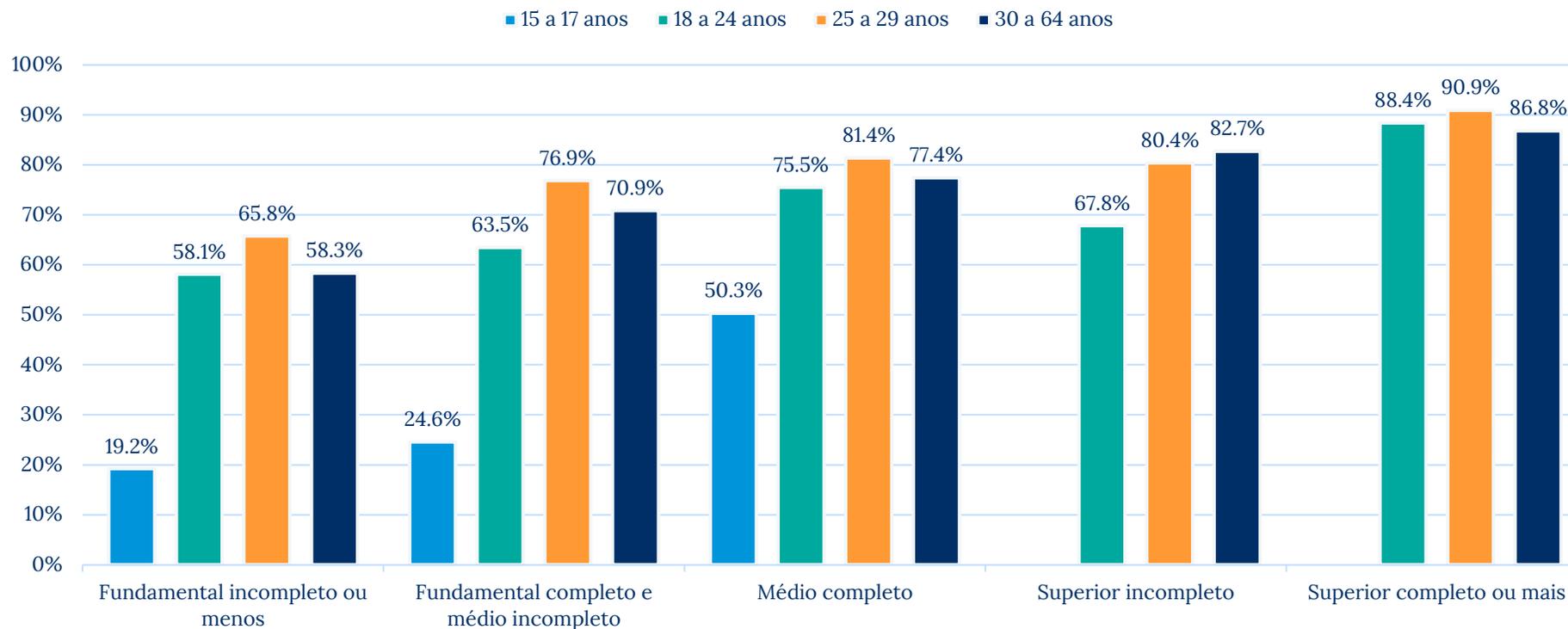


Nota: A escolaridade do responsável pelo domicílio é utilizada para representar a escolaridade do responsável pelo jovem que ocupa o domicílio na condição de filho, enteado, neto ou bisneto e está na faixa etária de 15 a 24 anos.

Jovens de 18 a 24 anos	Com responsável com médio incompleto ou menos	Com responsável com médio completo ou mais
Amostra	15.726 pessoas	10.174 pessoas
População	7.994.006 pessoas	6.609.224 pessoas
%	55%	45%

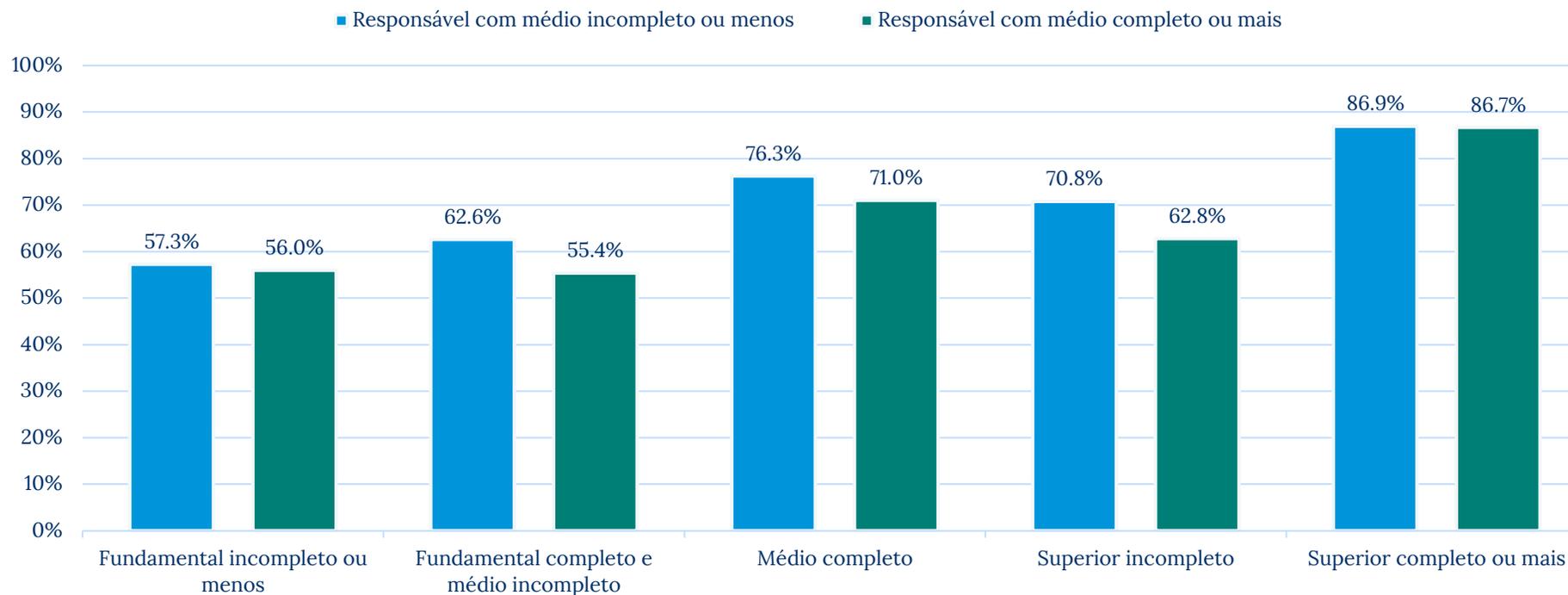
- A taxa de participação dos jovens aumenta conforme eles completam as etapas de ensino.

Taxa de participação na força de trabalho por escolaridade e faixa etária, 2022

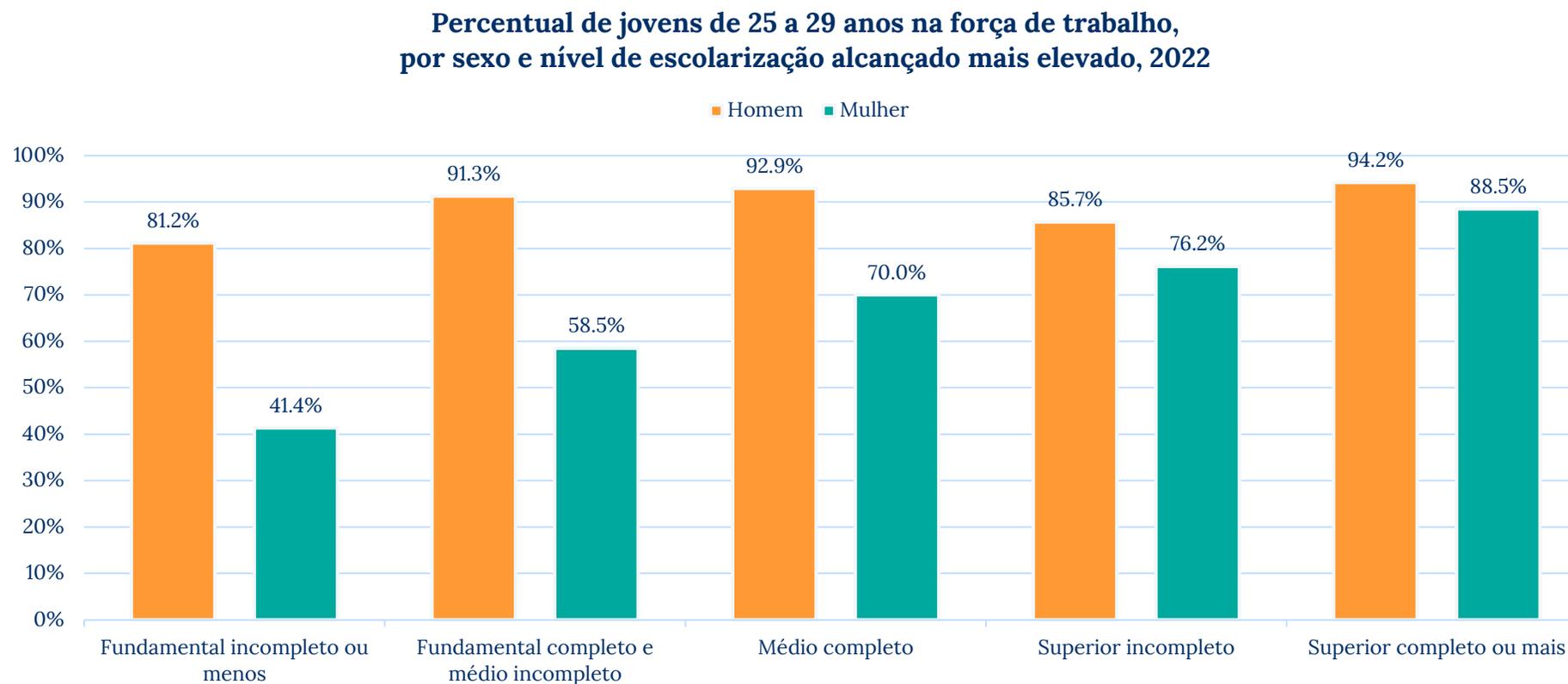


- É maior a participação de jovens no mercado de trabalho entre aqueles que têm responsáveis com menor escolaridade.

**Percentual de jovens de 18 a 24 anos na força de trabalho,
por nível de escolarização do responsável e nível de escolarização alcançado pelo jovem, 2022**

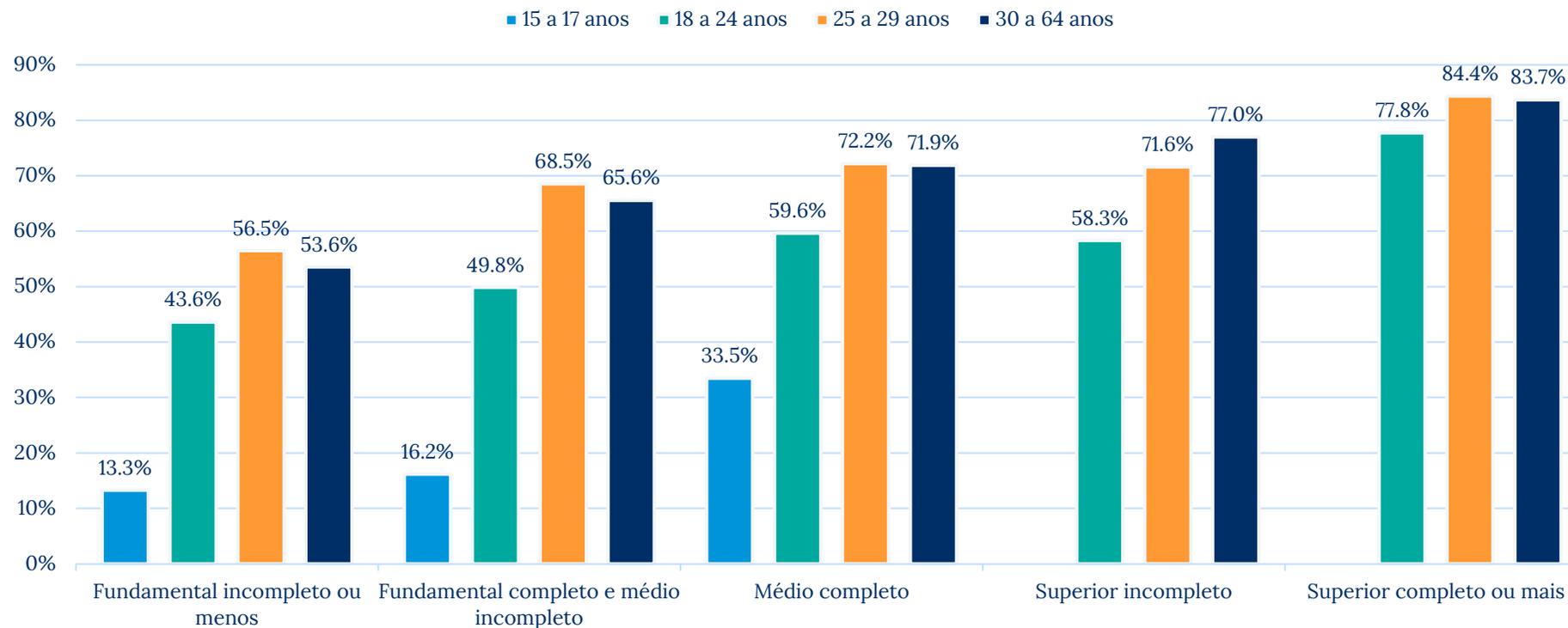


- **As mulheres participam mais do mercado de trabalho quanto maior é sua escolaridade.**



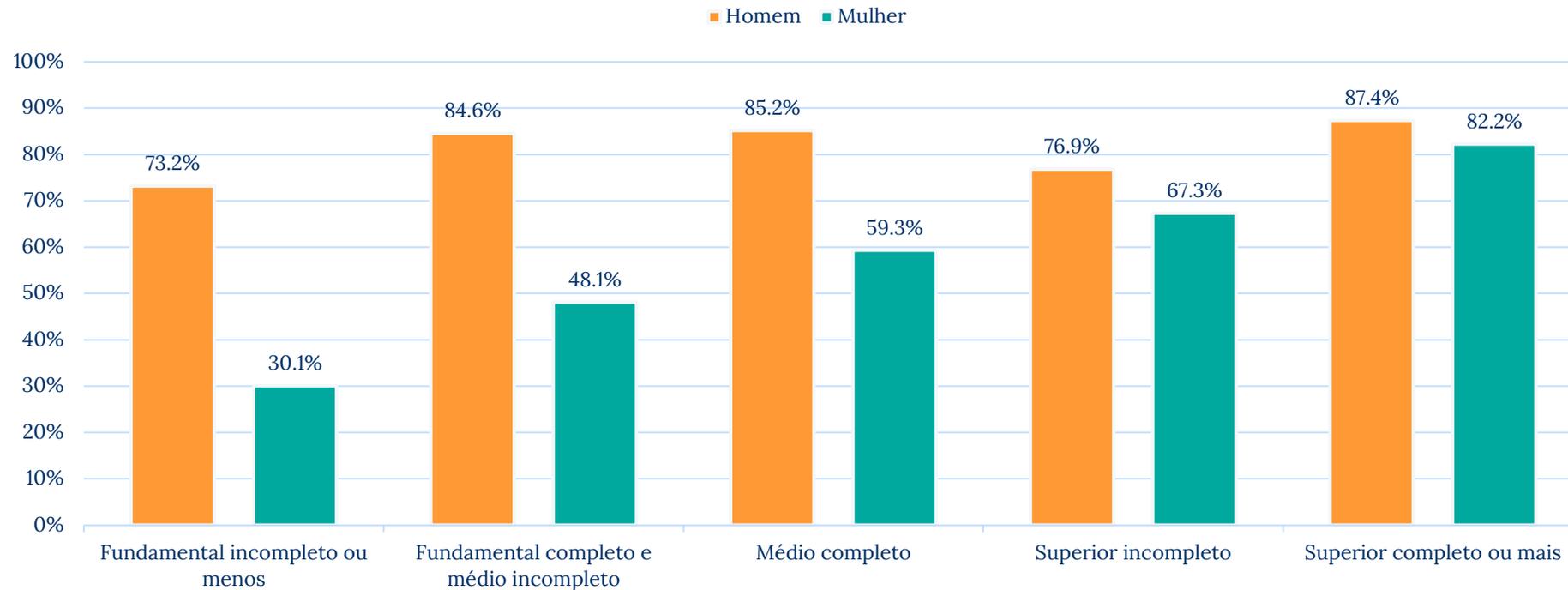
- O percentual de jovens ocupados aumenta conforme aumenta a escolaridade.

Percentual de ocupados por escolaridade e faixa etária, 2022



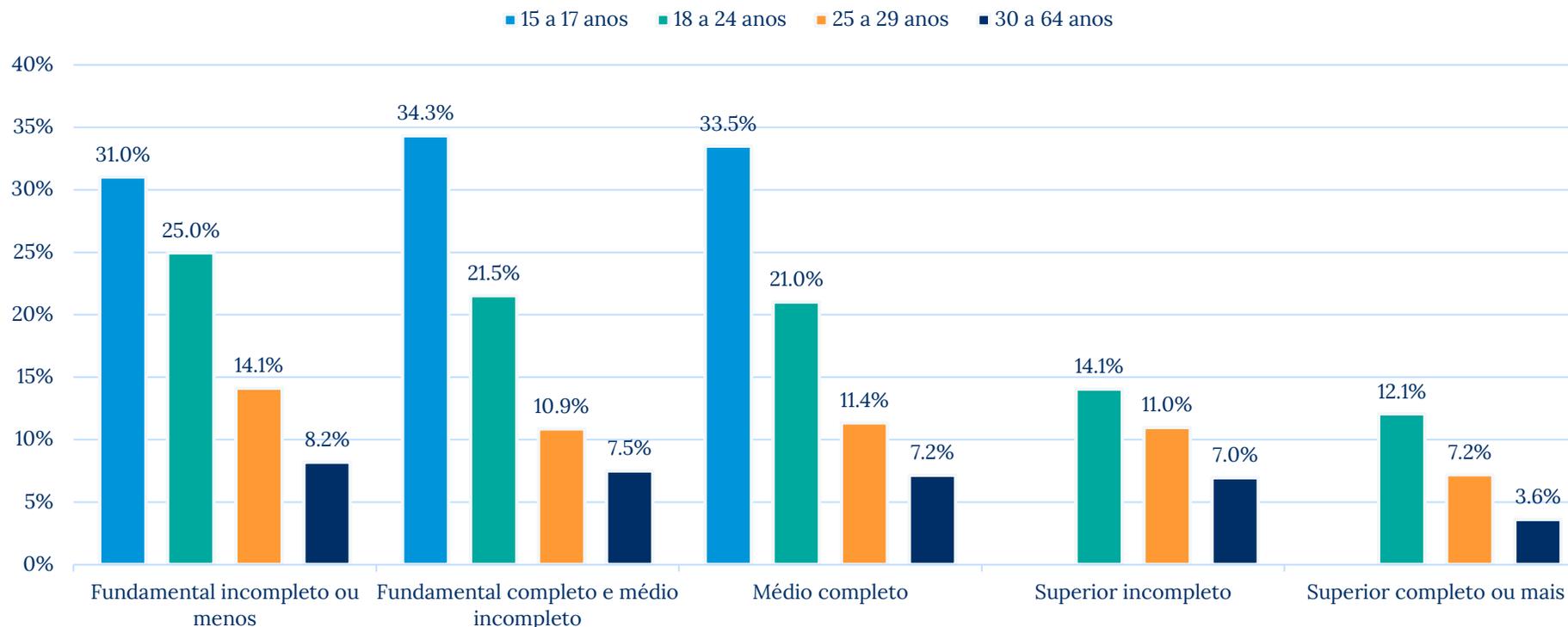
- Apenas 30% das mulheres com fundamental incompleto estão ocupadas, enquanto homens são 73%.
- Este percentual sobe para mais de 80% das mulheres jovens com superior completo.

Percentual de jovens de 25 a 29 anos ocupados,
por sexo e nível de escolarização alcançado mais elevado, 2022



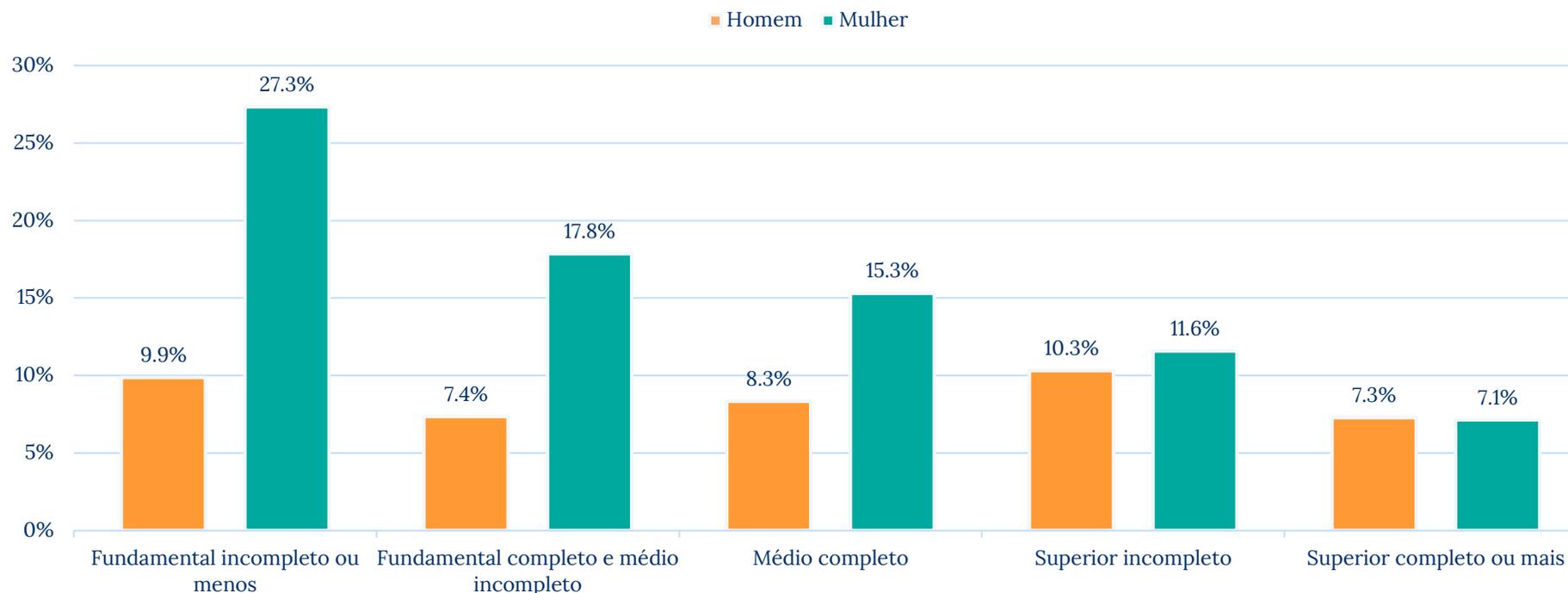
- **A taxa de desocupação de jovens com ensino superior completo é menos da metade daqueles com ensino fundamental ou menos.**

Taxa de desocupação por escolaridade e faixa etária, 2022



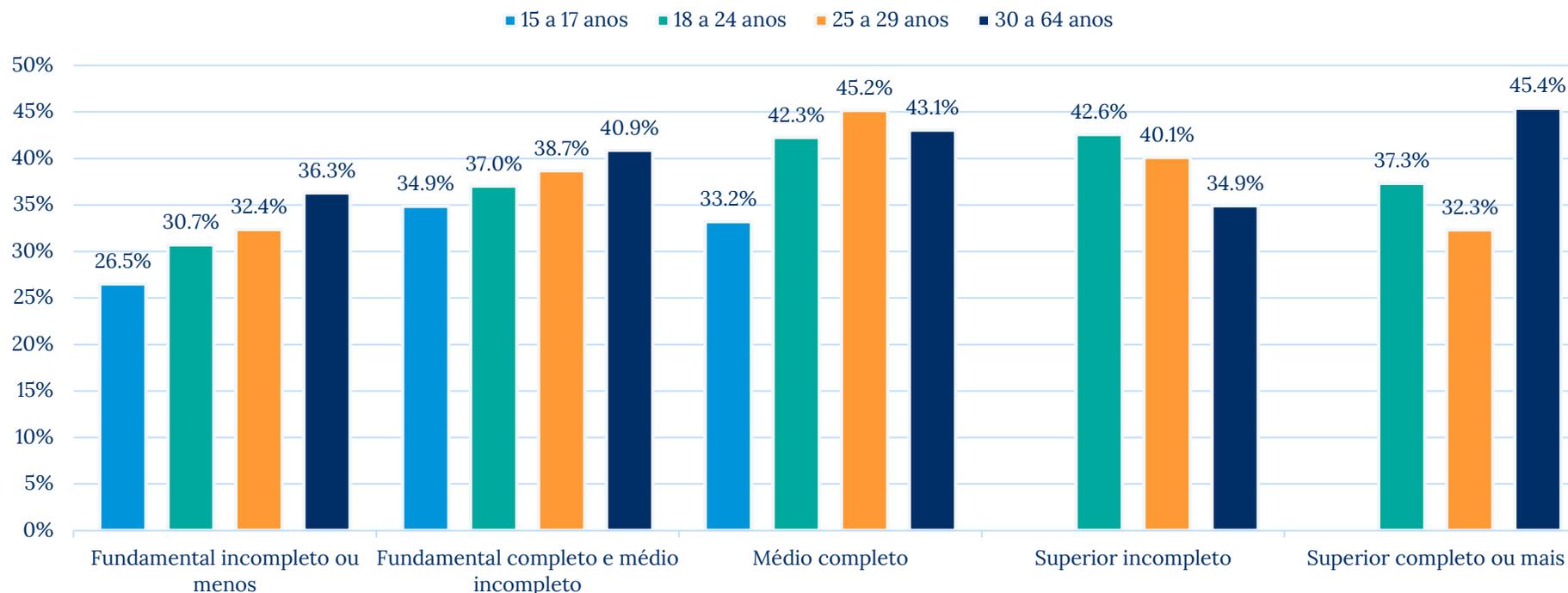
- A taxa de desocupação de mulheres com baixa escolaridade é muito superior à de homens com mesmo nível educacional.
- Ao acessar o ensino superior, a taxa de desocupação das mulheres cai drasticamente.

Taxa de desocupação de jovens de 25 a 29 anos,
por sexo e nível de escolarização alcançado mais elevado, 2022



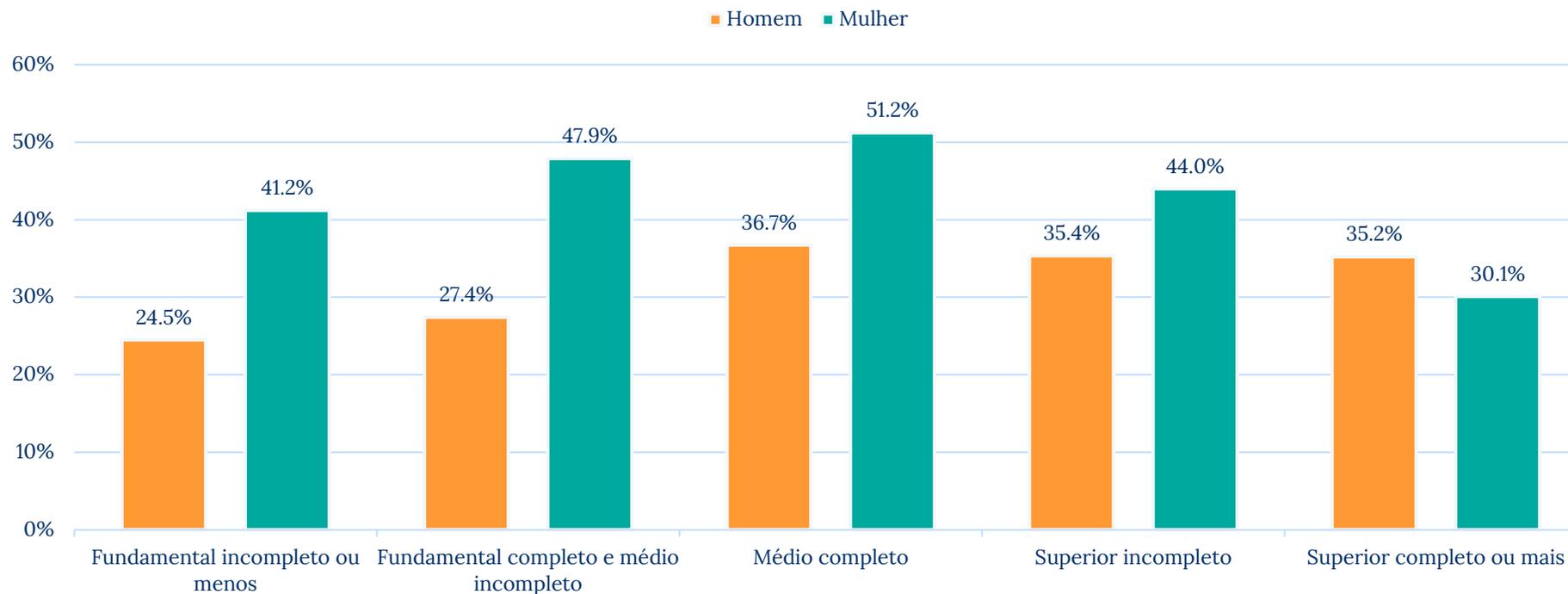
- O desemprego de longa duração é menor entre jovens de baixa escolaridade, pois são absorvidos pelo mercado informal ou de baixa complexidade.
- Jovens com Ensino Superior ou mais são mais rapidamente absorvidos pelo mercado em comparação aos adultos de 30 a 64 anos.

Percentual de jovens que buscam trabalho há mais de 1 ano entre desocupados, por escolaridade e faixa etária, 2022



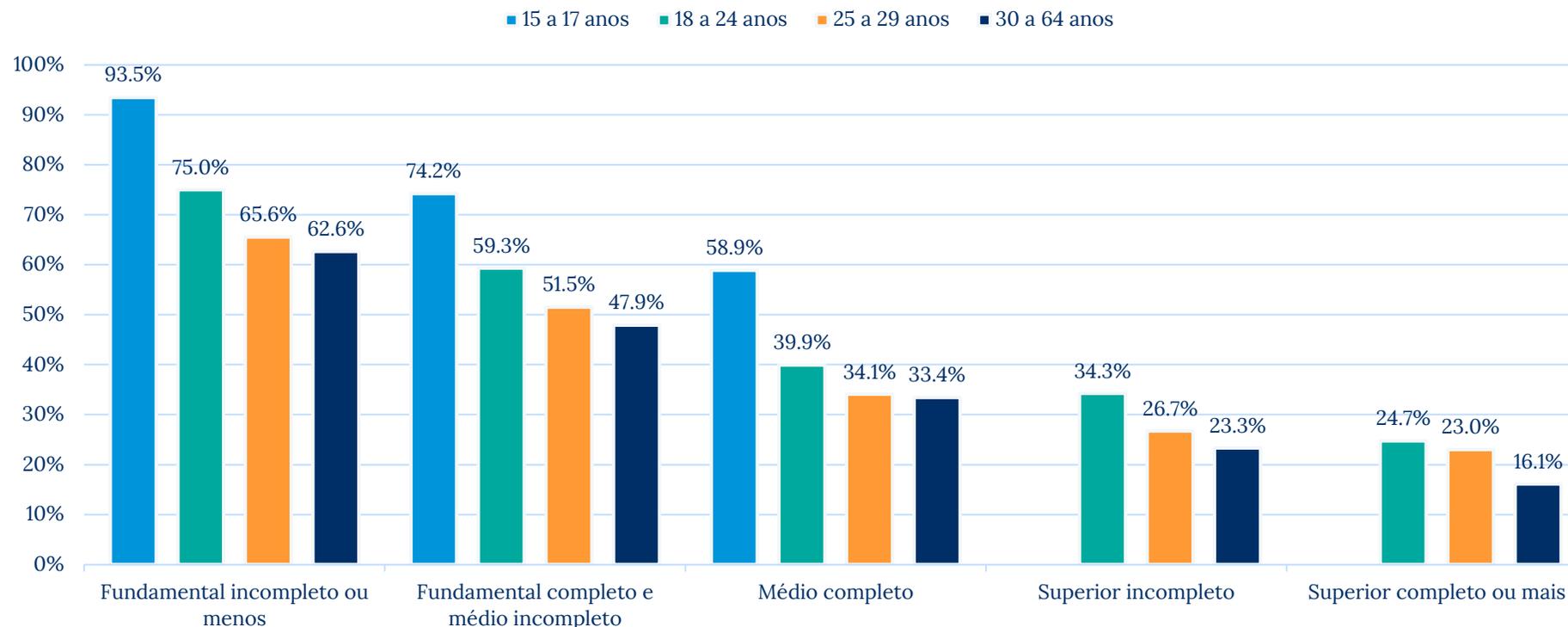
- **A diferença entre homens e mulheres para as taxas de desemprego de longa duração cai conforme as jovens se escolarizam mais.**

Percentual de jovens de 25 a 29 anos que busca trabalho há mais de 1 ano entre desocupados, por sexo e nível de escolarização alcançado mais elevado, 2022



- **Jovens com baixa escolaridade são amplamente absorvidos pelo mercado informal.**

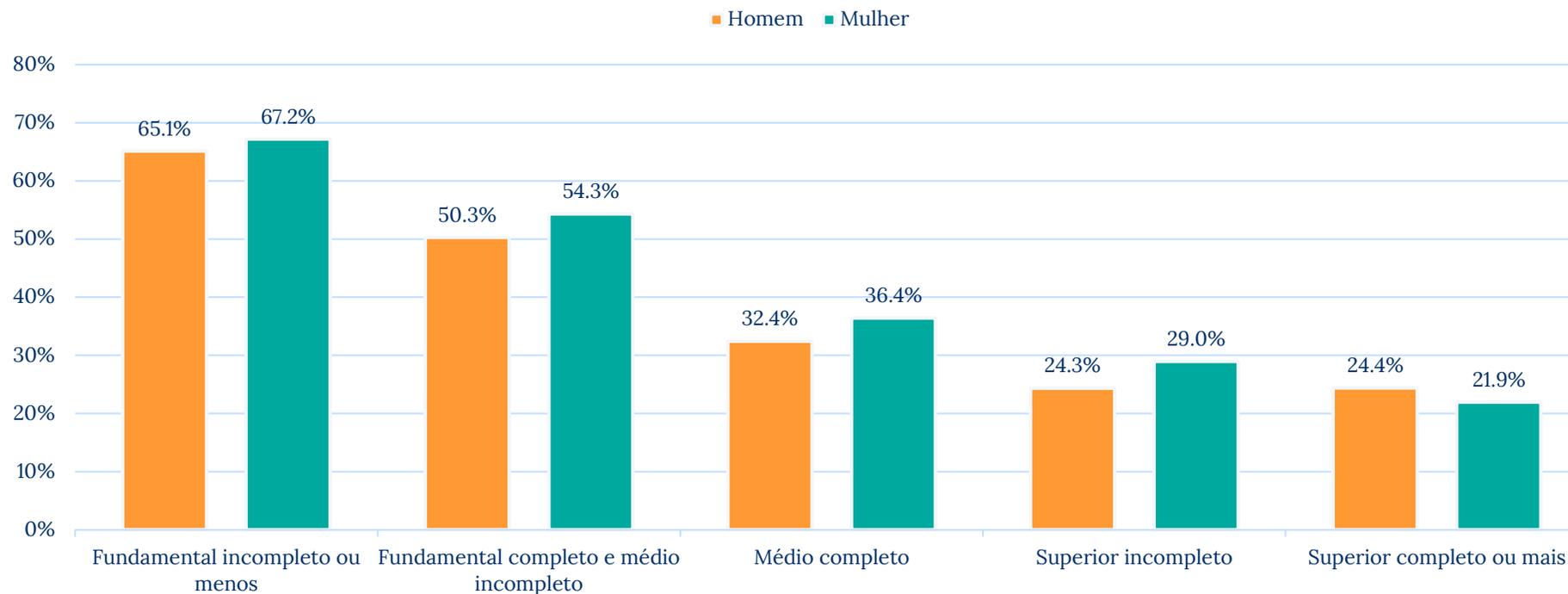
Percentual de trabalhadores informais entre os ocupados, por escolaridade e faixa etária, 2022



Nota: Conforme IBGE, foram consideradas no setor informal pessoas cuja posição na ocupação fosse: Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador familiar auxiliar; e Empregador e Conta-própria sem CNPJ.

- Apesar da maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a informalidade entre mulheres é bem parecida com a dos homens.

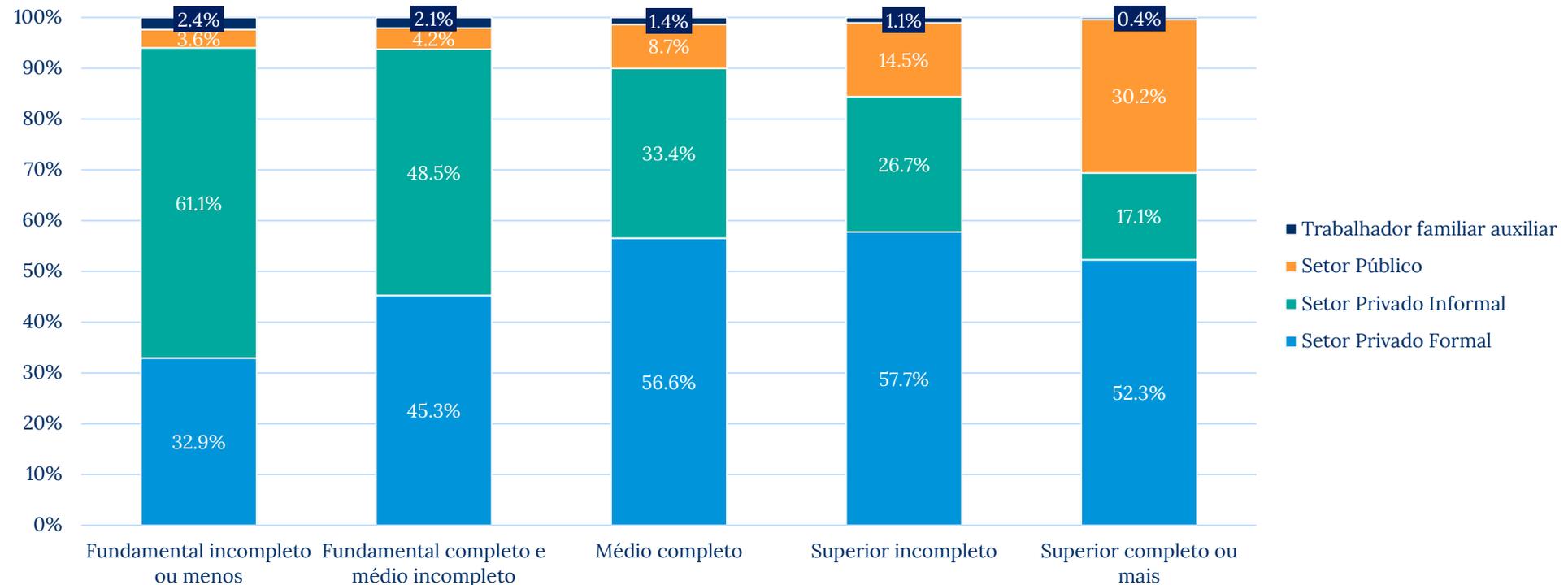
Percentual de trabalhadores informais de 25 a 29 anos entre os ocupados, por sexo e nível de escolarização alcançado mais elevado, 2022



Nota: Conforme IBGE, foram consideradas no setor informal pessoas cuja posição na ocupação fosse: Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador familiar auxiliar; e Empregador e Conta-própria sem CNPJ.

- Mais de 60% dos jovens com baixa educação são absorvidos pelo mercado de trabalho informal.
- Jovens que acessam o Ensino Superior têm mais acesso às ocupações com maior estabilidade e seguridade.

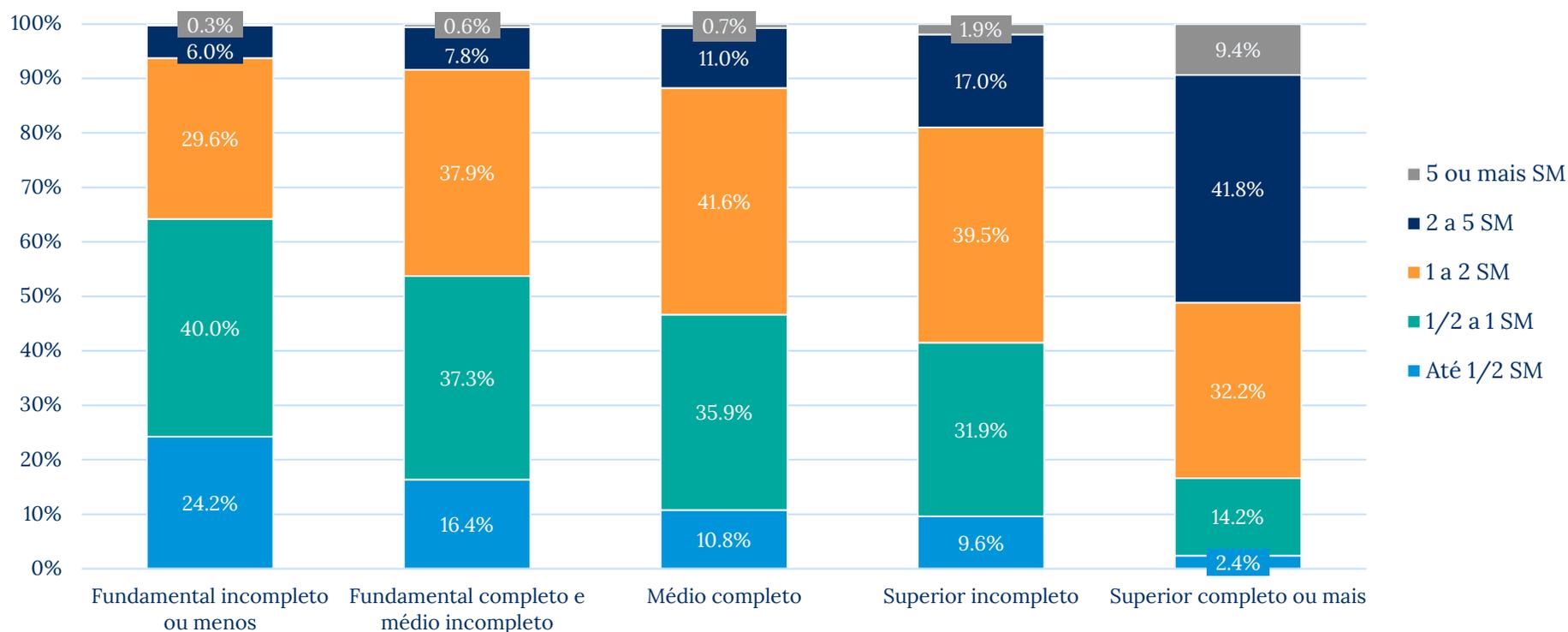
Percentual de jovens, de 18 a 29 anos, por agrupamentos de tipo de ocupação e escolaridade 2022



Nota: Conforme IBGE, foram consideradas no setor informal pessoas cuja posição na ocupação fosse: Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada; Trabalhador familiar auxiliar; e Empregador e Conta-própria sem CNPJ.

- **A baixa educação em conjunto o alto índice de informalidade refletem em piores salários.**
- **Em contrapartida, mais educação reflete em estabilidade, seguridade e melhores salários.**

Percentual de jovens de 18 a 29 anos, por faixa de rendimento em salário mínimo, 2022

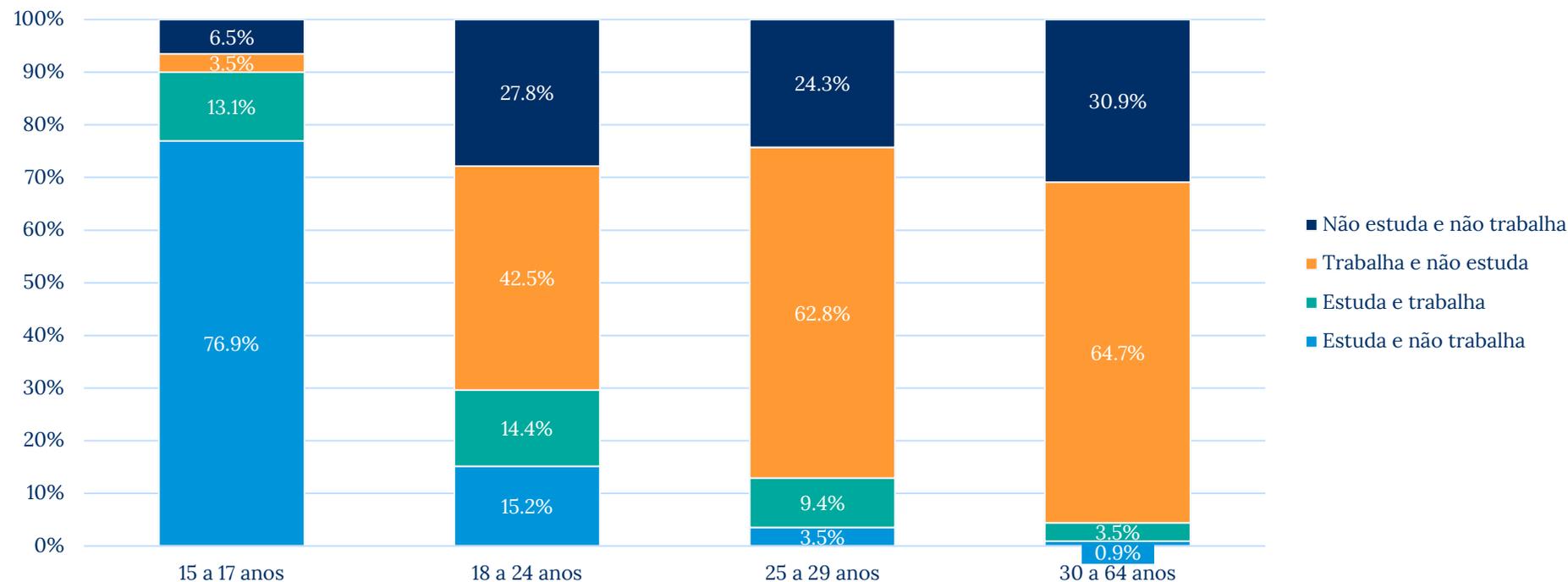


3.4. Uso do tempo

Distribuição do tempo dos jovens em relação à trabalho e estudos

- 90% dos jovens de 15 a 17 anos estão comprometidos com os estudos.
- Entre 18 e 24 anos, 30% ainda estão estudando.
- ¼ dos jovens de 18 a 29 anos não trabalham e nem estudam.

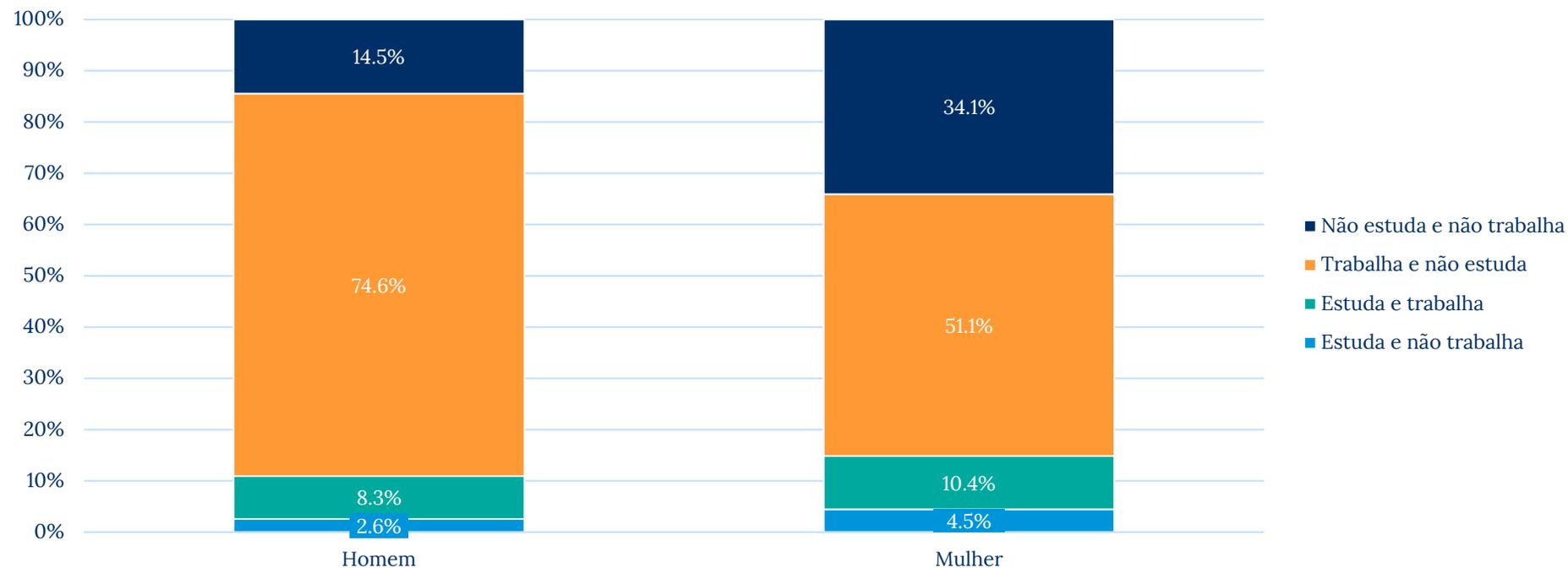
Uso do tempo por faixa etária, 2022



Nota: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

- **34% das mulheres de 25 a 29 anos não trabalham e nem estudam. Contra 14% dos homens.**
- **15% delas estão estudando, enquanto entre os homens são apenas 11%.**

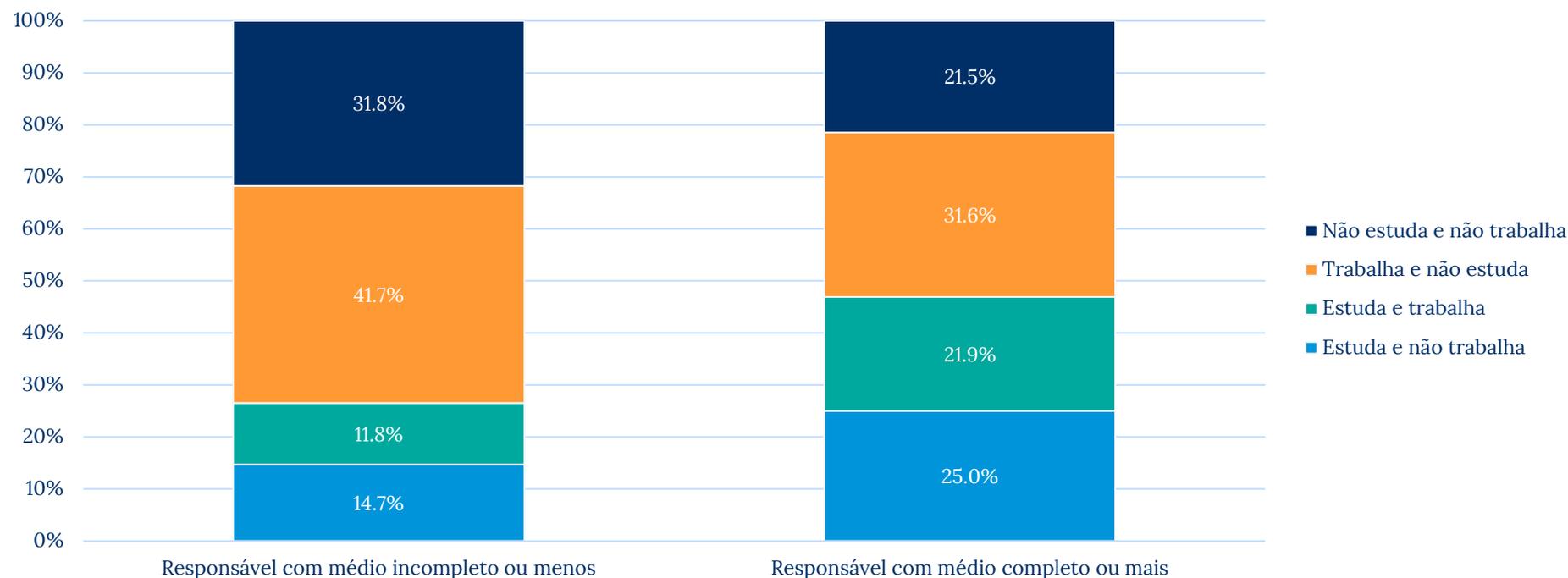
Uso do tempo de jovens de 25 a 29 anos por sexo, 2022



Nota: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

- **Nessa faixa etária (18 a 24 anos), o percentual de jovens que apenas estuda é praticamente o dobro para os que têm pais com pelo menos o médio completo vis-à-vis aqueles cujos pais são pouco instruídos.**
- **Um em cada 3 dos jovens cujos pais não atingiram sequer o ensino médio completo não estudam e nem trabalham, mas mesmo entre aqueles cujos pais possuem ensino médio completo, 1 em cada 5, não estuda nem trabalha.**

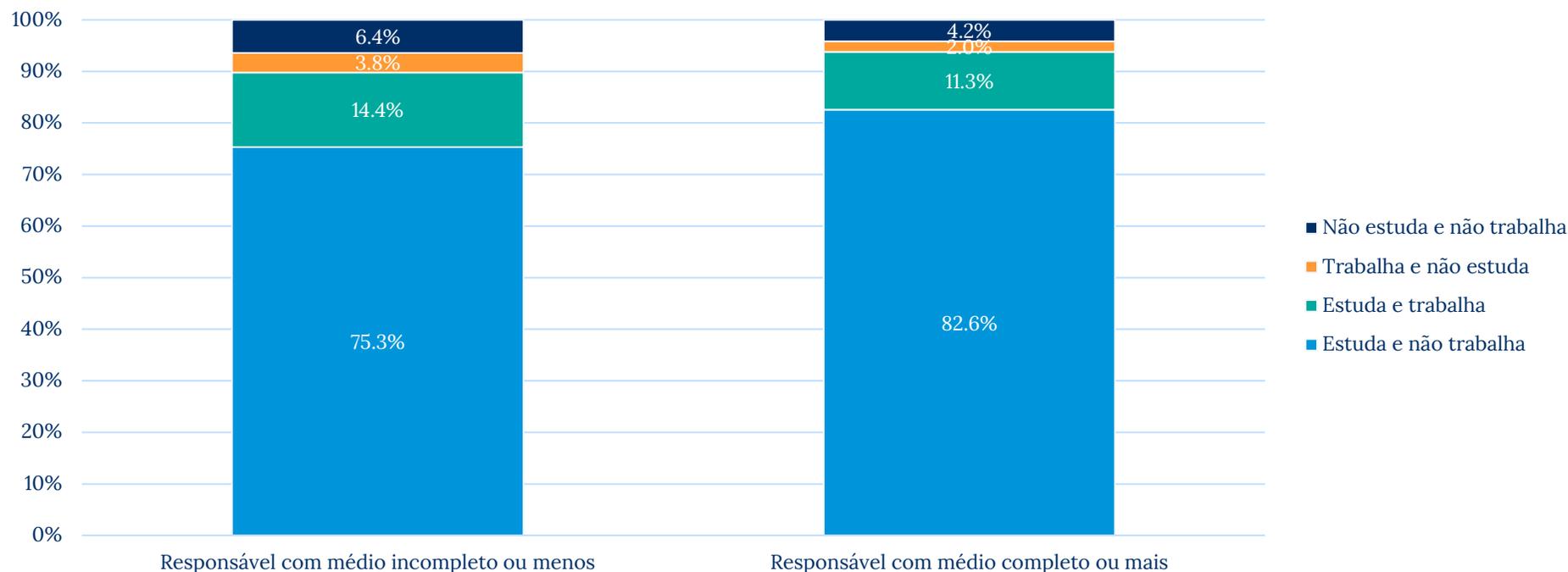
Uso do tempo dos jovens de 18 a 24 anos - por escolaridade do responsável, 2022



Nota: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

- **Entre os mais jovens (15 a 17 anos) que possuem pais mais escolarizados (pelo menos o médio completo) é maior o percentual daqueles que estão estudando.**

Uso do tempo por escolaridade do responsável dos jovens de 15 a 17 anos, 2022

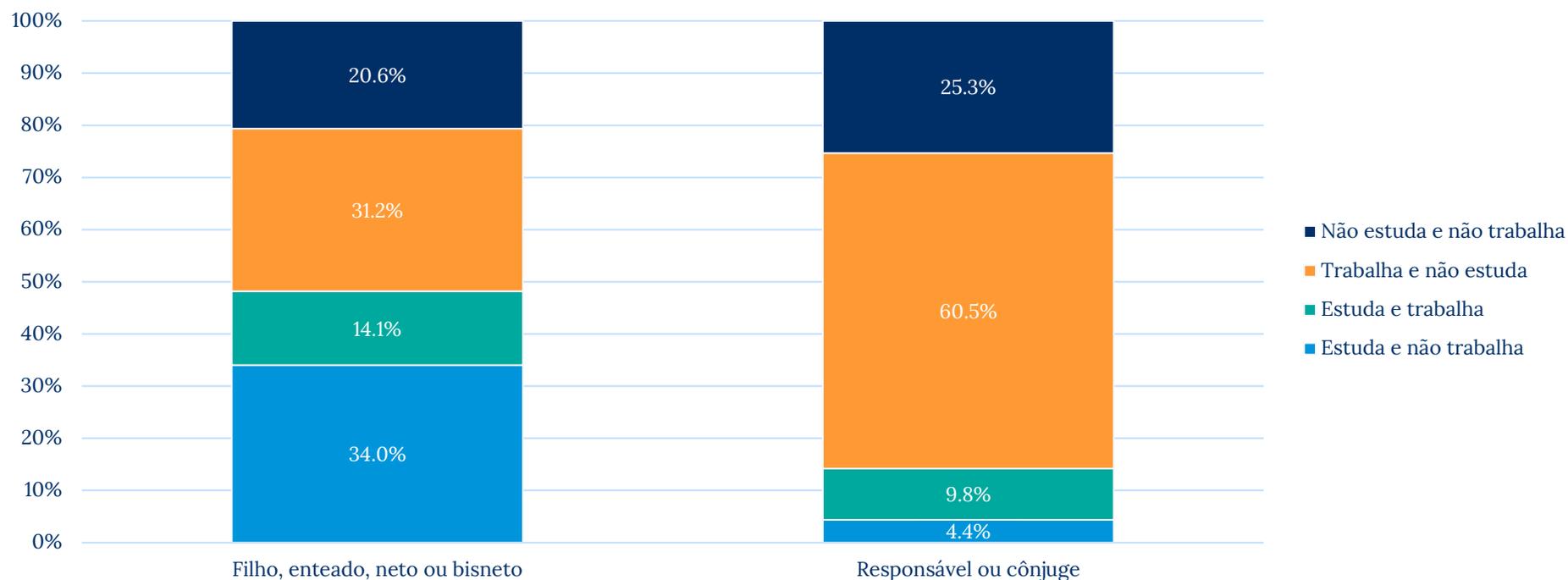


Nota 1: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

Nota 2: A escolaridade do responsável pelo domicílio é utilizada para representar a escolaridade do responsável pelo jovem que ocupa o domicílio na condição de filho, enteado, neto ou bisneto e está na faixa etária de 15 a 24 anos.

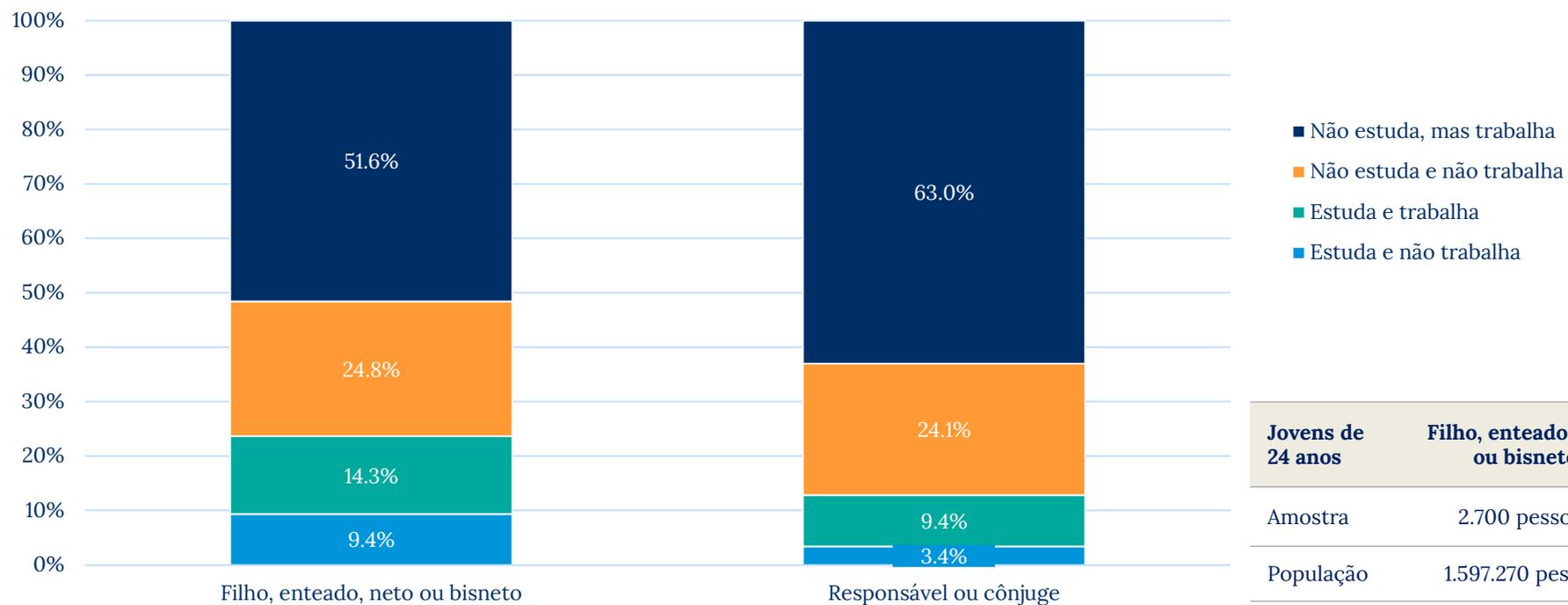
- **Metade dos jovens dependentes estão comprometidos com os estudos.**
- **Entre os jovens responsáveis, maioria é dedicada ao trabalho.**

Uso do tempo de jovens de 15 a 29 anos por situação no domicílio, 2022



Nota: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

Uso do tempo de jovens de 24 anos por situação no domicílio, 2022



Jovens de 24 anos	Filho, enteado, neto ou bisneto	Responsável ou cônjuge
Amostra	2.700 pessoas	2.119 pessoas
População	1.597.270 pessoas	1.577.257 pessoas
%	56%	44%

Nota: Cursos profissionalizantes e técnico subsequente não são considerados nas estatísticas de estudo.

4. Desempenho econômico e produtividade

Fatores relevantes para a baixa produtividade da força de trabalho no Brasil: análise da Juventude e exercícios contrafactuais

4.1. Introdução e um breve retrospecto

O que já sabemos sobre nossa força de trabalho jovem

Elementos introdutórios para as projeções

- O Brasil já passou pelo pico do bônus demográfico. É inexorável o processo de envelhecimento de nossa população nos próximos anos.
- A PIA ainda crescerá por poucos anos, mas em seguida começará seu declínio.
- Quanto aos Jovens (até 29 anos) seu número já está em declínio
- Como se sabe, Jovens entre 15 e 17 anos são amplamente dependentes e passam por processo de “emancipação” entre 18 e 24.
- Entre 25 e 29 anos estes são majoritariamente responsáveis por seus domicílios e concretizam a transição para o mercado de trabalho (mais de 70% estão ocupados).
- Jovens de 15 a 17 estão se escolarizando mais e acessando menos o mercado de trabalho. Quando acessam é em grande parte via mercado informal (75%).
- Jovens de 18 a 29 anos se mantiveram muito ativos no mercado de trabalho, principalmente aqueles entre 25 e 29 (80%).
- 40% dos jovens de 18 a 29 anos procuram trabalho há mais de 1 ano.
- A maior dificuldade de entrada no mercado de trabalho e a baixa experiência refletem em níveis salariais mais baixos para os jovens.

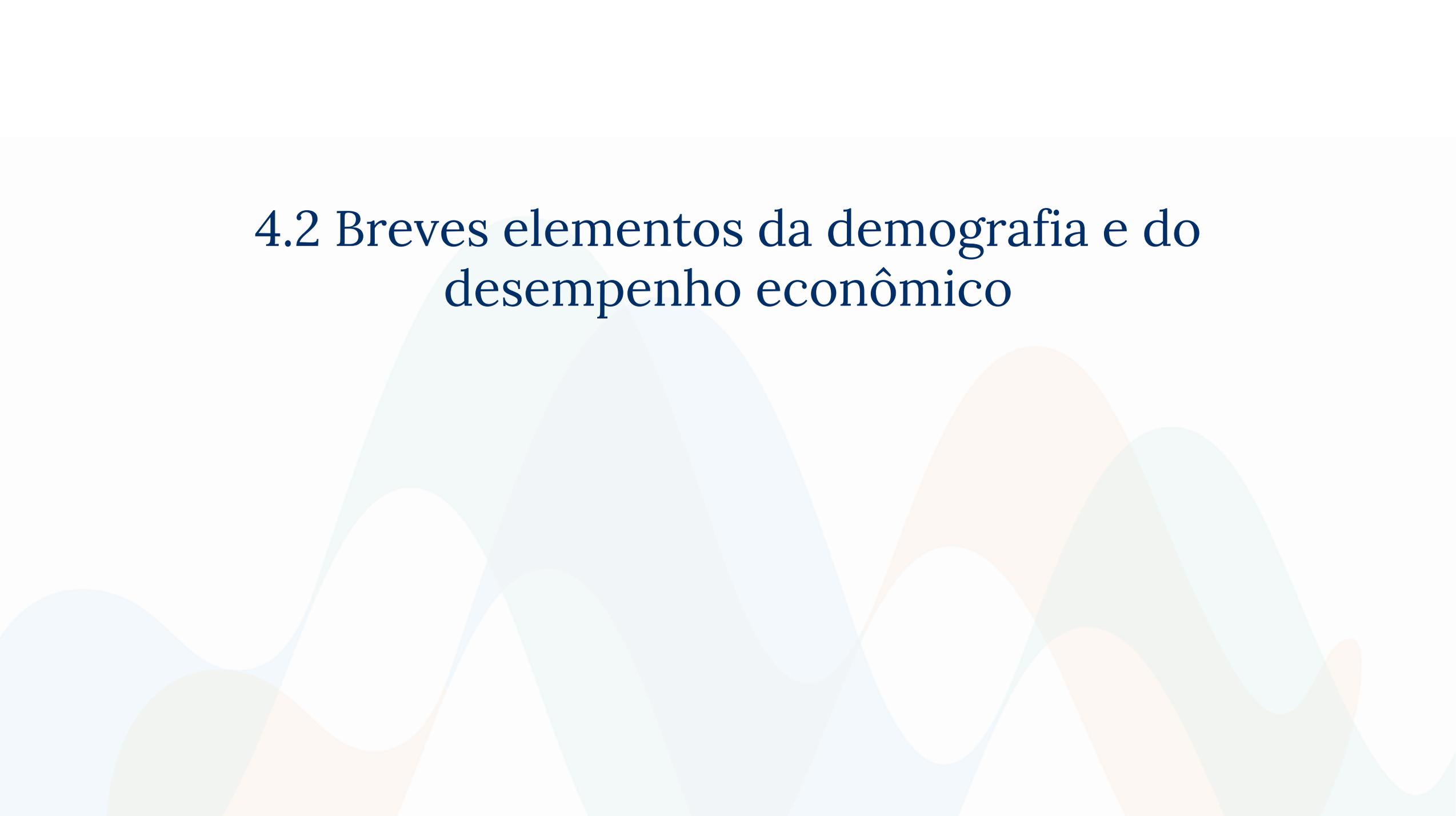
Resultados apresentados – o que vimos até aqui

- 55% dos jovens de 15 a 24 anos possuem responsáveis com baixa escolaridade (Ensino Médio incompleto ou menos).
- Entre jovens de 18 a 24 anos, apenas 13% alcançam o nível superior quando seus pais não completam o Ensino Médio. Esse percentual sobe para 40% para aqueles cujos pais completaram esta etapa.
- As mulheres participam menos do mercado de trabalho vis-à-vis os homens, e entre as jovens (25 a 29 anos) sua participação é crescente quanto maior é sua escolaridade (30% ocupadas com fundamental incompleto contra mais de 80% com superior completo).
- Mais de 60% dos jovens com baixa educação são absorvidos pelo mercado de trabalho informal.
- A baixa educação em conjunto com o alto índice de informalidade refletem piores salários. Em contrapartida, mais educação reflete além de melhores salários, estabilidade e seguridade.

EM SÍNTESE, APESAR DA MELHORIA NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS, O FATO É QUE NOSSA JUVENTUDE TEM BAIXA ESCOLARIDADE, TEM INSERÇÃO RUIM NO MERCADO DE TRABALHO E QUANDO FICAR MAIS VELHA, SEIRÁ PRECOCEMENTE DO MERCADO DE TRABALHO.

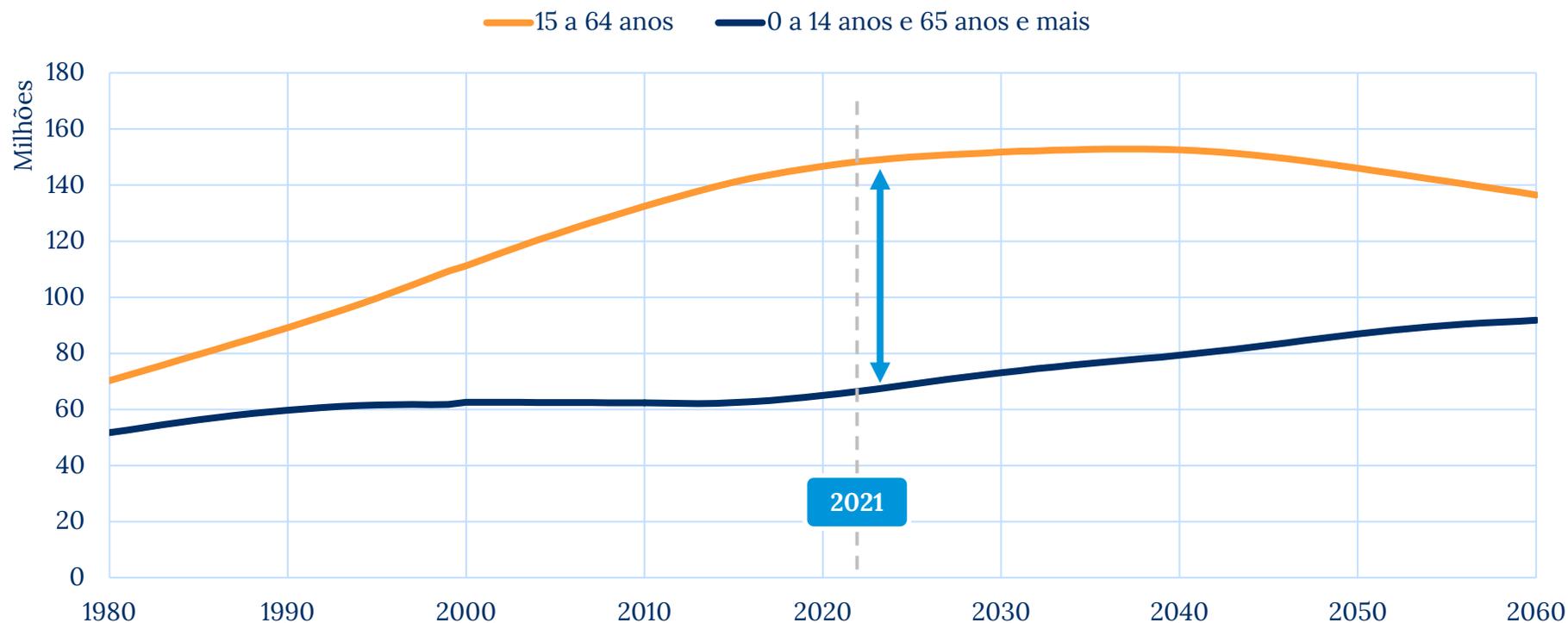
TUDO ISSO IMPACTA DIRETA E NEGATIVAMENTE A PRODUTIVIDADE MÉDIA DO TRABALHADOR BRASILEIRO

4.2 Breves elementos da demografia e do desempenho econômico

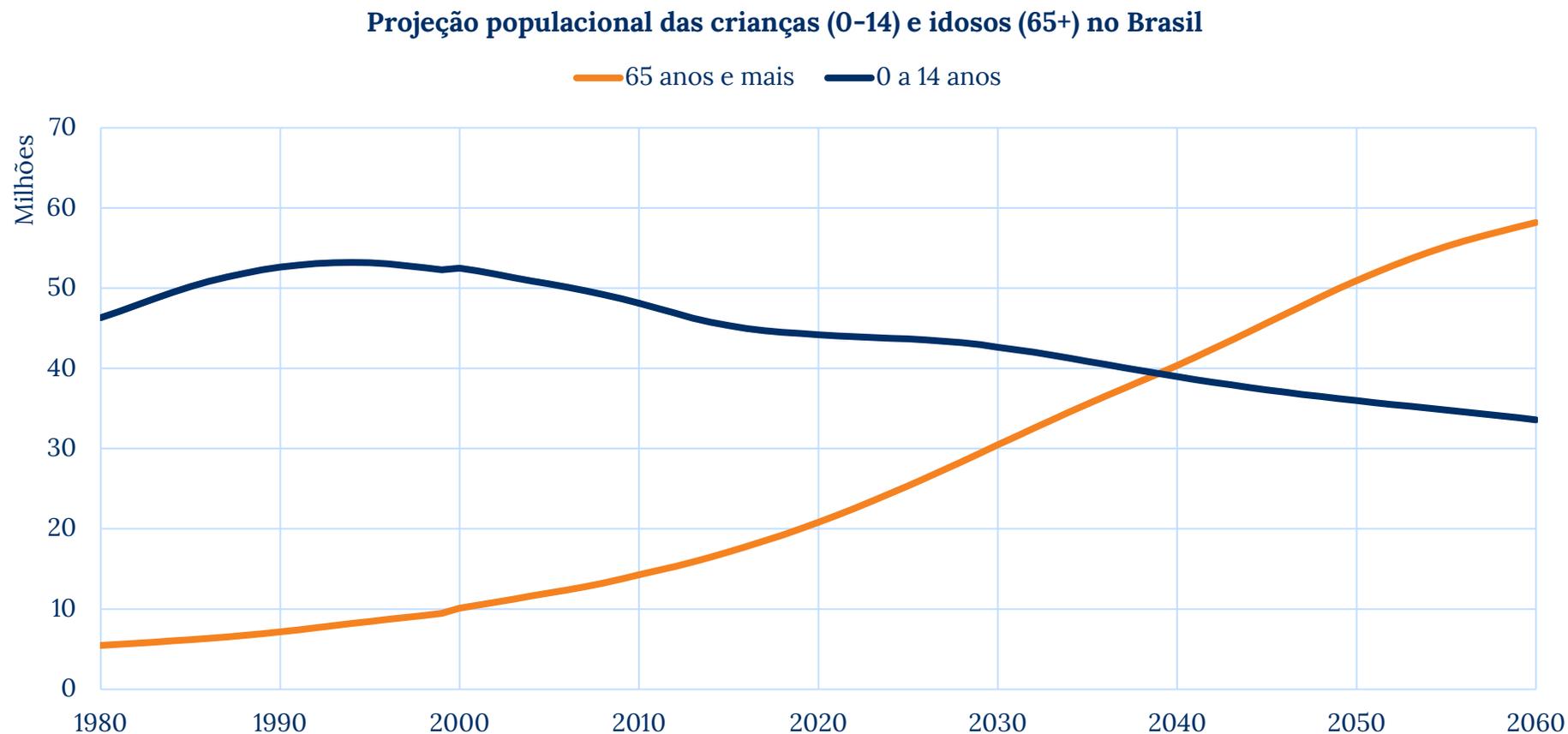


- O Brasil passou pelo pico do bônus demográfico em 2021.
- A tendência é que a população em idade ativa diminua em relação a população dependente.

Projeção populacional dos adultos (15-64) e crianças (0-14) e idosos (65+) no Brasil

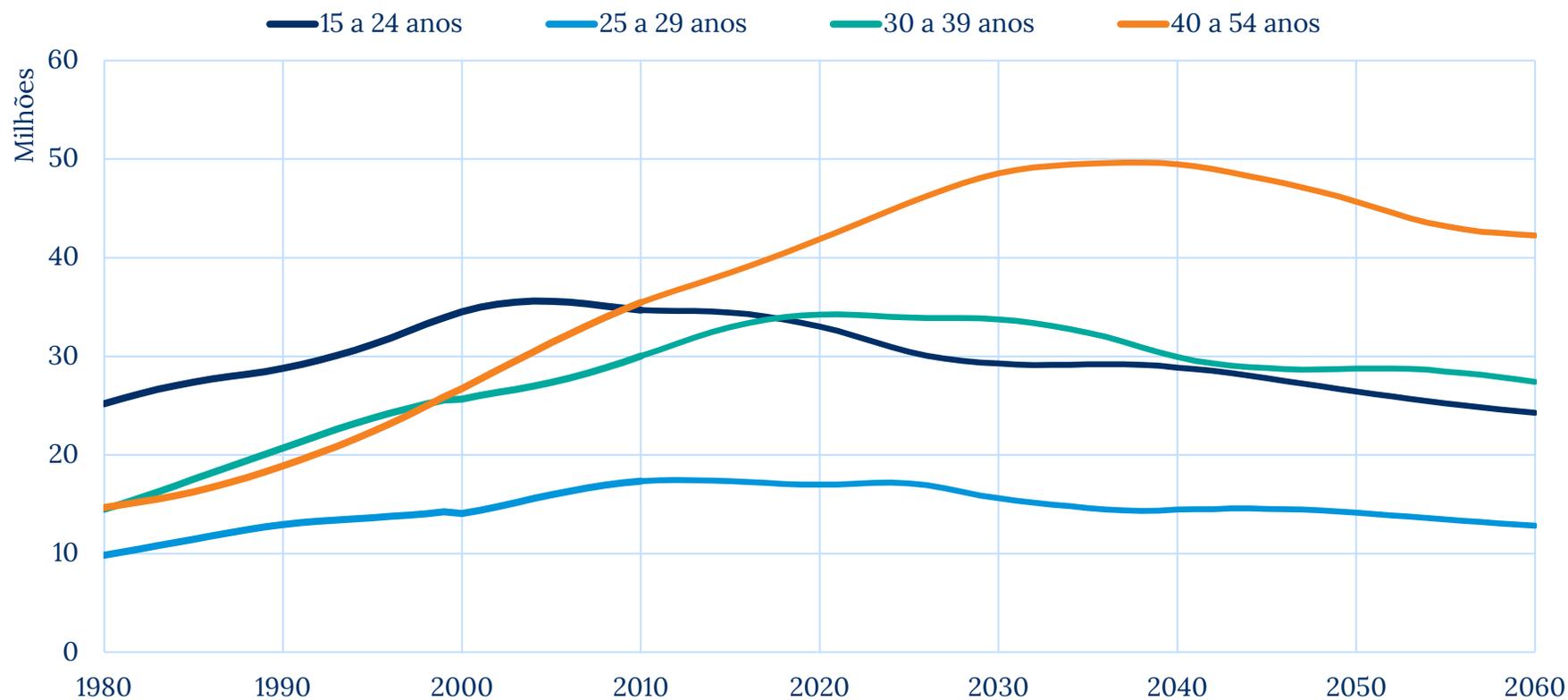


- O desafio do crescimento e do aumento da produtividade aumenta na medida que a população dependente cresce: em 2040, o número de idosos (65+) será maior que o número de crianças (0-14)



- **A transição demográfica da população jovem é atípica: transitamos de predominância da população de 15 a 24 anos para a população de 40 a 54 anos**

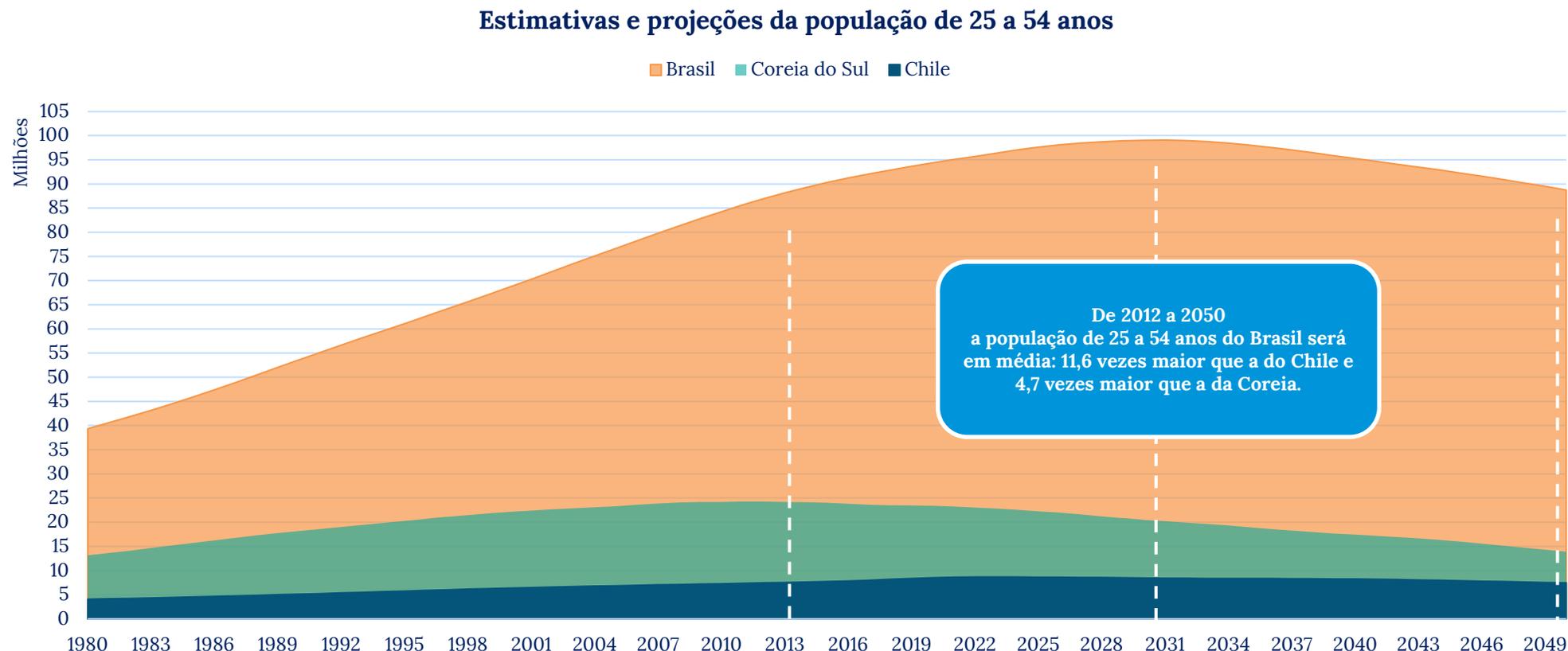
Projeção populacional dos jovens (15-24 e 25-29) e adultos (30-39 e 40-54) no Brasil



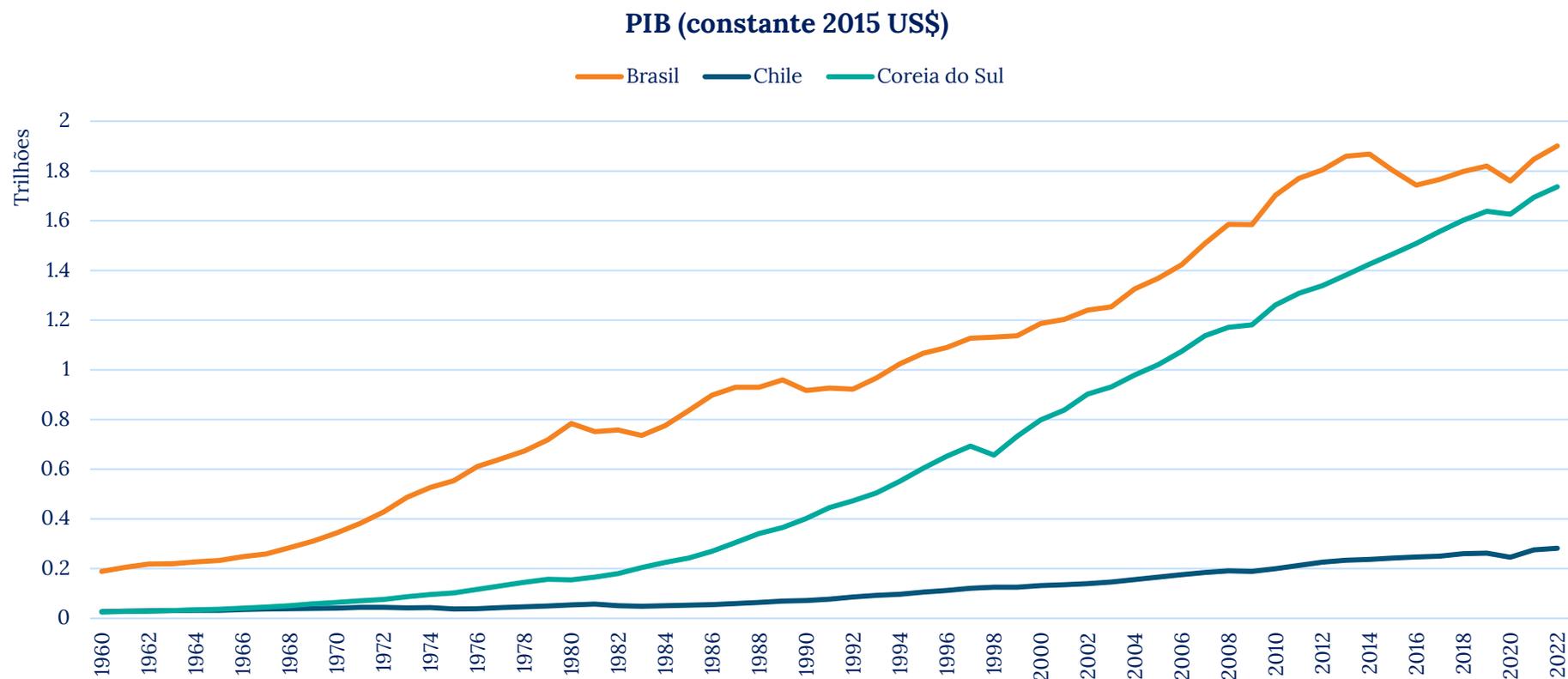
4.2 Breves elementos da demografia e do desempenho econômico

Uma perspectiva comparada

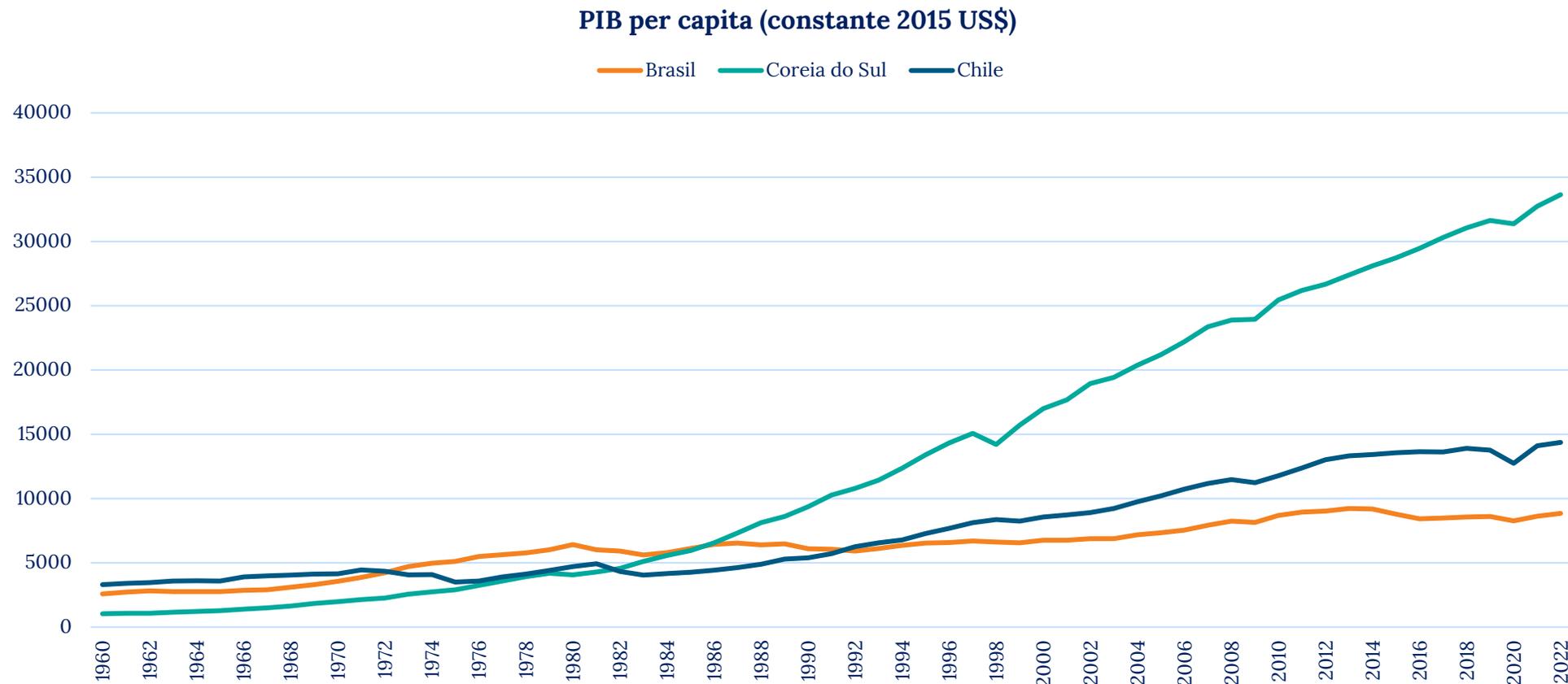
- Estima-se que entre 2012 e 2050 a população de 25 a 54 anos do Brasil será aproximadamente 12 vezes maior que a do Chile e 5 vezes maior que a da Coreia.
- Atualmente (2022), essa população no Brasil é 11 vezes maior que a chilena e 4 vezes maior que a coreana.



- Apesar da grande vantagem populacional, isso não é refletido no produto e na produtividade do país.
- Atualmente (2022), o PIB brasileiro é aproximadamente 7 vezes maior que o PIB chileno.
- Em relação à Coreia do Sul, apenas 10% maior.



- Desde 2015 o PIB per capita do Chile é mais que 1,5 vezes o do Brasil.
- Já a Coreia do Sul, chegou a PIB per capita quase 4 vezes maior que o do Brasil em 2021, enquanto tem população de 25 a 54 anos 4 vezes menor.



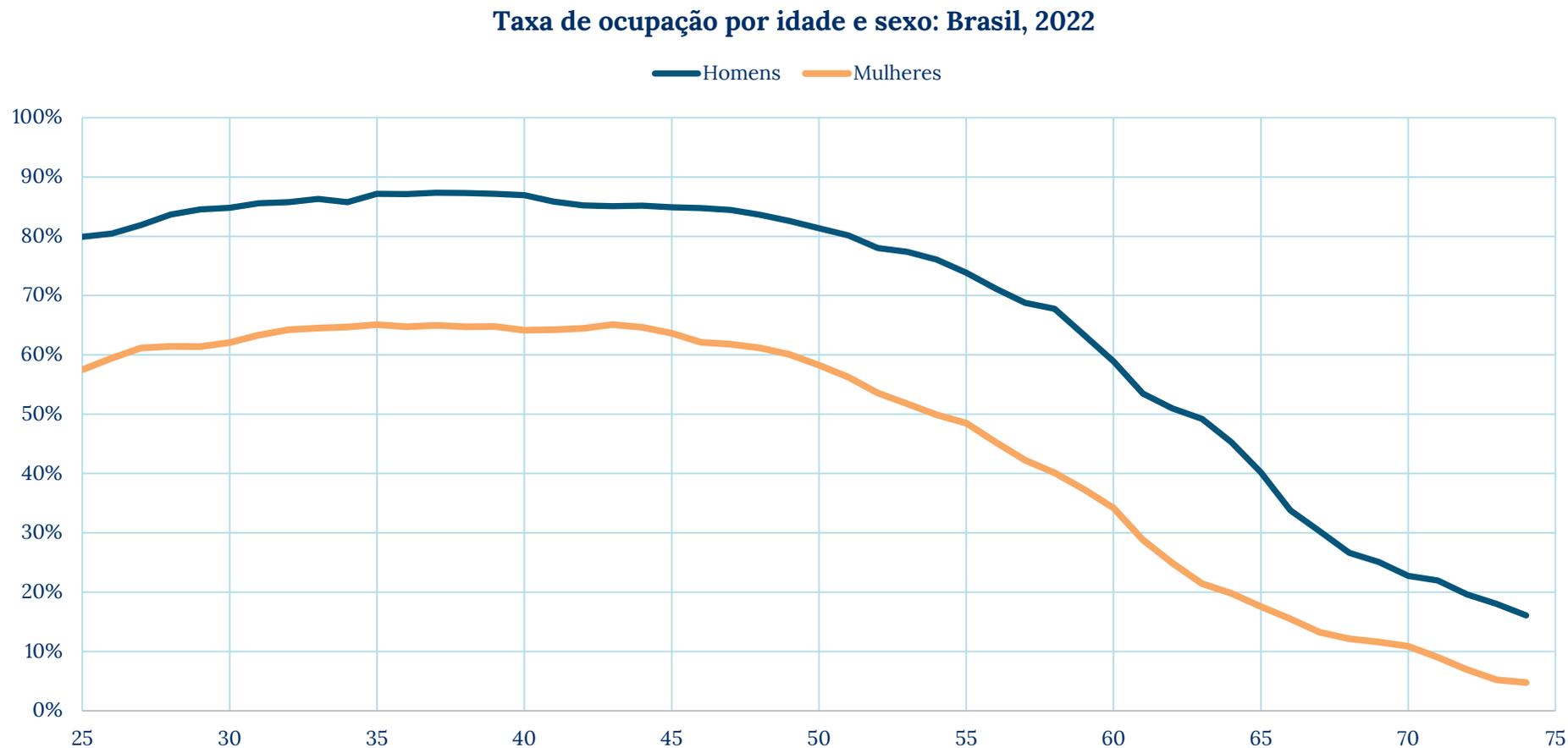
4.3 Exercícios contrafactuais

O que o Brasil poderia ser

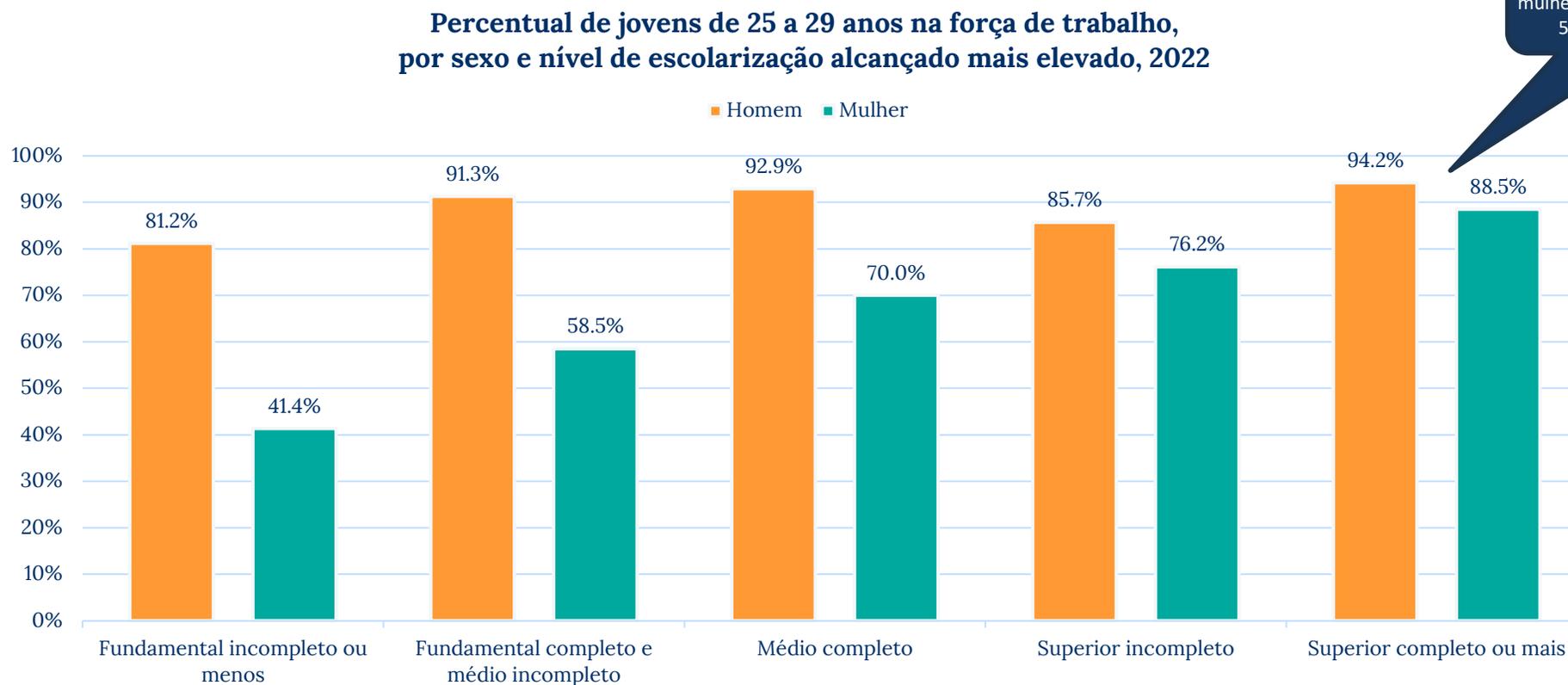
QUESTÃO

- **Será que se mantivermos os mesmos padrões de:**
 - **Escolarização da força de trabalho;**
 - **Taxas de participação feminina no mercado de trabalho**
 - **Taxas de saída (precoce) do mercado de trabalho**
- **Teremos sucesso no terrível dilema de enriquecer antes de envelhecer?**
- **Esses aspectos serão observados a partir de seu comportamento atual e, em seguida, será feito um exercício de simulações contrafactuais que alteram esses 3 aspectos nos próximos anos.**
- **Para efeito das simulações, utilizaremos parâmetros de dois países: Chile e Coreia.**
- **Para efeito de cálculos todas as simulações têm início em 2022**

- Apesar de uma trajetória similar à dos homens, as mulheres têm menor inserção produtiva para todas as idades

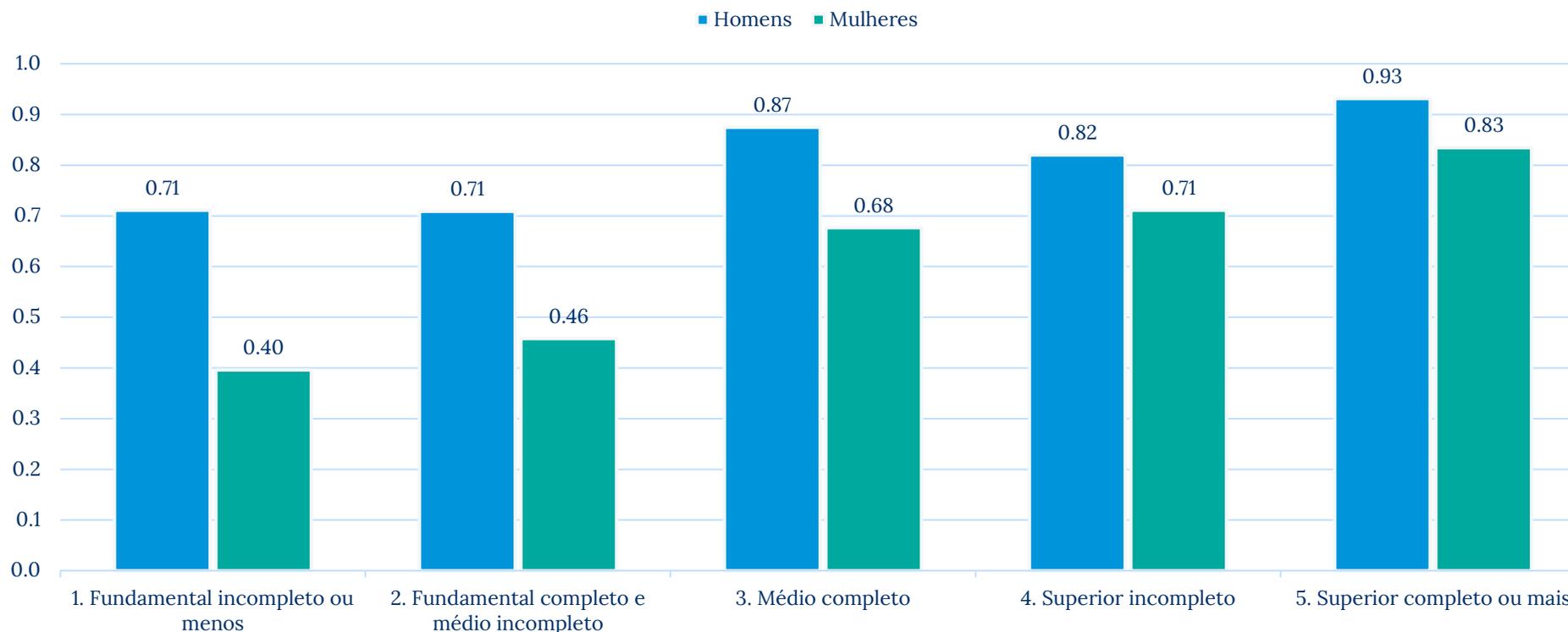


- **As mulheres participam menos do que homens no mercado de trabalho, porém quanto maior sua escolaridade, maior a taxa de participação**



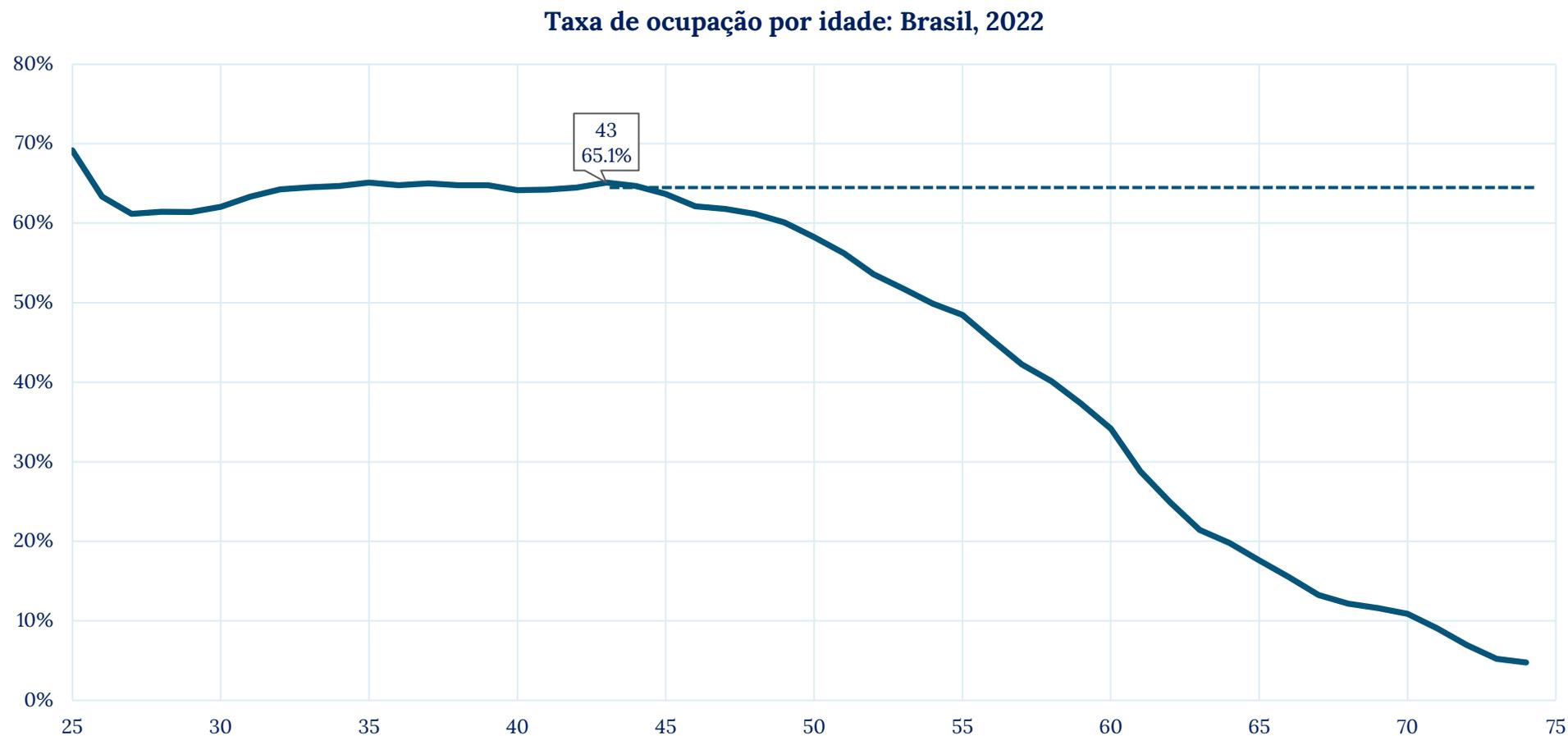
- **Adicionalmente, níveis mais baixos de escolaridade afetam negativamente a taxa de participação no mercado de trabalho.**

**População Economicamente Ativa sobre população total de 25 a 29 anos,
por nível de escolaridade e sexo, 2022**



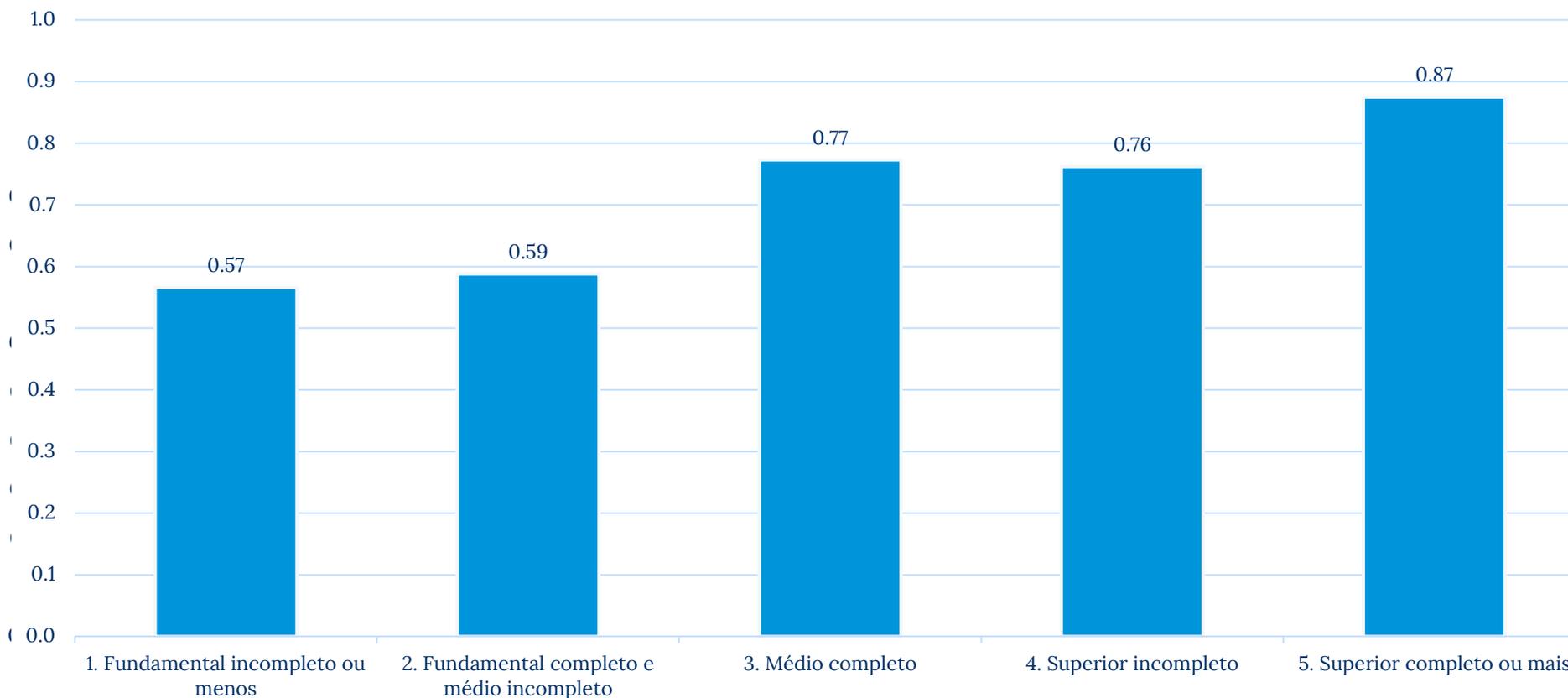
Nota: A PEA é obtida pela soma da população ocupada e desocupada entre 15 e 64 anos.

- A partir dos 43 anos há uma queda consistente na taxa de ocupação da população brasileira.



- Os menos escolarizados têm menor probabilidade de serem economicamente ativos.

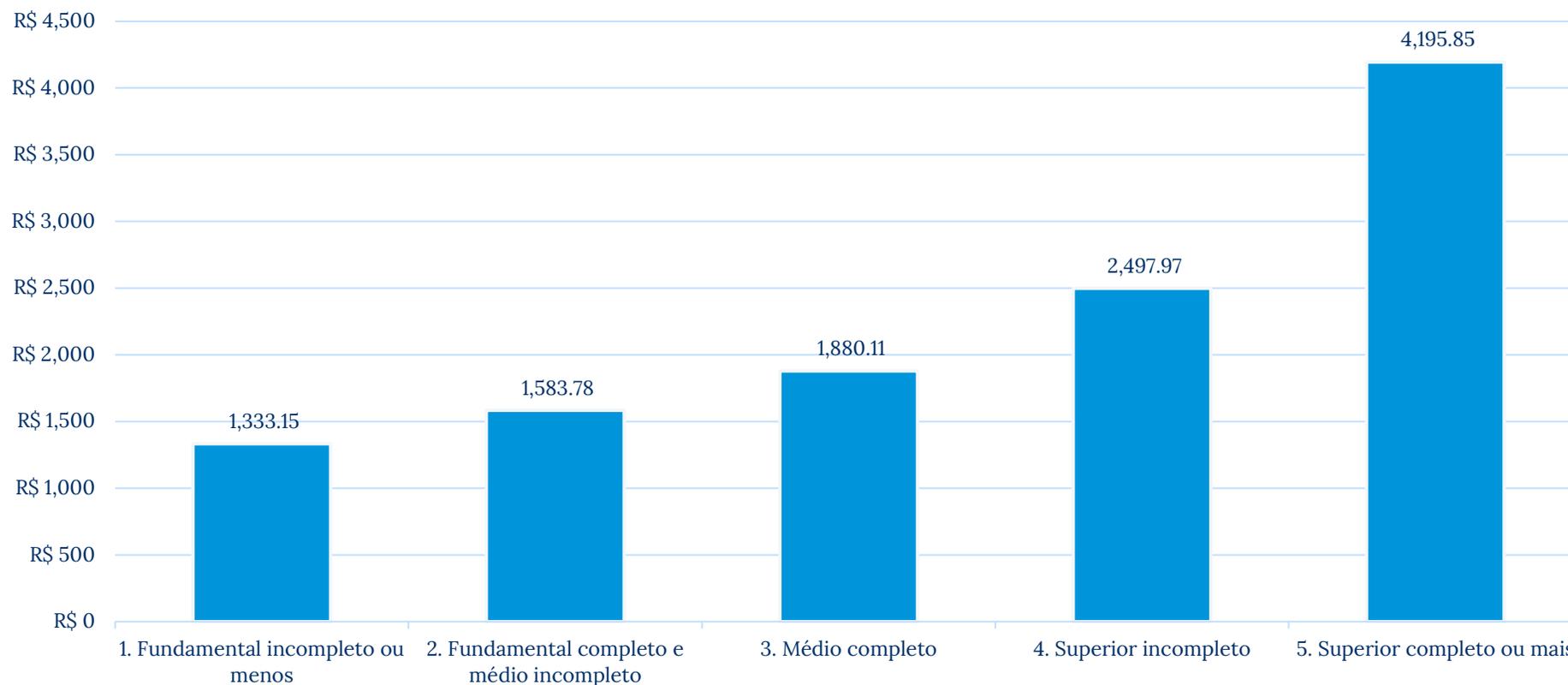
Percentual da População Economicamente ativa em relação à população total de 25 a 29 anos, por nível de escolaridade, 2022



Nota: A PEA é obtida pela soma da população ocupada e desocupada entre 15 e 64 anos.

- Além de estarem relacionados à menor participação no mercado de trabalho, níveis mais baixos de escolaridade estão relacionados à pior qualidade dessa participação, ou seja, menor rendimento médio.
- A maior diferença de rendimento médio ocorre na passagem do ensino médio para o nível superior.

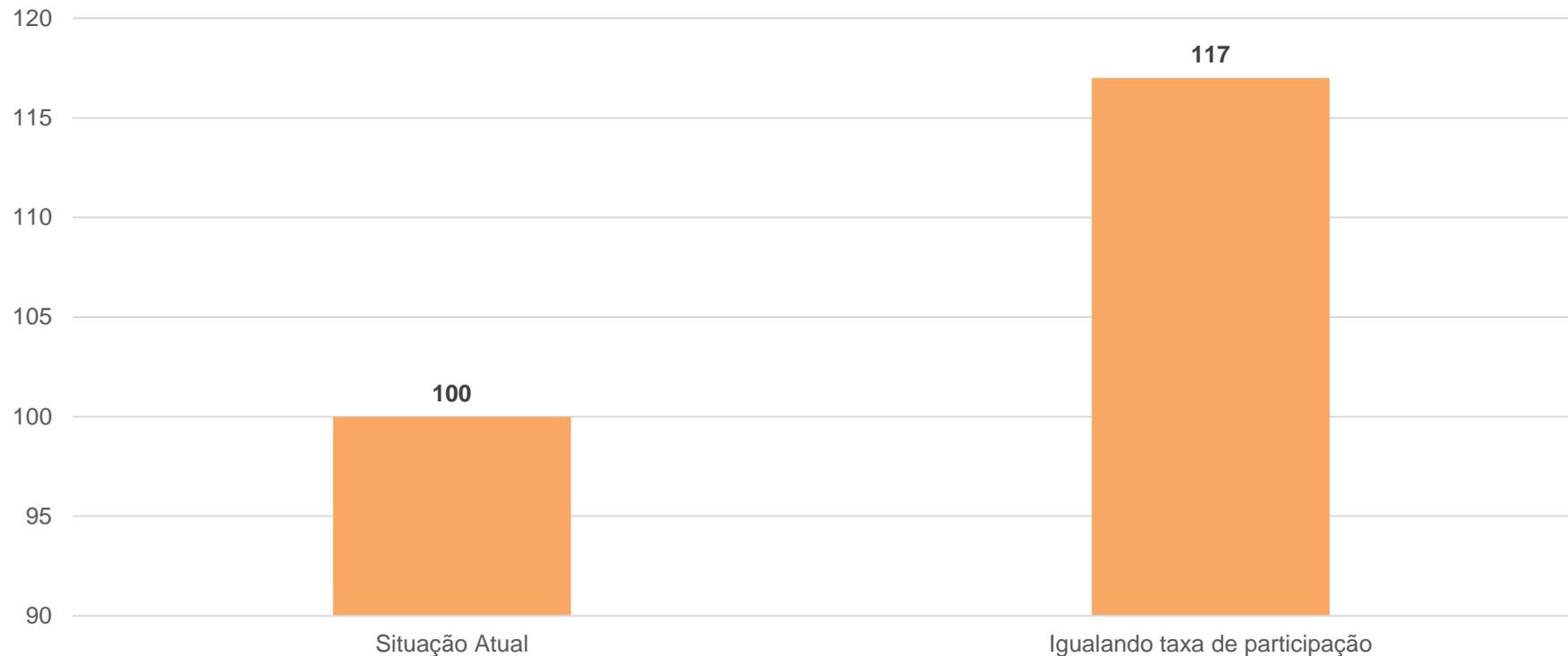
Rendimento médio da população de 25 a 34 anos,
por nível de escolaridade, 2022



1ª Etapa

O que aconteceria com o produto gerado pela população de 25 a 54 anos se para os mesmos níveis de escolaridade igualássemos a taxa de participação feminina à taxa de participação masculina no mercado de trabalho?

Simulação contrafactual do impacto sobre a geração de renda do trabalho do grupo etário 25 a 54 anos igualando taxa de participação feminina



2ª Etapa

O que aconteceria em termos de geração de renda se, além de igualarmos a taxa de participação feminina, tivéssemos a mesma escolaridade do Chile ou da Coréia e considerássemos a dinâmica até que esse primeiro grupo atingisse a idade 50-54?

Vejamos inicialmente as diferenças de escolarização entre Brasil, Chile e Coréia.

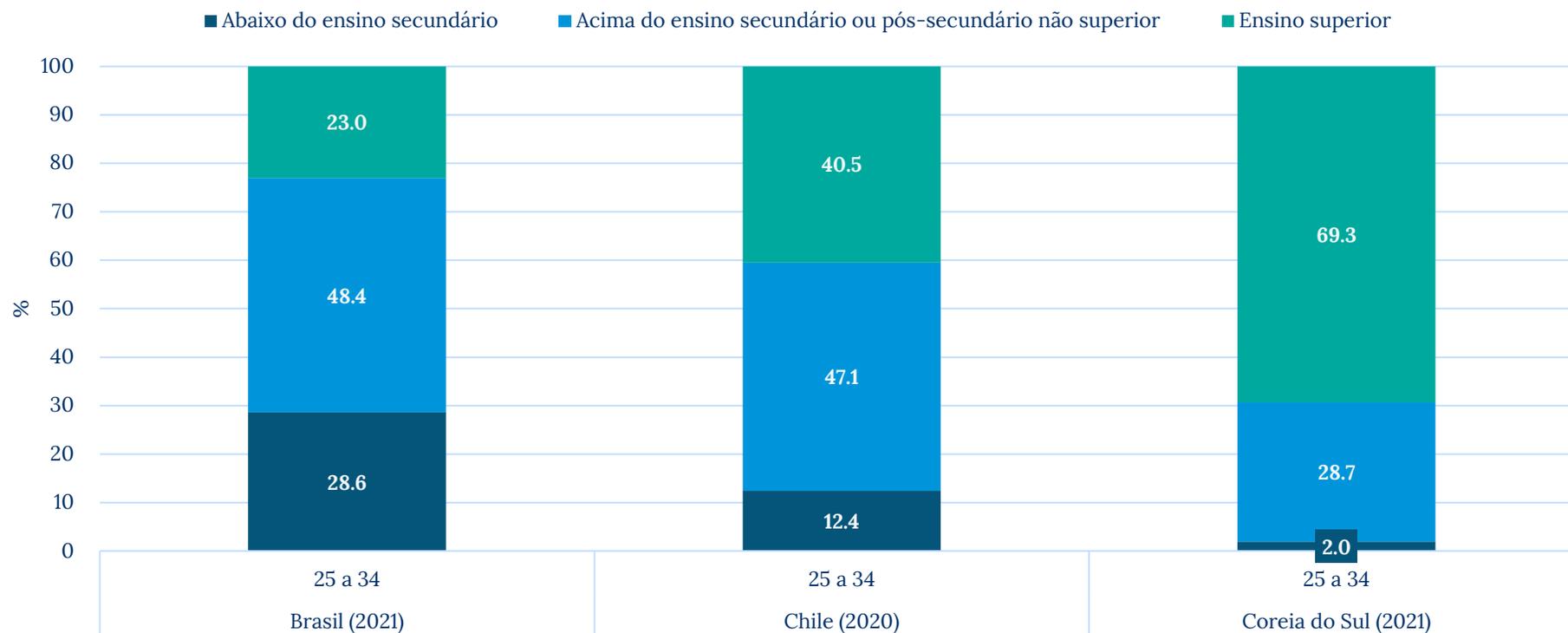
Inicialmente, é necessário considerar as diferenças de escolarização em grupos comparáveis. Os grupos etários comparáveis dão: 25 a 29 anos e 25 a 34 anos.

Em seguida, considerando as trajetórias de Brasil, Chile e Coréia entre 1970 e 2010 (último dado disponível para comparação) é possível identificar o tempo necessário para que o Brasil possa atingir a escolaridade de Chile ou Coréia, respectivamente.

Essas informações são apresentadas nos dois gráficos seguintes.

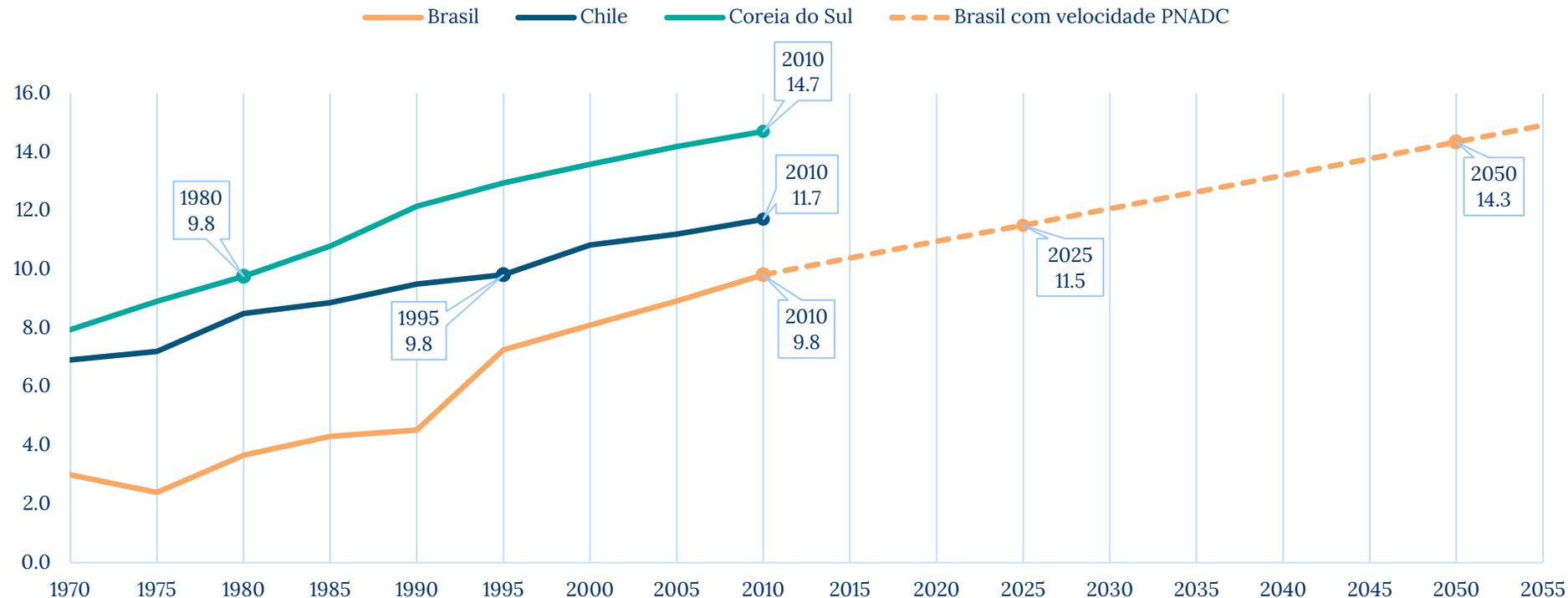
- **Em relação ao Ensino superior, o Brasil está muito atrás dos 2 países de comparação.**
- **Comparando as coortes recém chegadas ao mercado de trabalho no Brasil, no Chile e na Coreia do Sul, é possível observar que os brasileiros ingressam na fase mais produtiva com níveis de escolaridade muito inferiores.**

Distribuição da população de 25 a 34 anos por nível de escolaridade



Mas seria factível simplesmente igualar a estrutura educacional brasileira? Evidentemente que não seria. Vejamos a dinâmica de escolarização desses países

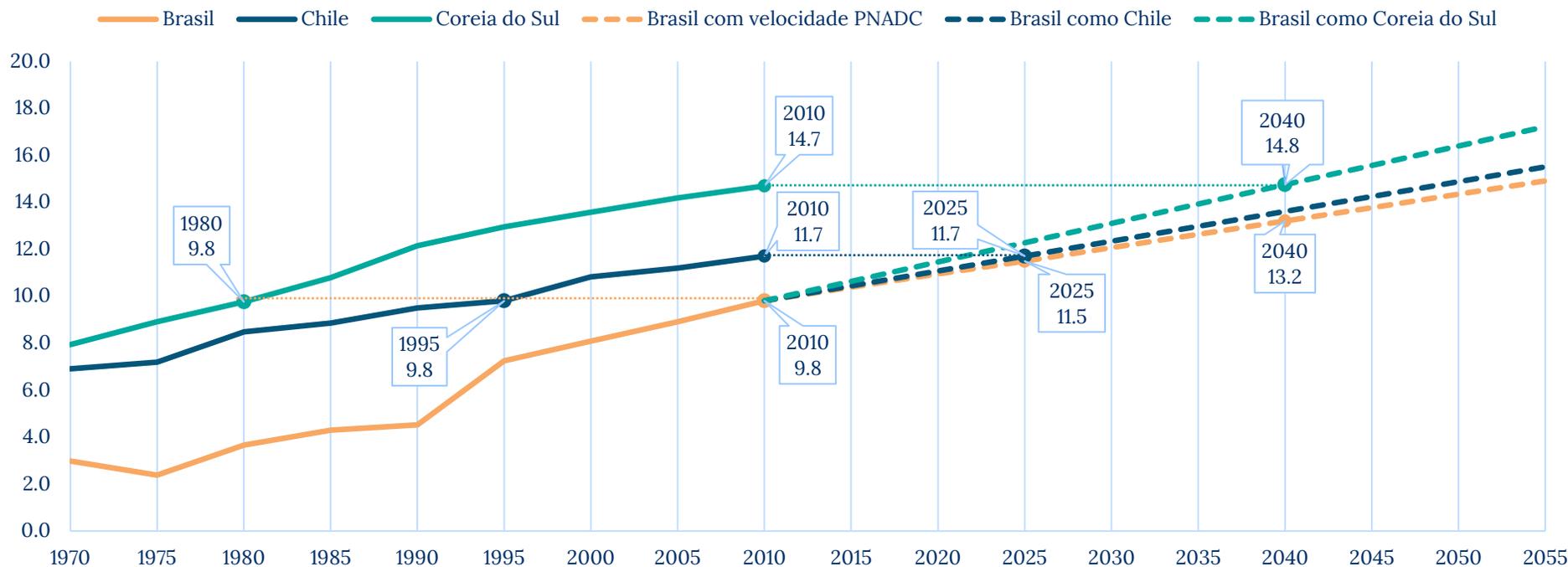
Evolução da média de anos de estudo entre a população de 25 a 29 anos: Brasil, Chile e Coreia do Sul



- **Analisando a média de anos de estudo, o Brasil tem evoluído em um ritmo bom comparado ao Chile e à Coreia, mas não o suficiente para reduzir a distância de quase 2 anos em relação ao Chile e 5 em relação à Coreia.**
- **Estima-se que o Brasil alcançará o nível de escolarização que esses países registraram em 2010 após 2025 no caso do Chile e somente em 2050 no caso da Coreia.**

- Chile e Coreia do Sul levaram 15 e 30 anos para sair do ponto em que o Brasil se encontra (9,81 – 2010) até o ponto onde estão (11,71 e 14,75), respectivamente.
- Aplicando a mesma velocidade de transição, o Brasil chegaria à escolarização do Chile em 2025 e à da Coreia em 2040.

Média de anos de estudo, 25 a 29 anos (Barro-Lee: 1970-2010) e Contrafactuais para o Brasil segundo trajetória do Chile e da Coreia do Sul



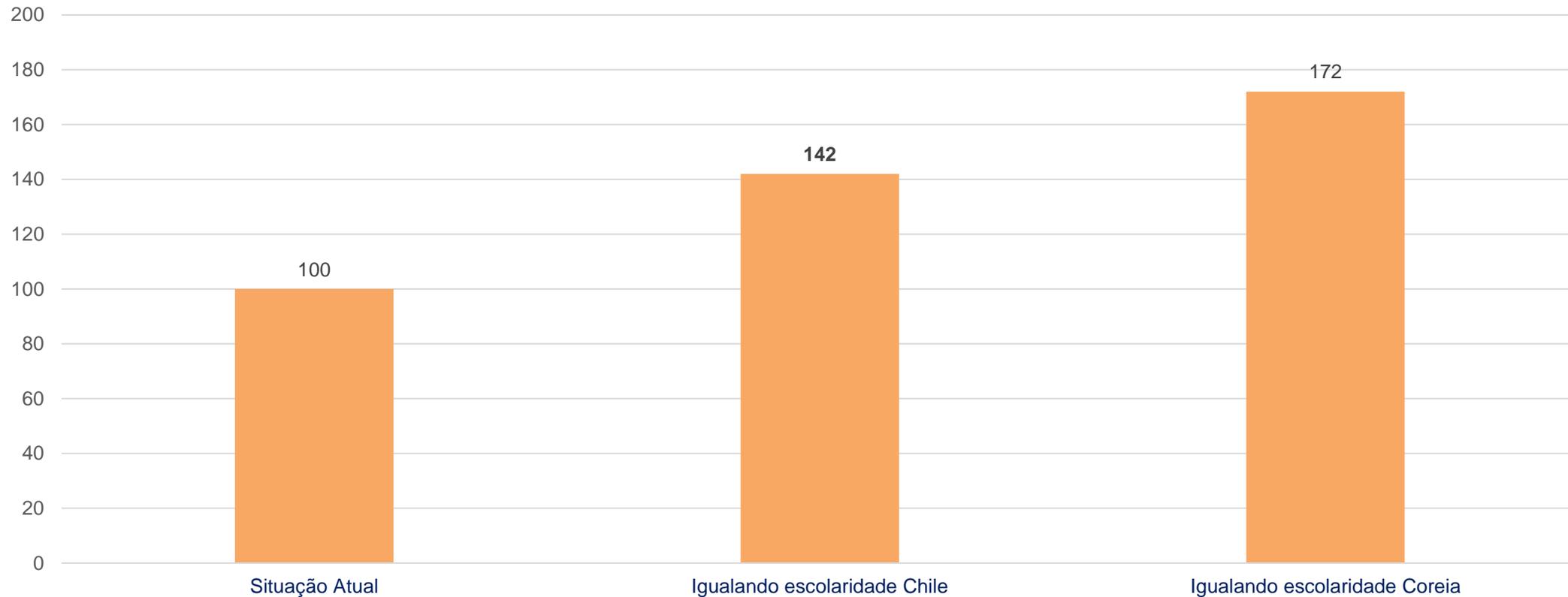
- **Tendo em vista e enorme diferença de escolaridade entre Brasil, Chile e Coréia, optamos por analisar 3 possíveis trajetórias para o tratamento da escolaridade brasileira:**
 - 1) **Mudança imediata na escolaridade:** se a partir de 2023 começássemos a produzir uma escolaridade nos jovens que acabam o ciclo educacional e entram no mercado de trabalho (25 a 29 anos) como se fosse similar aos chilenos.
 - 2) **Crescimento gradual a escolaridade:** se o Brasil levasse o mesmo tempo que o Chile levou para chegar ao nível de escolarização que o Chile tem hoje. O Brasil começaria a aumentar a escolaridade a partir de hoje até alcançar o que o Chile é hoje em 2025.
 - 3) **Crescimento possível na escolaridade: como se implantássemos no Brasil duas políticas que garantissem que a probabilidade de um jovem brasileiro a partir dos 11 anos concluir o Ensino médio fosse a mesma que um chileno e adicionalmente, que a probabilidade de um brasileiro de 18 concluir o ensino superior fosse como a de um chileno.** A mudança começaria em 2023, mas só haveria efeito quando esses jovens de 11 e 18 anos chegassem na fase produtiva de 25 anos.

Nosso entendimento é que as trajetórias 1 e 2 servem apenas para ilustrar e quantificar a perda de potencial produtivo. Mas são trajetórias não factíveis dado o histórico brasileiro de mais de 40 anos

Os resultados estão apresentados a seguir:

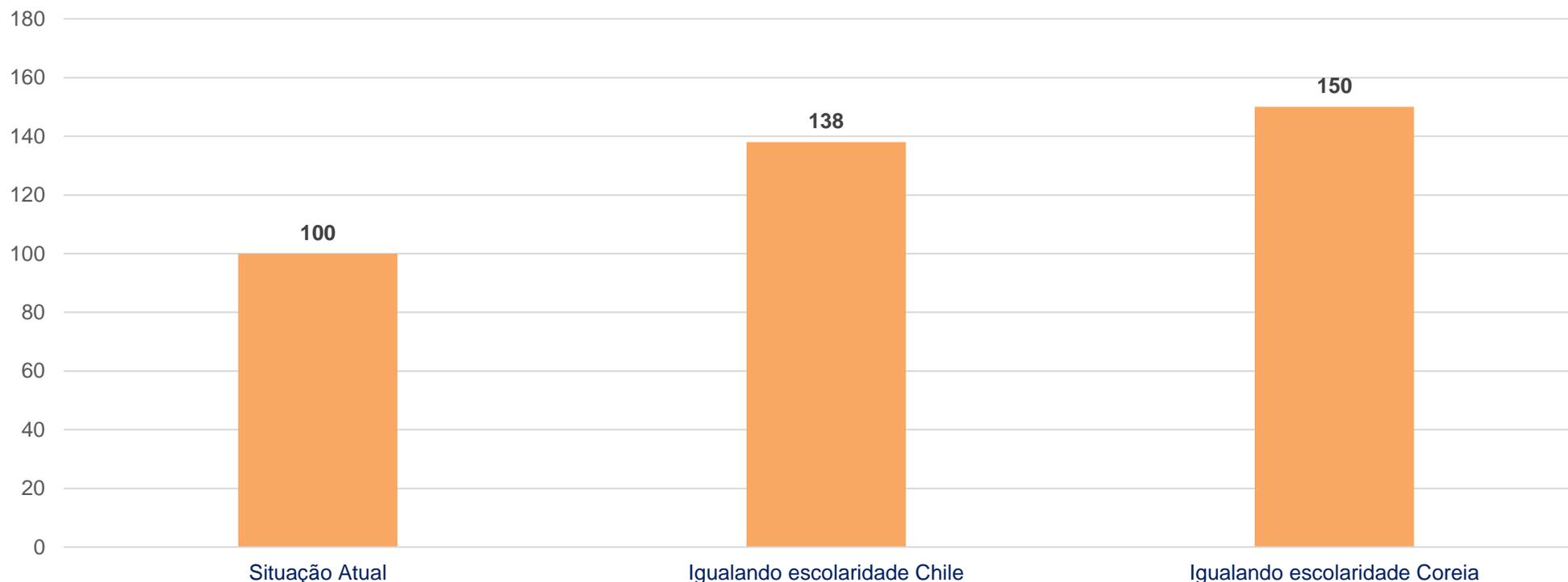
2ª Etapa – Igualando as escolaridades em relação a Chile e Coréia instantaneamente e considerando o realizado na etapa anterior

Simulação contrafactual do impacto sobre a geração de renda do trabalho do grupo etário 25 a 54 anos igualando taxa de participação feminina e igualando instantaneamente a escolaridade de Chile ou Coréia



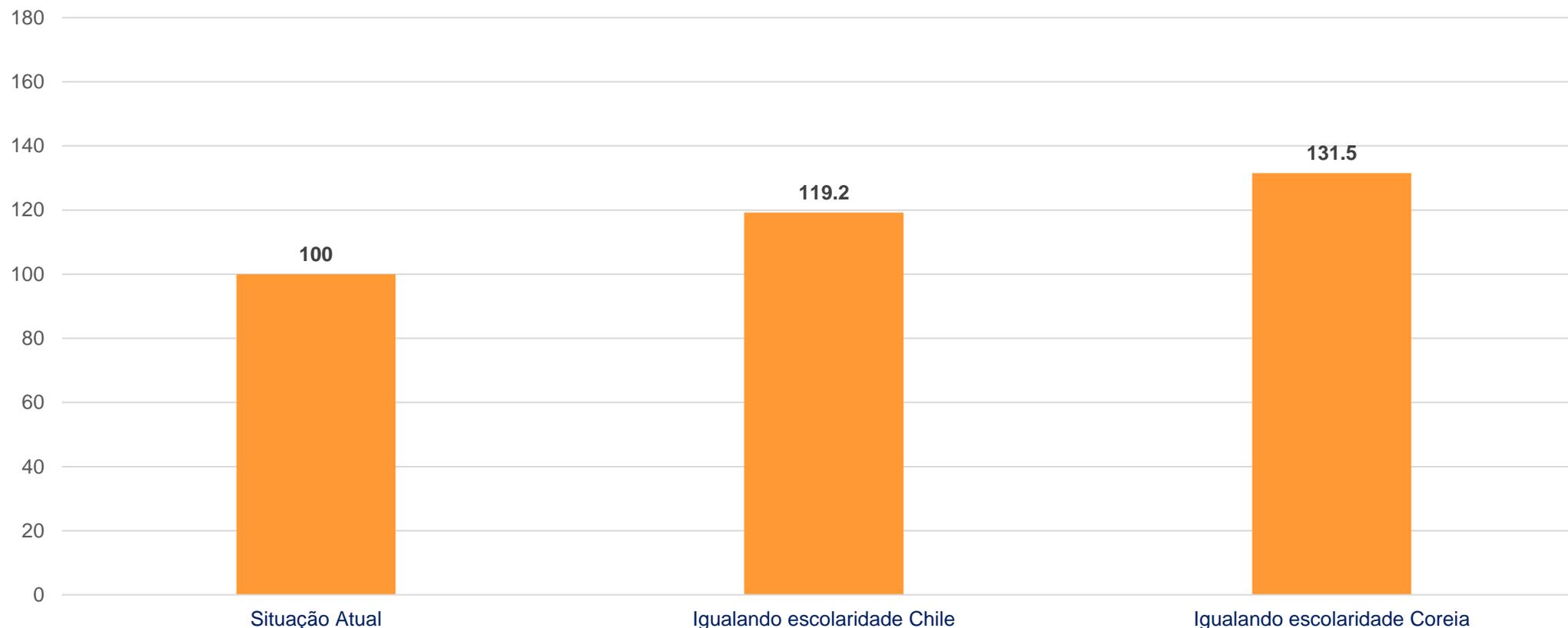
2ª Etapa – Igualando as escolaridades em relação a Chile e Coréia em um processo progressivo de 15 anos e 30 anos para igualar a escolaridade do Chile e da Coréia, respectivamente, já considerada a igualdade na taxa de participação feminina.

Simulação contrafactual do impacto sobre a geração de renda do trabalho do grupo etário 25 a 54 anos igualando taxa de participação feminina e igualando progressivamente a escolaridade de Chile (15 anos) ou Coréia (30 anos)



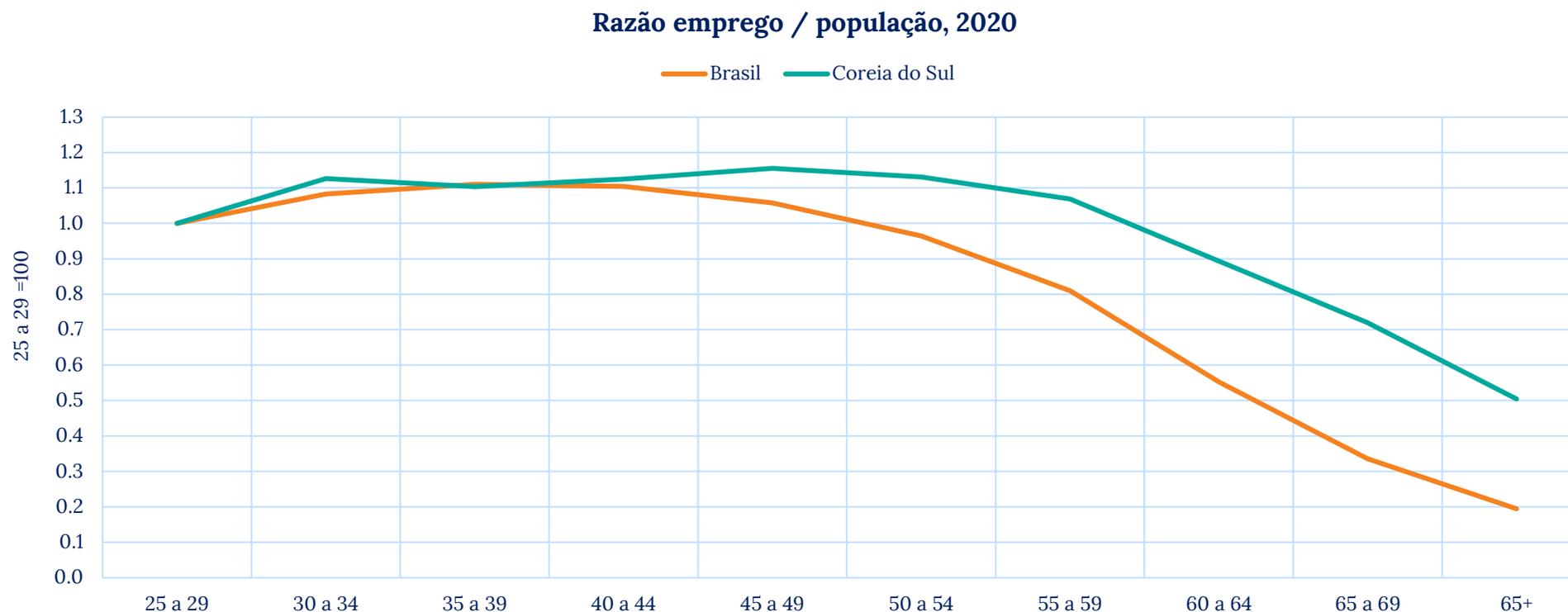
2ª Etapa – Elevando nossa escolaridade rumo à escolaridade do Chile e da Coréia em um processo em ritmo compatível com o histórico brasileiro, já considerada a igualdade na taxa de participação feminina.

Simulação contrafactual do impacto sobre a geração de renda do trabalho do grupo etário 25 a 54 anos igualando taxa de participação feminina e implementando o programa de aumento da escolaridade rumo ao Chile e Coréia em ritmo compatível com nosso históri



3ª Etapa

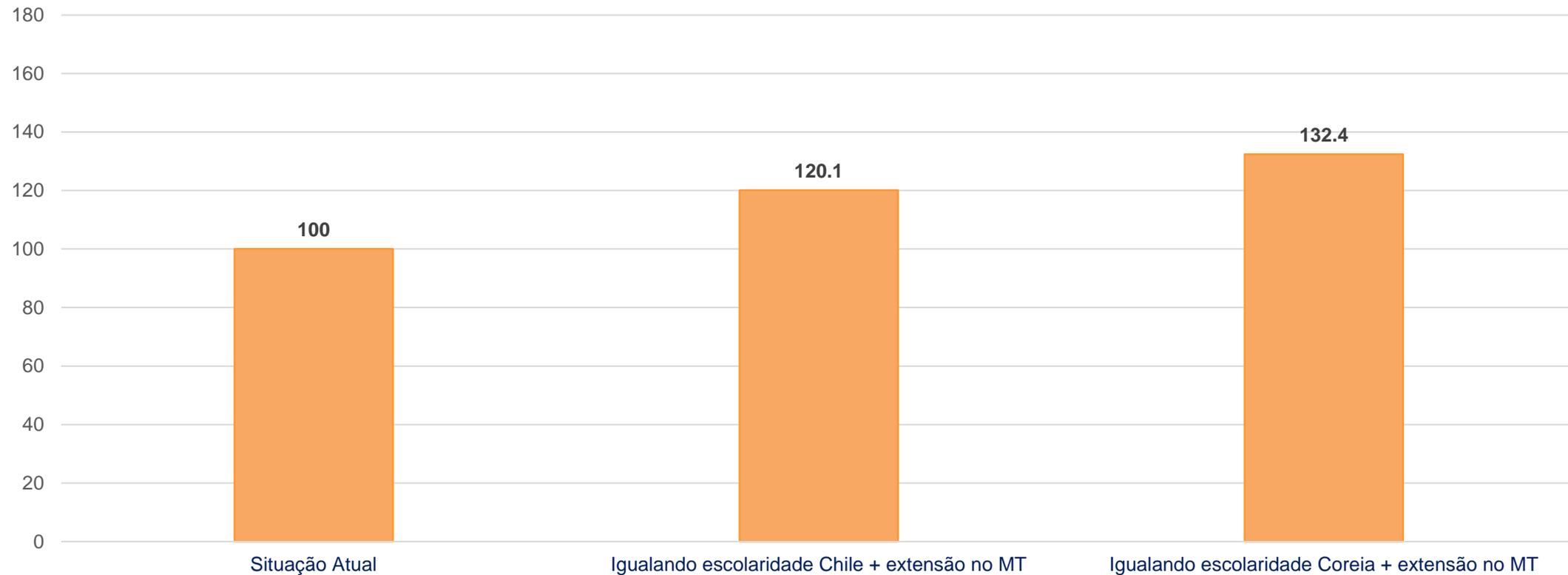
A última etapa consistiu – levando as etapas anteriores em consideração – trazer para a força de trabalho brasileira a mesma taxa de participação observada no mercado de trabalho coreano para o grupo etário de 45 a 54 anos, tal como mostrado nesse gráfico



É possível observar que a queda na taxa de ocupação brasileira inicia-se na faixa de 40 a 44 anos, bem antes da coreana.

3ª Etapa – Levando as etapas anteriores em consideração e fazendo com que a força de trabalho brasileira tenha a mesma taxa de participação observada no mercado de trabalho coreano para o grupo etário de 45 a 54 anos.

Simulação contrafactual do impacto sobre a geração de renda do trabalho do grupo etário 25 a 54 anos igualando taxa de participação feminina, implementando o programa de aumento da escolaridade rumo ao Chile e Coreia em ritmo compatível com nosso histórico



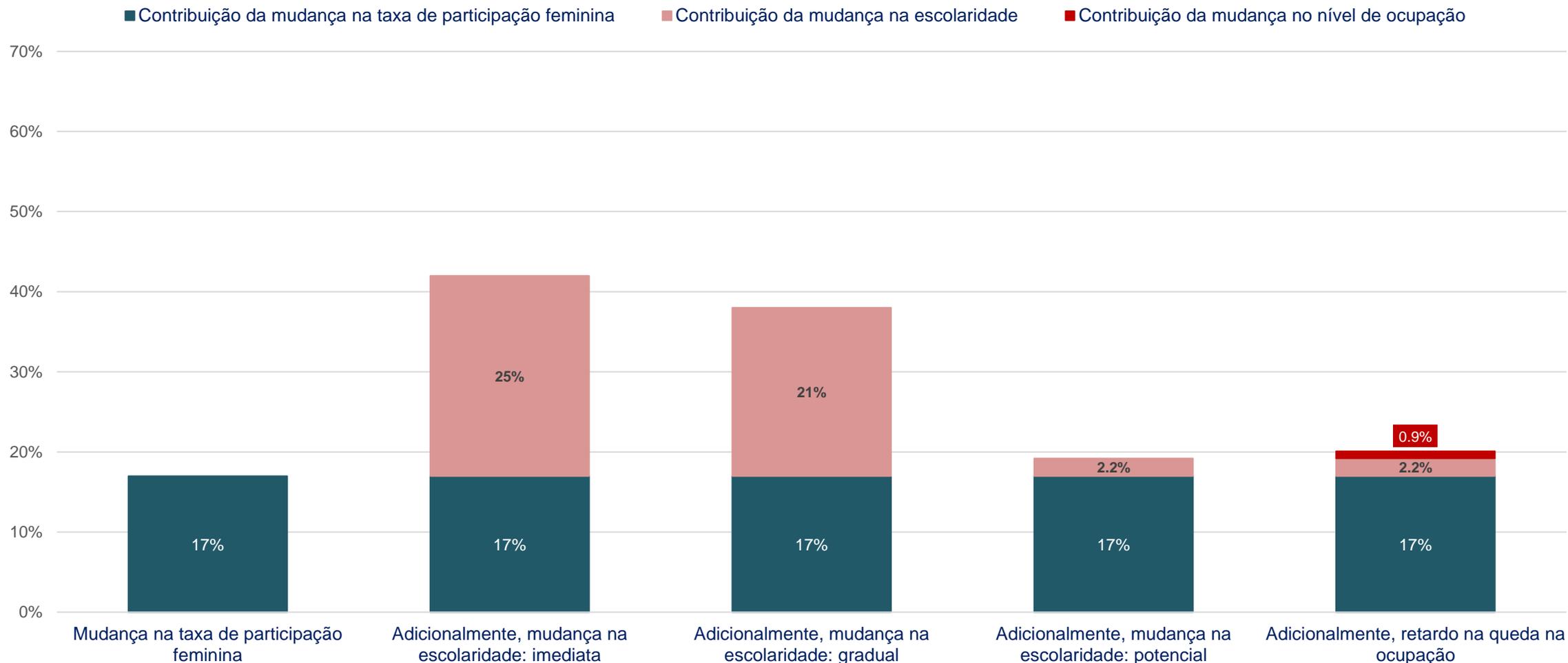
- **Tendo em vista e enorme diferença de escolaridade entre Brasil, Chile e Coréia, optamos por analisar 3 possíveis trajetórias para o tratamento da escolaridade brasileira:**
 - 1) **Mudança imediata na escolaridade:** se a partir de 2023 começássemos a produzir uma escolaridade nos jovens que acabam o ciclo educacional e entram no mercado de trabalho (25 a 29 anos) como se fosse similar aos chilenos.
 - 2) **Crescimento gradual a escolaridade:** se o Brasil levasse o mesmo tempo que o Chile levou para chegar ao nível de escolarização que o Chile tem hoje. O Brasil começaria a aumentar a escolaridade a partir de hoje até alcançar o que o Chile é hoje em 2025.
 - 3) **Crescimento possível na escolaridade: como se implantássemos no Brasil duas políticas que garantissem que a probabilidade de um jovem brasileiro a partir dos 11 anos concluir o Ensino médio fosse a mesma que um chileno e adicionalmente, que a probabilidade de um brasileiro de 18 concluir o ensino superior fosse como a de um chileno.** A mudança começaria em 2023, mas só haveria efeito quando esses jovens de 11 e 18 anos chegassem na fase produtiva de 25 anos.

Nosso entendimento é que as trajetórias 1 e 2 servem apenas para ilustrar e quantificar a perda de potencial produtivo. Mas são trajetórias não factíveis dado o histórico brasileiro de mais de 40 anos

Os resultados estão apresentados a seguir:

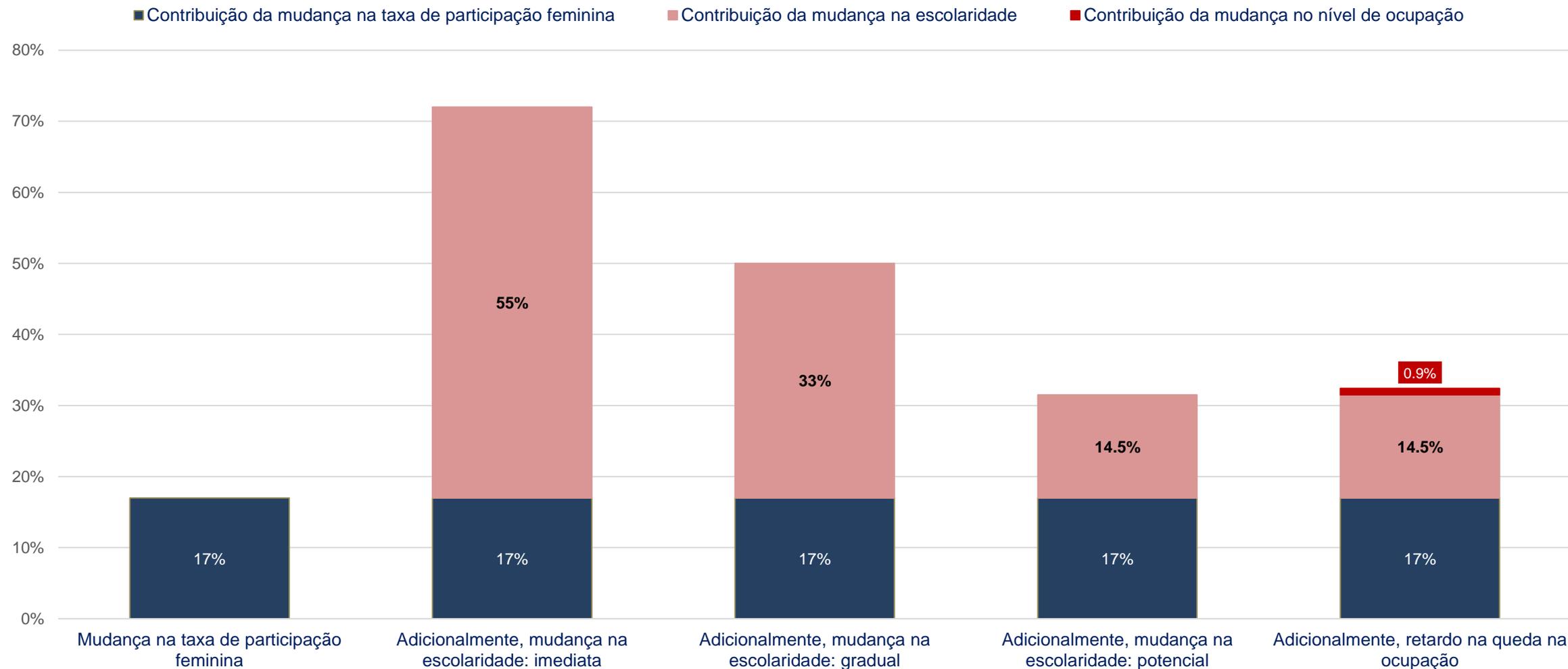
Os Resultados finais

Simulações contrafactuais tendo como referência a escolaridade chilena



Os Resultados finais

Simulações contrafactuais tendo como referência a escolaridade coreana



**Principais desafios para a Juventude no Brasil
e impactos sobre a renda e a produtividade**

Outubro de 2023

Imds e Oppen Social

Rio de Janeiro

www.imdsbrasil.org

contato@imdsbrasil.org